

A close-up photograph of a man's face and upper torso. He is wearing dark sunglasses and a white tank top. A thin black cord with a small wooden bead hangs around his neck. The background is a blurred image of a compass rose, with the number 12 visible at the top. The overall tone is warm and adventurous.

ABBI GLINES

TENTACÃO
SEM LIMITES





TENTAÇÃO
SEM LIMITES



O ARQUEIRO

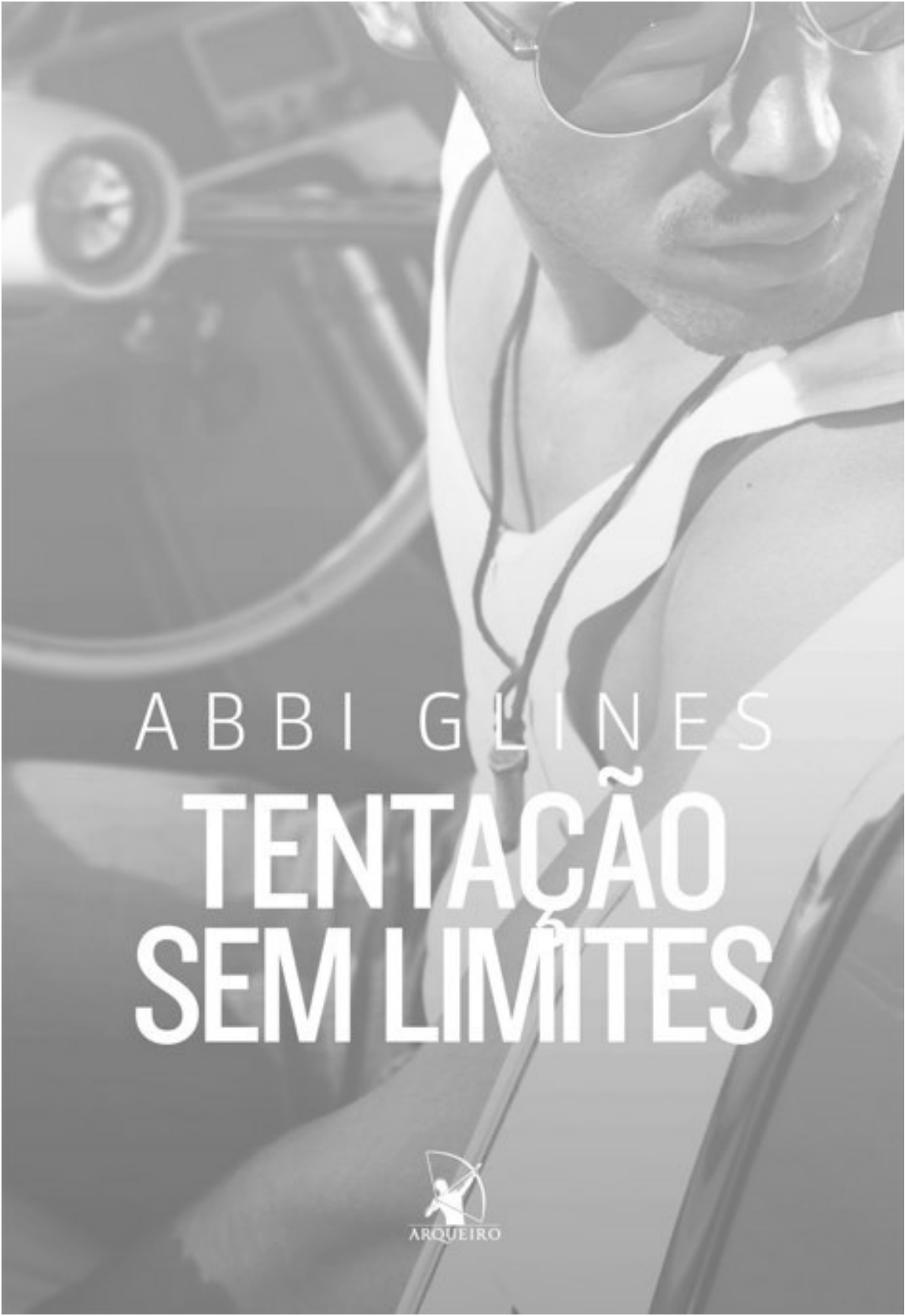
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



ABBI GLINES

TENTACÃO SEM LIMITES



Título original: *Never too Far*

Copyright © 2013 por Abbi Glines

Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Ana Grillo, Rachel Agavino

diagramação: Adriana Moreno

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: Gebber86 / Getty Images

produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

G746t

Glines, Abbi

Tentação sem limites [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital Tradução de: *Never too far* Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-8041-246-8 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Erotismo. 3. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título.

13-
08087

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*A todos os leitores por aí que já se apaixonaram
à primeira vista.*

RUSH

Há 13 anos...

Alguém bateu à porta e ouvi o barulho de pés se arrastando. Já sentia uma dor no peito. Mamãe tinha ligado a caminho de casa para me contar o que havia feito e dizer que precisava sair para beber com as amigas. Eu teria que cuidar de Nan. Minha mãe não conseguiria lidar com todo aquele estresse. Pelo menos foi o que me disse quando ligou.

– Rush? – A voz de Nan saiu com um soluço. Ela estava chorando.

– Estou aqui, Nan – falei, levantando-me do pufe em que estava sentado em um canto. Era o meu esconderijo. Naquela casa, era preciso ter um esconderijo. Quando não se tinha um, coisas ruins aconteciam.

As mechas dos cachos ruivos de Nan estavam coladas ao rosto molhado. Ela estava com o lábio inferior tremendo ao me encarar com aqueles olhos tristes. Eu quase nunca os via felizes. Minha mãe só lhe dava atenção quando precisava arrumá-la e exibí-la. No resto do tempo, Nan era ignorada. Exceto por mim. Eu fazia o possível para que ela se sentisse querida.

– Eu não o vi. Ele não estava lá – sussurrou ela dando um soluço.

Não precisei perguntar quem era “ele”. Eu sabia. Nossa mãe tinha se cansado de ouvir Nan perguntando sobre o pai e decidira levá-la para vê-lo. Queria que ela tivesse me contado e me levado junto. A expressão ferida no rosto de Nan me fez cerrar os punhos. Se algum dia visse aquele homem, eu daria um soco em seu nariz. Queria vê-lo sangrando.

– Venha aqui – chamei, estendendo a mão e puxando minha irmãzinha para um abraço.

Ela envolveu minha cintura com os braços e me apertou com força. Era difícil respirar em momentos assim. Eu detestava a vida que ela tinha. Eu, pelo menos, sabia que o meu pai me queria. Ele ficava comigo.

– Ele tem outras filhas. Duas. E elas são... lindas. Elas têm cabelos de anjo. E têm uma mãe que deixa elas brincarem na terra. Elas estavam usando tênis. Tênis sujos.

Nan estava com inveja de tênis sujos. Nossa mãe não permitia que ela estivesse menos do que perfeita o tempo todo. Ela nunca sequer tivera um par de tênis.

– Elas não podem ser mais bonitas do que você – garanti a ela, porque acreditava mesmo no que dizia.

Nan fungou e se afastou de mim. Levantou a cabeça e me encarou com aqueles grandes olhos verdes.

– São sim, eu vi. Vi fotos na parede com as duas meninas e um homem. Ele ama as duas... e não me ama.

Eu não poderia mentir para ela. Nan tinha razão. Ele não a amava.

– Ele é um imbecil. Você tem a mim, Nan. Sempre vai ter a mim.

BLAIRE

Hoje...

Vinte e cinco quilômetros de distância da cidade. Era longe o bastante. Ninguém iria a uma farmácia tão longe. A menos, é claro, que tivesse 19 anos e estivesse comprando algo escondido da cidade toda. Tudo o que era adquirido na farmácia local se espalhava por toda a cidadezinha de Sumit, no Alabama, em uma hora. Principalmente se fosse uma pessoa solteira comprando camisinhas... ou um teste de gravidez.

Pus os testes em cima do balcão e não olhei para a atendente. Não consegui. Não queria dividir com uma estranha qualquer o medo e a culpa nos meus olhos. Era algo que eu não havia contado nem a Cain. Desde que obrigara Rush a sair da minha vida, três semanas antes, eu tinha voltado lentamente à rotina de passar o tempo todo com Cain. Era fácil. Ele não me pressionava para falar, mas quando eu queria, ele me escutava.

– Dezesseis dólares e quinze centavos – disse a moça do outro lado do balcão.

Pude ouvir a preocupação na voz dela. Nada surpreendente. Aquela era a compra constrangedora que todas as adolescentes temiam. Entreguei uma nota de vinte dólares sem levantar os olhos da sacolinha que ela colocara na minha frente. Ela continha a única resposta de que eu precisava e aquilo que mais me apavorava. Ignorar o fato de que a minha menstruação estava duas semanas atrasada e fingir que nada estava acontecendo era mais fácil. Mas eu precisava saber.

– Três dólares e 85 centavos de troco – disse a balconista estendendo o braço e pondo o dinheiro na minha mão.

– Obrigada – murmurei, pegando a sacola.

– Espero que tudo fique bem – disse a moça em um tom gentil.

Levantei o olhar e deparei com um par de olhos castanhos solidários. Eu nunca mais a veria, mas, naquele momento, ajudou que outra pessoa soubesse. Eu não me senti tão sozinha.

– Eu também – respondi, antes de me virar e seguir em direção à porta. De volta ao sol quente de verão.

Dei apenas dois passos no estacionamento quando bati os olhos na porta do motorista da minha picape. Cain estava encostado nela com os braços cruzados no peito. O boné cinza da Universidade do Alabama, com uma letra A estampada, estava puxado de lado, escondendo seus olhos.

Parei e o encarei. Não dava para mentir sobre aquilo. Ele sabia que eu não estava ali para comprar camisinhas. Havia apenas mais uma alternativa. Mesmo sem ver a expressão nos olhos dele, eu entendi. Ele sabia.

Engoli em seco a sensação na garganta que me acompanhava desde que eu entrara na picape

naquela manhã e saíra da cidade. Agora não éramos apenas eu e a estranha atrás do balcão que sabíamos. Meu melhor amigo sabia também.

Obriguei-me a continuar andando. Ele faria perguntas e eu teria que respondê-las. Depois das últimas semanas, ele merecia uma explicação. Ele merecia a verdade. Mas como explicar aquilo?

Parei apenas alguns metros diante dele. Agradei o fato de ele ter encoberto o rosto. Seria mais fácil explicar se eu não conseguisse ver os pensamentos atravessando os seus olhos.

Ficamos parados, calados. Eu queria que ele falasse primeiro, mas, depois do que pareceram ser vários minutos de silêncio, percebi que ele queria que eu dissesse alguma coisa antes.

– Como você descobriu onde eu estava? – perguntei, por fim.

– Você está hospedada na casa da minha avó. No instante em que saiu agindo de um jeito estranho, ela me ligou. Fiquei preocupado.

Senti meus olhos se enchendo de lágrimas. Eu não choraria por aquilo. Já tinha chorado tudo o que me permitiria. Segurando mais apertado a sacola com o teste de gravidez, endireitei os ombros.

– Você me seguiu – falei. Não foi uma pergunta.

– Claro que segui – rebateu ele e desviou o olhar de mim para se focar em outra coisa. – Você ia me contar, Blaire?

Se eu ia contar a ele? Eu não sabia. Não havia planejado nada ainda.

– Não tenho certeza se há algo a contar – respondi sinceramente.

Cain balançou a cabeça e soltou uma risada abafada sem qualquer resquício de humor.

– Não tem certeza, é? Você veio até aqui porque não tinha certeza?

Ele estava com raiva. Ou estava magoado? Não tinha motivo para nem uma coisa, nem outra.

– Enquanto não fizer este teste, não terei certeza. Estou atrasada. Só isso. Não há o que contar. Não é da sua conta.

Lentamente, Cain virou a cabeça para mim. Levantou a mão e empinou o boné para trás. Pude, enfim, ver os seus olhos. Havia descrença e dor neles. Eu não queria ver aquilo. Era quase pior do que ver reprovação no seu olhar.

– É mesmo? É assim que você se sente? Depois de tudo o que passamos, é assim mesmo que você se sente?

O que nós vivemos juntos estava no passado. Cain era o meu passado. Muitas coisas aconteceram comigo sem ele. Enquanto ele aproveitava os anos de ensino médio, eu me esforçava para manter a minha vida em pé. O que ele achava que tinha sofrido? Aos poucos, meu sangue começou a ferver de raiva e levantei os olhos para encará-lo.

– Sim, Cain. É assim que eu me sinto. Não sei o que exatamente você acha que passamos juntos. Nós éramos melhores amigos, depois viramos um casal, então a minha mãe ficou doente e, como você precisava que alguém o chupasse, me traiu. Eu cuidei da minha mãe sozinha. Sem ninguém em quem me apoiar. Daí ela morreu e eu me mudei. Meu coração e o meu mundo foram destruídos, mas eu voltei. E você estava aqui para mim. Eu não pedi, mas você estava. Sou grata, mas isso não faz com que todo o resto desapareça. Não compensa o fato de você ter me abandonado quando mais precisei de ajuda. Então me desculpe se você não é a primeira pessoa

que procuro quando o meu mundo está prestes a desmoronar mais uma vez, mas você ainda não fez por merecer isso.

Eu estava respirando com dificuldade e as lágrimas que eu não queria derramar estavam rolando pelo meu rosto. Eu não queria chorar, caramba. Diminuí a distância entre nós e usei toda a minha força para empurrá-lo para fora do caminho e conseguir agarrar a maçaneta e abrir a porta da picape. Eu precisava sair dali. Ir para longe dele.

– Saia – gritei, enquanto tentava abrir a porta com o peso dele ainda sobre ela.

Esperava que Cain discutisse comigo. Esperava qualquer coisa além de ele fazer o que eu pedi. Sentei atrás da direção e atirei a sacolinha de plástico no banco ao meu lado antes de engatar a marcha a ré. Pude ver Cain ainda parado lá. Ele simplesmente não se mexia. Apenas o suficiente para que eu entrasse na picape. Ele não estava olhando para mim, mas para o chão, como se nele estivessem todas as respostas. Eu não podia me preocupar com ele naquele momento. Precisava ir embora.

Talvez eu não devesse ter dito todas aquelas coisas. Talvez fosse melhor ter mantido aquela fúria enterrada dentro de mim, mas agora era tarde demais. Ele havia me provocado no momento errado. Eu não ia me sentir mal por isso.

Eu também não poderia voltar para a casa da avó dele. Ela estava no meu pé. Ele provavelmente ligaria e lhe contaria. Se não a verdade, algo parecido com a verdade. Eu não tinha mais alternativa. Teria que fazer o teste de gravidez no banheiro de um posto de gasolina. Será que a situação poderia ficar pior?

RUSH

As ondas arrebatando na praia costumavam me acalmar. Eu ficava sentado naquele deque olhando para a água desde criança. Isso sempre me ajudou a encontrar uma perspectiva melhor nas coisas. Não estava mais funcionando.

A casa estava vazia. Minha mãe e... o homem que eu queria que ardesse no inferno por toda a eternidade foram embora assim que eu voltei do Alabama, três semanas antes. Eu estava furioso, magoado e louco. Depois de ameaçar a vida do homem com quem minha mãe estava casada, exigi que eles saíssem da minha casa. Não queria ver nenhum dos dois. Em algum momento precisaria ligar para a minha mãe e conversar com ela, mas não conseguia fazer isso ainda.

Perdoar era mais fácil na teoria do que na prática. Nan, minha irmã, tentou me convencer várias vezes, implorando para que eu conversasse com ela. Não era culpa de Nan, mas eu não conseguia falar com ela sobre isso também. Ela me lembrava do que eu havia perdido. Do que eu mal tivera. Do que eu nunca achei que encontraria.

Um som alto de batidas veio de dentro da casa e interrompeu meus pensamentos. Virei, olhei para trás e me dei conta de que havia alguém parado diante da porta. A campainha tocou, seguida por mais batidas. Quem seria? Desde que Blaire havia partido, ninguém nunca aparecia, só minha irmã e Grant.

Larguei a cerveja na mesa ao lado e me levantei. Fosse quem fosse, precisava de um motivo muito bom para vir sem ser convidado. Atravessei uma casa que se mantivera limpa desde a última visita de Henrietta, a faxineira. Sem festas ou vida social, era fácil manter as coisas em ordem. Estava me dando conta de que gostava muito mais disso.

Começaram a bater de novo justamente quando segurei a maçaneta. Abri a porta pronto para dizer a quem quer que fosse para dar no pé, mas fiquei sem palavras. Não era alguém que eu esperava ver de novo. Encontrei aquele sujeito uma única vez e o odiei imediatamente. Agora ele estava ali. Eu queria agarrá-lo pelos ombros e sacudi-lo até ele me dizer como ela estava e onde estava morando. Meu Deus, que não seja com ele. E se eles estivessem... não, não, não, isso não havia acontecido. Ela não faria isso. Não a *minha* Blaire.

Cerrei os punhos com força ao lado do corpo.

– Eu preciso saber uma coisa – disse Cain, o garoto do passado de Blaire, enquanto eu o encarava, confuso e descrente. – Você... – Ele parou e engoliu em seco. – Você... *porra...*

Ele tirou o boné e passou a mão pelos cabelos. Percebi os círculos escuros embaixo dos olhos dele e a expressão cansada e aborrecida no seu rosto.

Meu coração parou. Agarrei o braço dele e o sacudi.

– Onde está Blaire? Ela está bem?

– Ela está ótima... quero dizer, está bem. Poderia me soltar, antes que quebre o meu braço? –

disparou Cain, afastando-se de mim. – Blaire está sã e salva, em Sumit. Não é por isso que estou aqui.

Então por que ele estava ali? Nós tínhamos apenas uma conexão: Blaire.

– Quando saiu de Sumit, ela era inocente. Muito inocente. Eu tinha sido seu único namorado. Eu sei o quanto ela era inocente. Somos amigos desde crianças. A Blaire que voltou não foi a mesma que partiu. Ela não fala sobre o que aconteceu. Não quer falar. Eu só preciso saber se você e ela... se vocês dois... ah, vou ser direto: vocês treparam?

Minha visão ficou turva quando avancei pensando apenas em matá-lo. Ele havia ultrapassado um limite. Não tinha o direito de falar de Blaire daquele jeito. Não tinha o direito de fazer esse tipo de pergunta ou de duvidar da inocência dela. Blaire era inocente, seu filho da puta. Ele não tinha o direito.

– Puta merda! Rush, larga o cara!

Ouvi Grant me chamando. Eu o escutei, mas sua voz estava distante, como no fundo de um túnel. Eu estava focado no cara na minha frente enquanto meu punho atingia seu rosto e arrancava sangue do seu nariz. Ele estava sangrando. Eu precisava que ele sangrasse. Precisava que alguém sangrasse.

Dois braços agarraram os meus por trás e me puxaram enquanto Cain caía de costas com as mãos no nariz e uma expressão de pânico nos olhos. Bem, em um dos olhos. O outro já estava fechando de inchaço.

– Que merda você falou para ele? – perguntou Grant atrás de mim. Era ele que estava me segurando.

– Não repita! – rugi, quando Cain abriu a boca para responder.

Eu não poderia ouvi-lo falar sobre ela daquele jeito. O que nós havíamos feito não era sujo ou errado. Ele agira como se eu a tivesse destruído. Blaire era inocente. Incrivelmente inocente. O que nós tínhamos feito não mudava isso.

Os braços de Grant me apertaram com mais força contra o seu peito.

– Você precisa ir embora agora. Não vou conseguir segurá-lo por muito tempo. Ele tem dez quilos de músculos a mais que eu e isto aqui não é tão fácil como parece. É melhor você correr, cara. Não volte. Você teve sorte por eu ter aparecido.

Cain assentiu e voltou correndo para a picape. A raiva havia se diluído nas minhas veias, mas eu ainda a sentia. Queria machucá-lo ainda mais. Para varrer da cabeça qualquer pensamento de que Blaire não era tão perfeita como quando deixou o Alabama. Ele não sabia tudo pelo que ela tinha passado. O inferno a que minha família a submetera. Como ele poderia tomar conta dela? Ela precisava de mim.

– Se eu soltar você, vai sair correndo atrás daquela picape ou vai ficar tudo bem? – perguntou Grant, afrouxando os braços.

– Está tudo bem – garanti enquanto me soltava e ia até a grade para respirar fundo várias vezes.

A dor havia voltado com toda a força. Eu tinha conseguido enterrá-la e amenizá-la, mas aquele merdinha me fizera lembrar de tudo. Daquela noite. A noite de que eu jamais iria me recuperar. A noite que me marcaria para sempre.

– Posso perguntar que merda aconteceu aqui ou você vai me dar uma surra também? – indagou Grant, afastando-se um pouco.

Para todos os efeitos, ele era meu irmão. Nossos pais foram casados quando éramos crianças. Ficaram juntos tempo suficiente para nos tornarmos amigos. Dois padrastos depois, Grant ainda era a minha família e sabia o bastante para compreender que aquilo tinha a ver com Blaire.

– É o ex-namorado de Blaire – respondi sem olhar para ele.

Grant pigarreou.

– Então, hum, ele veio até aqui para se gabar? Ou você só arrebentou a cara dele porque ele tocou nela um dia?

As duas coisas. Nenhuma das duas. Balancei a cabeça.

– Não. Ele veio perguntar sobre mim e Blaire. Coisas que não eram da conta dele. Fez a pergunta errada.

– Ah, entendo. Faz sentido. Bom, ele pagou por isso. O cara provavelmente ganhou um nariz quebrado para combinar com aquele olho inchado.

Finalmente levantei a cabeça e olhei para Grant.

– Obrigado por me arrancar de cima dele. Eu perdi o controle.

Grant assentiu e abriu a porta.

– Vamos entrar. Vamos ver o jogo e tomar uma cerveja.

BLAIRE

O túmulo da minha mãe foi o único lugar para onde consegui pensar em ir. Não tinha casa. Não podia voltar para a Vovó Q. Ela era avó de Cain. Ele provavelmente estaria lá esperando por mim. Ou talvez não. Talvez eu o tivesse afastado também. Sentei ao pé do túmulo da minha mãe, apoiei o queixo nos joelhos e abracei as pernas dobradas.

Eu tinha voltado para Sumit porque era o único lugar para onde eu sabia ir. Agora precisava partir. Não podia ficar ali. Mais uma vez, minha vida estava prestes a sofrer uma súbita reviravolta. Uma para a qual eu não estava preparada. Quando eu era pequena, minha mãe nos levava à escola dominical na igreja batista. Naquele momento, recordava-me de uma passagem da Bíblia sobre Deus não nos fazer enfrentar mais do que podíamos suportar. Estava começando a me perguntar se isso valia apenas para quem ia à igreja todos os domingos e rezava à noite antes de dormir. Porque ele não estava pegando leve comigo.

A autopiedade não estava me ajudando. Eu não podia fazer isso. Precisava dar um jeito nas coisas. Ficar com a Vovó Q e deixar Cain me ajudar tinha sido apenas temporário. Quando me mudei para o quarto de hóspedes dela, eu sabia que não poderia ficar por muito tempo. Havia muita coisa entre mim e Cain. Uma história que eu não pretendia repetir. Era o momento de ir embora, mas eu ainda não sabia para onde, como quando chegara lá, três semanas antes.

– Queria que você estivesse aqui, mamãe. Não sei o que fazer e não tenho a quem perguntar – sussurrei, sentada no cemitério silencioso.

Queria acreditar que ela podia me ouvir. Não gostava da ideia de ela estar debaixo da terra, mas depois que a minha irmã gêmea morrera, eu ficava sentada naquele mesmo lugar com a minha mãe e nós conversávamos com Valerie. Minha mãe dizia que o espírito dela estava cuidando de nós e que ela podia nos ouvir. Como eu queria acreditar nisso agora.

– O problema sou eu. Estou sentindo muita saudade de vocês. Não quero estar sozinha... mas estou. E tenho medo. – O único som ao redor era o das folhas das árvores balançando ao vento. – Uma vez você me disse que, se eu prestasse bastante atenção, encontraria a resposta no meu coração. Eu estou prestando atenção, mamãe, mas estou muito confusa. Quem sabe você pode me ajudar apontando a direção certa de alguma maneira?

Repousei o queixo nos joelhos e fechei os olhos, recusando-me a chorar.

– Lembra quando você falou que eu precisava dizer ao Cain exatamente como eu me sentia? Que eu não ficaria melhor enquanto não botasse tudo para fora? Bom, fiz isso hoje. Mesmo que ele me perdoe, nunca mais vai ser como antes. Não posso continuar contando com ele para tudo. Está na hora de eu me virar sozinha. Só não sei como.

O simples fato de conversar com ela já fazia com que eu me sentisse melhor. Não importava se eu receberia ou não uma resposta.

Uma porta de carro batendo interrompeu a tranquilidade e me fez soltar as pernas e me virar para o estacionamento, onde vi um automóvel caro demais para aquela cidadezinha. Ao voltar os olhos para checar quem havia saltado, fiquei sem fôlego e levantei de um pulo. Era Bethy. Ela estava ali. Em Sumit. No cemitério... dirigindo um carro que devia ser muito, muito caro.

Estava com os longos cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo. Um sorriso começou a se formar em seus lábios quando nossos olhos se encontraram. Eu não conseguia me mexer. Fiquei com medo de estar imaginando coisas. O que Bethy estava fazendo ali?

– Que coisa chata isso de você estar sem celular. Como é que vou telefonar para dizer que estou vindo buscá-la se não tenho um número para ligar?

O que ela dizia não fazia sentido, mas o simples fato de ouvir a sua voz fez com que eu vencesse correndo a curta distância que havia entre nós.

Bethy riu e abriu os braços para mim.

– Não acredito que você está aqui – falei, depois de abraçá-la.

– Nem eu. Foi uma viagem e tanto. Mas você vale a pena e, considerando que deixou o celular em Rosemary, eu não tinha outra forma de falar com você.

Queria contar tudo a ela, mas não podia. Ainda não. Precisava de tempo. Ela já sabia a respeito do meu pai. Sabia de Nan. Mas o resto... ela não tinha como saber.

– Que bom que você está aqui, mas como me encontrou?

Bethy sorriu.

– Andei pela cidade procurando a sua picape. Não foi tão difícil. Este lugar só tem um sinal de trânsito. Se eu tivesse piscado duas vezes, não o teria visto.

– Seu carro deve ter chamado atenção – falei, olhando para ele.

– É do Jace. Não é lindo?

Ela ainda estava com Jace. Que bom. Mas senti um aperto no peito. Jace me lembrava Rosemary. E Rosemary me lembrava Rush.

– Eu ia perguntar como você está, mas, menina, você está parecendo um esqueleto ambulante. Comeu alguma coisa desde que saiu de Rosemary?

Minhas roupas estavam começando a ficar um pouco largas. Era difícil comer com aquele nó que eu sentia no peito o tempo todo.

– Foram semanas difíceis, mas acho que estou melhorando. Seguindo em frente. Lidando com as coisas.

Bethy voltou o olhar para o túmulo atrás de mim. Para os dois túmulos. Pude ver a tristeza nos seus olhos ao ler as lápides.

– Ninguém pode lhe tirar suas lembranças. Você tem isso – disse ela, apertando a minha mão.

– Eu sei. Eu não acredito neles. Meu pai é um mentiroso. Eu não acredito em nada. Ela, a minha mãe, não teria feito o que eles disseram. Se alguém é culpado de alguma coisa, é meu pai. Ele provocou esse sofrimento. Não a minha mãe. Nunca a minha mãe.

Bethy assentiu e segurou minha mão com força. O simples fato de ter alguém para me escutar e acreditar em mim, acreditar na inocência da minha mãe, já ajudava.

– A sua irmã era muito parecida com você?

A última lembrança que eu tinha de Valerie era ela sorrindo. Aquele sorriso alegre que era tão mais bonito do que o meu. Tinha os dentes perfeitos. Tinha os olhos muito mais alegres do que os meus. Mas todo mundo dizia que éramos idênticas. As pessoas não viam a diferença. Eu sempre me perguntei por quê. Eu via muito claramente.

– Nós éramos idênticas – respondi. Bethy não compreenderia a verdade.

– Não consigo imaginar duas Blaire Wynn. Vocês devem ter partido muitos corações nesta cidadezinha.

Ela estava tentando aliviar o clima depois de ter perguntado sobre a minha irmã morta. Fiquei grata por isso.

– Só a Valerie. Eu fiquei com Cain desde muito cedo. Não parti nenhum coração.

Bethy arregalou um pouco os olhos e desviou-os. Então pigarreou. Esperei que se virasse novamente para mim.

– Embora ver você seja incrível e eu imagine que poderíamos agitar esta cidade, para ser sincera, eu estou aqui com um objetivo.

Imaginei que estivesse, só não conseguia adivinhar qual era.

– Está bem – falei, esperando uma explicação.

– Podemos tomar um café? – Ela franziu a testa e olhou para a rua. – Ou talvez passar no Dairy K, já que foi o único lugar que vi atravessando a cidade.

Ela não estava se sentindo confortável em meio aos túmulos como eu me sentia. Isso era normal. Eu não era normal.

– Tudo bem – respondi, indo buscar a minha bolsa.

– *Aí está a sua resposta* – sussurrou uma voz suave, tão baixa que quase achei que fosse imaginação minha.

Eu me virei para olhar para Bethy e ela estava sorrindo com as mãos enfiadas nos bolsos da frente.

– Você disse alguma coisa? – perguntei, confusa.

– Depois que sugeri que fôssemos ao Dairy K?

Assenti.

– Sim. Você sussurrou alguma coisa?

Ela mexeu no nariz, olhou ao redor com nervosismo e balançou a cabeça.

– Não... hum... por que não saímos daqui? – sugeri, pegando o meu braço e me puxando atrás dela na direção do carro de Jace.

Olhei para o túmulo da minha mãe e fui tomada por um sentimento de paz. Teria aquilo sido...? Não. Certamente não. Balançando a cabeça, virei-me para a frente de novo e entrei do lado do carona antes que Bethy me empurrasse para dentro do carro.

RUSH

Era aniversário da minha mãe. Nan já ligara duas vezes pedindo que eu conversasse com ela. Não seria possível. Ela estava numa praia nas Bahamas com *ele*. Isso não a havia afetado em nada. Mais uma vez, ela tinha fugido para aproveitar a vida, deixando os filhos para trás.

– Nan está ligando de novo. Quer que eu atenda e diga para ela deixar você em paz? – Grant entrou na sala com o meu celular na mão.

Aqueles dois brigavam como irmãos de verdade.

– Não, me dê isso aqui – respondi. Ele me jogou o aparelho. – Nan – atendi.

– Você vai telefonar para a mamãe ou não? Ela já me ligou duas vezes perguntando se conversei com você e se você ainda se lembrava de que era o aniversário dela. Ela se importa com você. Pare de deixar que aquela garota estrague tudo, Rush. Ela apontou uma arma para mim, pelo amor de Deus. Uma arma, Rush. Ela é *louca*. Ela...

– Pare. Não diga mais nada. Você não a conhece. Você não quer conhecê-la. Então pare. Não vou ligar para a mamãe. Da próxima vez que ela ligar, diga isso a ela. Não quero ouvir a voz dela. Eu *estou cagando* para a viagem dela e para o que ela ganhou de presente de aniversário.

– Nossa... – murmurou Grant afundando no sofá à minha frente e apoiando os pés no pufe diante dele.

– Não acredito que você falou isso. Não o entendo. Ela não pode ser tão boa assim...

– Não fale nada, Nannette. Esta conversa terminou. Se *você* precisar, me ligue.

Desliguei o telefone, atirei o aparelho no assento ao meu lado e me recostei na almofada.

– Vamos sair? Beber um pouco, dançar com umas garotas... Esquecer essa merda toda – sugeriu Grant.

Ele havia feito a mesma sugestão várias vezes nas últimas três semanas. Ou pelo menos desde que eu parara de quebrar coisas e ele sentiu que já era seguro falar.

– Não – respondi sem olhar para ele.

Não havia por que agir como se eu estivesse bem. Sem saber como Blaire estava, eu não ficaria bem. Ela podia até não me perdoar. Que merda, ela poderia nunca mais olhar para mim, mas eu precisava saber que ela estava se curando. Eu precisava saber de alguma coisa. Qualquer coisa.

– Eu me saí muito bem não me intrometendo. Deixei você pirar, esbravejar contra tudo o que se mexesse e ficar deprimido. Acho que está na hora de você me dizer alguma coisa. O que aconteceu quando você foi para o Alabama? Alguma coisa deve ter acontecido. Você voltou diferente.

Eu amava Grant como a um irmão, mas não contaria a ele sobre a noite no hotel com Blaire. Ela estava sofrendo, e eu, desesperado.

– Não quero falar sobre isso. Preciso sair. Parar de ficar olhando fixamente para essas paredes e

me lembrando dela...

Eu me levantei e Grant saltou de onde estava no sofá. O alívio nos olhos dele era evidente.

– O que você quer? Cervejas, garotas ou as duas coisas?

– Música alta – respondi.

Eu não precisava de cerveja e garotas... eu simplesmente ainda não estava pronto para isso.

– Vamos ter que sair da cidade. Talvez ir até Destin?

Joguei as chaves do carro para ele.

– Claro. Você dirige.

A campainha tocou, fazendo nós dois pararmos. Na última vez que eu recebera uma visita inesperada, a coisa não terminara bem. Podia muito bem ser a polícia vindo me prender por amassar a cara de Cain. Estranhamente, eu não me importava. Estava anestesiado.

– Eu atendo – disse Grant, olhando para mim com a testa franzida de preocupação. Ele estava pensando a mesma coisa.

Eu me recostei no sofá e apoiei os pés na mesa de centro à minha frente. Minha mãe odiava quando eu fazia isso. Ela a havia comprado durante uma das suas viagens para o exterior e mandado entregar em casa. Senti uma repentina pontada de culpa por não ligar para ela, mas a afastei. Durante toda a minha vida, eu tinha feito aquela mulher feliz e cuidara de Nan. Não ia mais fazer isso. Estava cansado. Cansado de toda a merda dela.

– Jace, tudo bom? Estávamos de saída. Quer ir junto? – perguntou Grant, dando um passo para trás e deixando Jace entrar.

Não me levantei. Queria que ele fosse embora. Ver Jace me lembrava de Bethy, que, por sua vez, me lembrava de Blaire. Jace precisava sair dali.

– Não, eu... hum... precisava conversar sobre uma coisa – disse Jace, arrastando os pés e enfiando as mãos nos bolsos. Parecia pronto para sair correndo.

– Está bem.

– Acho que hoje não é o melhor dia para conversar com ele, cara – disse Grant, posicionando-se na frente de Jace e olhando para mim. – Nós vamos sair. Vamos lá. Jace pode abrir o coração outra hora.

Agora eu estava curioso.

– Não estou fora de controle, Grant. Sente-se. Deixe o Jace falar.

Grant suspirou e balançou a cabeça.

– Tudo bem. Se você quer dizer essas merdas para ele agora, diga.

Jace olhou para Grant e de volta para mim. Ele se aproximou e sentou-se na poltrona mais longe de mim. Fiquei olhando enquanto ele ajeitava o cabelo atrás da orelha e me perguntei o que poderia ser tão importante.

– Bethy e eu estamos ficando meio sérios.

Eu já sabia disso. E não me importava. Senti a dor abrindo o meu peito e cerrei os punhos. Precisei me concentrar em levar ar aos pulmões. Bethy era amiga de Blaire. Devia saber como Blaire estava.

– E, hum... – continuou ele. – Bom, o aluguel da Bethy aumentou e aquele lugar era uma

porcaria de qualquer maneira. Eu não me sentia seguro com ela morando lá. Então conversei com o Woods e ele disse que o pai dele tem um apartamento de dois quartos disponível se eu quisesse alugar. Eu, hum... eu aluguei o apartamento para ela, paguei o depósito e tudo. Mas quando a levei para ver, ela ficou puta. Muito puta. Não queria que eu pagasse o aluguel dela. Disse que isso a fazia se sentir vulgar.

Ele suspirou e a expressão pesarosa no seu olhar ainda não estava fazendo sentido. Eu não dava a mínima para a briga dele com Bethy.

– Custa o dobro... ou pelo menos Bethy acha que custa o dobro do apartamento anterior. Na verdade, custa quatro vezes mais. Fiz Woods prometer manter o valor em segredo. Estou pagando a diferença sem que ela saiba. Enfim. Ela, hum... ela... foi para o Alabama hoje. Ela adora o apartamento. Quer passar o tempo todo no clube e na praia. Mas a única pessoa que ela cogita ter morando com ela é... Blaire.

Eu me levantei. Não consegui ficar sentado.

– Opa, cara... sente-se. – Grant levantou de um pulo e eu fiz um gesto para ele se afastar.

– Não estou bravo. Só preciso respirar – falei, olhando pelas portas de vidro para as ondas arrebatando na praia.

Bethy tinha ido buscar Blaire. O meu coração estava disparado. Será que ela viria?

– Sei que vocês dois terminaram mal. Pedi para ela não ir, mas ela ficou muito furiosa e eu não gosto de chateá-la. Ela também conversou com o Woods para devolver o emprego a Blaire caso consiga trazê-la de volta.

Blaire. De volta...

Ela não voltaria. Ela me odiava. Odiava Nan. Odiava a minha mãe. Odiava o pai dela. Ela não voltaria para cá... mas, meu Deus, como eu gostaria que ela voltasse. Eu me virei para Jace.

– Ela não vai voltar – comentei.

Não dava para negar a dor na minha voz. Eu não me dei o trabalho de escondê-la. Não mais.

Jace deu de ombros.

– Talvez tenha tido tempo suficiente para lidar com os problemas dela. E se ela voltar? O que você vai fazer? – Grant me perguntou.

O que eu faria?

Eu imploraria.

BLAIRE

Bethy parou o carro de Jace no estacionamento do Dairy K. Vi o fusquinha azul de Callie e decidi que era melhor não saltar. Só tinha visto Callie duas vezes desde que voltara e ela parecia querer arrancar os meus olhos. Ela sempre foi a fim do Cain, desde a escola. Eu voltei e acabei com qualquer tipo de relacionamento que os dois finalmente haviam começado a ter. Não era a minha intenção. Ela podia ficar com ele.

Bethy começou a sair do carro e segurei o braço dela.

- Vamos ficar conversando no carro – pedi, fazendo-a parar.
- Mas eu quero sorvete com biscoito recheado – reclamou ela.
- Não posso conversar lá dentro. Conheço muita gente – expliquei.

Bethy suspirou e recostou-se no banco do motorista.

- Tudo bem. Todo esse sorvete ia parar na minha bunda mesmo...

Sorri e relaxei, grata pelas janelas escurecidas. Sabia que não era vista pelas pessoas que se detinham para olhar o carro de Jace. Ninguém na cidade dirigia alguma coisa que chegasse aos pés dele.

– Não vou enrolar, Blaire. Estou com saudade de você. Eu nunca tive uma amiga tão próxima. Nunca. E aí você foi embora. Eu odeio que não esteja mais por perto. O trabalho é um saco sem você lá. Não tenho ninguém para quem contar sobre a minha vida sexual com o Jace e como ele está sendo gentil, algo que eu nunca teria se não tivesse escutado você. Eu simplesmente sinto a sua falta.

Meus olhos se encheram de lágrimas. O simples fato de alguém ter saudade de mim dava uma sensação boa. Eu também sentia falta dela. E de muita coisa.

- Eu também sinto a sua falta – respondi, esperando não ficar toda emocionada.

Bethy assentiu e sorriu.

– Está bem, que ótimo. Porque preciso que você volte e vá morar comigo. Jace conseguiu um apartamento no clube, de frente para o mar. Mas eu me recuso a deixá-lo pagar para mim. Então preciso de alguém para dividir o aluguel. Por favor, volte. Preciso de você. E o Woods disse que você pode ter o seu emprego de volta imediatamente.

Voltar para Rosemary? Para onde estavam Rush, Nan... e o meu pai. Eu não poderia voltar. Não poderia vê-los. Todos estariam no clube. Será que meu pai levaria Nan para jogar golfe? Será que eu conseguiria assistir a isso? Não. Eu não conseguiria. Seria demais.

- Eu não posso – falei, com a voz engasgada.

Queria poder. Não sabia para onde eu iria agora que descobrira que estava grávida, mas não podia nem ficar ali nem ir para Rosemary.

- Por favor, Blaire. Ele também sente a sua falta. Não sai de casa. O Jace disse que ele está

péssimo.

A ferida de raiva no meu peito voltou a arder. Saber que Rush estava sofrendo também foi difícil demais. Eu o imaginava fazendo festas em casa e seguindo em frente. Não queria que ele ainda estivesse triste. Só precisava que nós dois seguissemos em frente. Mas talvez eu nunca fosse conseguir. Eu sempre teria uma lembrança de Rush.

– Não posso vê-los. Nenhum deles. Seria difícil demais – parei.

Não podia contar a Bethy sobre a minha gravidez. Eu mal tivera tempo para assimilá-la. Não estava pronta para contar a quem quer que fosse. Talvez nunca fosse contar a mais alguém além de Cain. Em breve, eu iria embora para um lugar onde ninguém me conhecesse. Eu recomeria.

– O seu... hum... pai e a Georgianna não estão lá. Foram embora. A Nan está, só que mais calma. Acho que está preocupada com Rush. Seria difícil no começo, mas depois que arrancar o curativo, você vai superá-los. Vai superar tudo. Além disso, pela forma como os olhos do Woods se iluminaram quando falei em você voltar, poderia muito bem se distrair com ele. Ele está mais do que interessado.

Eu não queria o Woods. E nada iria me distrair. Bethy não sabia de tudo. Eu também não podia contar a ela. Não hoje.

– Por mais que eu queira... não posso.

Eu realmente sentia muito. Mudar para a casa da Bethy e ter o meu emprego no clube de volta seria quase a resposta perfeita para todos os meus problemas.

Bethy soltou um suspiro frustrado, recostou a cabeça no banco do carro e fechou os olhos.

– Está bem. Eu entendo. Não gosto, mas entendo.

Estendi a mão e apertei a dela com força. Queria que as coisas fossem diferentes. Se Rush fosse apenas um cara qualquer com quem eu tivesse rompido, seria mais fácil. Mas não era. Nunca seria. Ele era mais. Muito mais do que ela poderia compreender.

Bethy apertou a minha mão de volta.

– Vou deixar as coisas assim por hoje. Mas não vou procurar outra pessoa para dividir o apartamento imediatamente. Você tem uma semana para pensar nisso. Depois preciso encontrar alguém que me ajude a pagar as contas. Vai pensar com carinho na minha proposta?

Respondi que sim, porque sabia que era o que ela precisava, mesmo sabendo que a espera dela seria inútil.

– Que bom. Eu vou para casa rezar. Se é que Deus ainda se lembra de quem eu sou. – Ela piscou para mim e se aproximou para me abraçar.

– Coma um pouco por mim, está bem? Está ficando magrinha demais.

– Está bem – respondi, imaginando se isso seria possível.

Bethy se recostou no assento.

– Bom, se você não vai arrumar as malas e voltar comigo para Rosemary, pelo menos vamos sair. Eu preciso passar a noite antes de fazer o caminho de volta. Podemos nos divertir em algum lugar e depois dormir em um hotel.

– Isso. Parece uma boa. Mas nada de bar country.

Eu não conseguiria entrar em outro daqueles. Pelo menos não tão cedo.

Bethy franziu a testa.

– Está bem... mas existe alguma outra coisa neste estado?

Ela tinha razão.

– É... podemos ir a Birmingham. É a cidade grande mais próxima.

– Perfeito. Vamos nos divertir.



Quando paramos na entrada de carros da Vovó Q, ela estava sentada na varanda, descascando ervilhas. Eu não queria encará-la, mas ela me dera um teto nas últimas três semanas sem fazer cobranças. Merecia uma explicação, se quisesse. Eu não sabia se Cain tinha dito alguma coisa. A caminhonete dele não estava ali e eu fiquei imensamente grata por isso.

– Quer que eu fique no carro? – perguntou Bethy.

Seria mais fácil se ela ficasse, mas a Vovó Q a veria e me repreenderia por ser rude e não convidar minha amiga a entrar.

– Pode vir comigo – respondi, abrindo a porta do carro.

Bethy deu a volta pela frente do veículo e se postou ao meu lado. A Vovó Q ainda não tinha erguido os olhos das ervilhas, mas eu sabia que ela nos escutara. Estava pensando no que iria dizer. Cain devia ter contado a ela. Droga.

Olhei para ela, que continuava descascando ervilhas em silêncio. Tudo o que eu via eram seus cabelos brancos curtos. Nenhum contato visual. Seria muito mais fácil simplesmente entrar e tirar vantagem do fato de ela não falar comigo, mas aquela era a casa dela. Se ela não me queria ali, eu precisava arrumar minhas coisas e ir embora.

– Oi, Vovó Q – falei e parei, esperando que ela levantasse a cabeça para olhar para mim.

Silêncio. Eu a estava perturbando. Não sabia se era decepção ou irritação. Naquele momento, odiei Cain por contar a ela. Ele não podia ter ficado de bico fechado?

– Esta é minha amiga Bethy. Ela veio me visitar – continuei.

Vovó Q finalmente levantou a cabeça, sorriu para Bethy e então voltou o olhar para mim.

– Leve-a lá para dentro e lhe dê um grande copo de chá gelado e uma daquelas tortinhas que estão esfriando em cima da mesa. Depois venha até aqui para conversar comigo um instante, sim? – Não era um pedido. Era uma ordem sutil. Assenti, e levei Bethy para dentro.

– Você fez alguma coisa para deixar a velhinha brava? – sussurrou Bethy quando já estávamos no interior da casa.

Dei de ombros. Eu não tinha certeza.

– Ainda não sei – respondi.

Fui até o armário, peguei um copo alto e servi um chá gelado para Bethy. Nem perguntei se ela queria. Só estava tentando fazer o que a Vovó Q tinha mandado.

– Aqui. Beba isto e coma uma tortinha. Volto em alguns minutos – falei, saindo apressada. Precisava acabar logo com aquilo.

BLAIRE

As pranchas de madeira estalaram sob os meus pés quando voltei para a varanda da casa da Vovó Q. Deixei a porta de tela bater atrás de mim antes de lembrar que ela era velha e as molas estavam enferrujadas havia muito tempo. Passei muitos dias da infância naquela varanda descascando ervilhas com Cain e a Vovó Q. Não queria que ela ficasse chateada comigo. Meu estômago estava se revirando.

– Sente-se, menina, e pare de fazer essa carinha de quem está prestes a cair no choro. Deus sabe que amo você como se fosse minha neta. Achei que um dia seria. – Ela balançou a cabeça. – Aquele burro não fez a coisa certa. Eu esperava que ele acordasse antes que fosse tarde demais. Mas ele não acordou, não é? Você foi embora e encontrou outra pessoa.

Aquilo não era o que eu estava esperando. Sentei na frente dela e comecei a descascar ervilhas para não precisar encará-la.

– Cain e eu terminamos há três anos. Nada do que está acontecendo agora vai mudar isso. Ele é só meu amigo.

Vovó Q bufou e se remexeu na cadeira de balanço.

– Eu não acredito nisso. Vocês dois eram inseparáveis quando crianças. Mesmo quando era menino, ele não conseguia tirar os olhos de você. Era engraçado ver o quanto ele a adorava e nem se dava conta disso. Mas quando chegam à adolescência, os meninos perdem a mentalidade carinhosa. Eu detesto que isso tenha acontecido com ele. Detesto que ele tenha perdido você, menina. Porque não vai haver outra Blaire para o Cain. Você era a pessoa certa para ele.

Ela não mencionou o meu teste de gravidez. Será que nem sabia que eu o tinha comprado? Eu não queria relembrar o meu passado com Cain. Claro que nós tínhamos uma história, mas havia tanta tristeza e arrependimento que eu não queria pensar naquilo. Eu vinha vivendo uma mentira que meu pai construía na época. Lembrar doía.

– Cain passou por aqui hoje? – perguntei.

– Sim. Ele passou aqui hoje de manhã procurando por você. Falei que você havia saído cedo e ainda não tinha voltado. Ele pareceu preocupado, deu meia-volta e foi embora sem me dizer mais nada. Mas ele estava chorando. Acho que nunca o vi chorar antes. Pelo menos não desde que ele era criança.

Ele estava chorando? Fechei os olhos e larguei as ervilhas dentro do balde de plástico grande que a Vovó Q estava usando. Cain não deveria estar chateado. Ele não deveria chorar. Ele me deixara muito tempo atrás. Por que isso era tão difícil para ele?

– Há quanto tempo foi isso? – perguntei, pensando em quantas horas haviam se passado desde que abri o coração para ele no estacionamento da farmácia.

– Era cedo, umas nove horas, eu acho. Ele estava arrasado, menina. Pelo menos procure-o e

converse com ele. Não importa como você se sente agora em relação a ele, Cain precisa ouvir que está tudo bem.

Assenti.

– Posso usar seu telefone? – perguntei, me levantando.

– Claro que pode. Coma uma das tortinhas enquanto estiver lá dentro. Fiz o bastante para um batalhão depois que ele saiu correndo daqui esta manhã. São as favoritas dele.

– Cereja – respondi e ela sorriu para mim.

Pude ver muitas coisas nos olhos dela. Eu conhecia Cain. Nada a respeito dele me surpreendia. Eu o compreendia. Nós tínhamos um passado. Eu amava a família dele e eles também me amavam. Aquilo era seguro.

Bethy estava parada do outro lado da porta, bebendo o seu chá gelado e estendendo o telefone para mim. Ela tinha ouvido. Não fiquei surpresa com isso.

– Ligue para ele. Acabe logo com isso – disse ela.

Peguei o telefone e fui até a sala de estar para ter um pouco de privacidade antes de digitar o número de Cain, que eu sabia de cor. Ele tinha o mesmo número desde que comprara o primeiro celular, quando tínhamos 16 anos.

– Alô – atendeu ele. Pude ouvir a hesitação na sua voz. Havia alguma coisa errada. Ele parecia estar falando pelo nariz.

– Cain? Você está bem? – perguntei, preocupada.

Houve uma pausa e então um longo suspiro.

– Blaire. É... estou bem.

– Onde você está?

Ele pigarreou.

– Eu, hum... estou na praia de Rosemary.

Ele estava em Rosemary? O quê? Afundei no sofá atrás de mim e segurei o telefone com mais força. Ele estava contando para o Rush? Meu coração bateu forte no peito e fechei os olhos antes de perguntar: – Por que você está em Rosemary? Por favor, me diga que você não... – Não consegui falar. Não com Bethy na sala ao lado, muito provavelmente me ouvindo.

– Eu precisava ver a cara dele. Precisava ver se ele amava você. Eu precisava saber...

Aquilo não fazia sentido.

– O que você disse a ele? Como você o encontrou? Você o encontrou?

Talvez ele não o tivesse encontrado. Talvez eu pudesse parar com aquilo.

Houve uma risada dura do outro lado da linha.

– É, encontrei, sim. Não é muito difícil. Esta cidade é pequena e todo mundo sabe onde mora o filho do astro do rock.

Ai, meu deus, ai, meu deus, ai, meu deus...

– O que você disse a ele? – perguntei devagar, sendo dominada pelo pânico.

– Eu não contei a ele. Não faria isso com você. Confie um pouco em mim, por favor. Eu a traí porque era um adolescente cheio de hormônios, mas, caramba, Blaire, quando é que vai me perdoar, porra? Eu vou pagar por aquele erro pelo resto da vida? Eu sinto *muito*! MEU DEUS, eu

sinto muito, porra! Eu voltaria e faria tudo diferente se pudesse. – Ele parou e soltou um grunhido, como se estivesse com dor.

– Cain? Qual é o problema com você? Você está bem? – perguntei.

Eu não queria reconhecer, mas sabia que ele sentia muito. Eu também sentia muito. Mas, não, eu nunca iria superar aquilo. Perdoar era uma coisa. Esquecer, outra.

– Estou bem. Só um pouco detonado. Vamos dizer apenas que o cara não me adora, está bem?

O cara. Rush? Rush o machucou? Isso não parecia nem um pouco com Rush.

– Que cara?

Cain suspirou.

– Rush.

Fiquei boquiaberta, olhando fixamente para a frente. Rush tinha brigado com Cain?

– Não estou entendendo.

– Está tudo bem. Peguei um quarto para passar a noite e vou dormir para melhorar. Estarei em casa amanhã. Precisamos conversar sobre algumas coisas.

– Cain. Por que Rush machucou você?

Mais uma pausa e um suspiro cansado.

– Porque fiz perguntas que ele achou que não eram da minha conta. Estarei em casa amanhã.

Ele fez perguntas. Que tipo de perguntas?

– Blaire, você não precisa contar para ele. Eu vou cuidar de você. Só... precisamos conversar.

Ele ia cuidar de mim? Do que ele estava falando? Eu não ia deixar que ele cuidasse de mim.

– Onde você está, exatamente? – perguntei.

– Em um hotel logo depois de Rosemary. Eles devem cagar dinheiro naquela cidade. Tudo custa cinco vezes o preço normal.

– Está bem. Fique na cama e nos vemos amanhã – falei, desligando em seguida.

Bethy entrou na sala. Levantou uma das sobancelhas escuras enquanto me encarava, esperando que eu falasse. Estava me ouvindo. Eu sabia que estava.

– Preciso de uma carona até Rosemary – declarei, me levantando.

Não podia deixar Cain com dor em uma cama de hotel, principalmente correndo o risco de ele voltar e tentar falar com Rush mais uma vez. Se Bethy pudesse me levar até lá, eu poderia conferir como ele estava e depois trazê-lo para casa.

Bethy concordou e deu um sorrisinho. Percebi que ela não queria que eu visse quanto ficou feliz por ouvir isso. Eu não ia ficar. Ela não precisava se encher de esperanças.

– Isso é só por causa do Cain. Eu não vou... não posso ficar lá.

Ela não pareceu acreditar em mim.

– Claro. Eu sei.

Eu não estava com disposição para convencê-la. Devolvi o telefone a ela e fui até o meu quarto temporário pegar algumas coisas.

RUSH

Grant finalmente desistiu de mim e foi dançar com uma das meninas que estavam nos olhando desde que entramos na casa noturna. Afinal, ele estava ali para se divertir. Eu precisava da distração, mas tudo o que queria era ir embora. Tomei um gole de cerveja e tentei não fazer contato visual com ninguém. Mantive a cabeça baixa e a cara fechada. Não foi nada difícil.

As palavras de Jace não saíam da minha cabeça. Eu estava com medo. Não, estava em pânico com a possibilidade de ela voltar. Eu ainda me lembrava do seu rosto naquela noite no quarto do hotel. Ela estava vazia. Não havia emoção em seus olhos. Ela tinha terminado comigo, com o pai dela, com tudo. O amor era cruel. Muito cruel.

O banco alto do bar ao meu lado arranhou o piso ao ser empurrado para trás. Não olhei. Não queria ninguém conversando comigo.

– Por favor, me diga que essa careta no seu rosto bonito não é por causa de uma garota. Você vai partir meu coração. – A suave voz feminina era familiar.

Virei a cabeça para o lado apenas o bastante para ver o rosto dela. Embora estivesse mais velha, eu a reconheci na hora. Há algumas coisas de que um cara não se esquece e a garota que tirou a virgindade dele é uma delas. Meg Carter. Ela era três anos mais velha que eu e estava visitando a avó no verão em que completei 14 anos. Não foi uma relação amorosa. Foi mais uma lição de vida.

– Meg – respondi, aliviado por não ser mais uma desconhecida se atirando em cima de mim.

– E ele se lembra do meu nome. Estou impressionada – disse ela. Então olhou para o barman e sorriu. – Jack Daniels com Coca, por favor.

– Um cara nunca esquece sua primeira mulher.

Ela se remexeu no banquinho, cruzando as pernas e virando a cabeça para olhar para mim, fazendo com que os seus cabelos escuros e compridos caíssem por cima do ombro. Ainda eram compridos. Eu era fascinado pelos cabelos dela naquela época.

– A maioria dos caras não lembra, mas você teve uma vida diferente, comparada com a dos outros. A fama deve ter mudado você ao longo dos anos.

– Meu pai é famoso, não eu – reagi.

Detestava quando as mulheres tentavam falar sobre algo de que não sabiam. Meg e eu transamos algumas vezes, mas ela não sabia muito a meu respeito naquele tempo.

– Hum, que seja. E então, por que está de cara feia?

Eu não estava de cara feia. Eu estava acabado, mas não tinha a intenção de me abrir com ela.

– Eu estou bem – respondi, olhando para a pista de dança, na esperança de chamar a atenção de Grant. Estava pronto para ir embora.

– Você parece estar morrendo de dor de cotovelo e sem saber o que fazer – disse ela, pegando a

bebida em cima do balcão.

– Eu não vou conversar com você sobre a minha vida pessoal, Meg. – Fiz questão de deixar claro o tom irritado na minha voz.

– Opa. Calma aí, bonitão. Eu não estava tentando aborrecê-lo. Só estava batendo um papo. Minha vida pessoal não era assunto de bate-papo.

– Então me pergunte sobre a porra do tempo – resmunguei.

Ela não respondeu e gostei disso. Talvez ela seguisse em frente e me deixasse em paz.

– Estou na cidade cuidando da minha avó. Ela está doente e eu precisava fazer alguma coisa diferente da vida. Acabei de passar por um divórcio muito chato. Estava precisando de uma mudança de cenário, sair de Chicago. Vou ficar aqui por pelo menos seis meses. Você acha que vai ficar mal-humorado durante todo esse tempo ou vai melhorar um pouco em um futuro próximo?

Ela queria sair comigo. Não. Eu não estava pronto para isso. Ia começar a responder quando o alerta de mensagem de texto do meu celular tocou. Aliviado por ter uma interrupção para poder pensar em como iria responder, tirei o aparelho do bolso.

Não reconheci o número, mas o “Oi, é a Bethy” chamou minha atenção. Parei de respirar ao abrir a mensagem para ler tudo.

Oi, é a Bethy. Se você não for um idiota completo, vai acordar, descobrir o que está acontecendo e tentar resolver as coisas.

Que merda aquilo queria dizer? O que eu estava deixando passar? Blaire estava em Rosemary? Era isso que ela queria dizer? Levantei e deixei dinheiro suficiente no bar para pagar a minha cerveja e o drinque de Meg.

– Preciso ir. Foi bom ver você. Cuide-se – falei e comecei a procurar Grant no meio da multidão. Eu o encontrei bolinando uma ruiva na pista de dança.

O olhar dele cruzou com o meu e fiz um sinal com a cabeça em direção à porta.

– Agora – falei, me virando para sair.

Iria deixá-lo lá se ele não me alcançasse antes de eu chegar à minha picape. Ela podia estar ali. Eu ia descobrir. Perguntar a Bethy o que ela queria dizer com aquela mensagem maluca não ia adiantar.

BLAIRE

Estendi a mão e cutuquei a perna de Bethy para acordá-la. Ela estava dormindo havia duas horas. Estávamos bem perto da praia de Rosemary e eu precisava que ela assumisse o volante para eu poder procurar a caminhonete de Cain em todos os motéis baratos.

– Chegamos? – resmungou ela, com a voz arrastada de sono, se endireitando no assento.

– Quase. Preciso que você dirija. Tenho que procurar a caminhonete do Cain.

Bethy soltou um suspiro cansado. Sabia que ela só estava fazendo aquilo na esperança de me levar a Rosemary e me segurar lá. Mas eu precisava de uma carona. Ia levar Cain para casa. E, depois, nós teríamos uma conversa bem séria. Por que ele tinha ido até lá para ver Rush? Só esperava que não tivesse contado a ele o que me viu comprando.

Não que eu quisesse guardar segredo de Rush. Era só que eu não tinha conseguido processar tudo ainda. Precisava fazer isso. Entender o que eu queria fazer. Depois iria procurá-lo. Cain sair atrás dele feito um louco não estava nos meus planos. Ainda não podia acreditar que fizera isso.

– Pare aqui. Preciso tomar um café com leite para acordar – orientou Bethy.

Fiz o que ela pediu e parei o carro na frente da Starbucks.

– Quer alguma coisa? – perguntou Bethy ao abrir a porta.

Não sabia se cafeína era bom para o... para o bebê. Balancei a cabeça e esperei até ela sair do carro antes de soltar o soluço que surgiu no meu peito sem que eu estivesse esperando. Eu não havia pensado no que aquelas duas listras cor-de-rosa significavam. Um bebê. Um bebê do Rush. Ah, meu Deus.

Saltei e dei a volta até o banco do carona. Quando terminei de apertar o cinto de segurança, Bethy estava de volta. Já parecia um pouco mais desperta. Descartei pensamentos sobre o bebê e me foquei em encontrar Cain. Poderia pensar sobre o meu futuro, o futuro do meu bebê, mais tarde.

– Tudo bem. Tenho cafeína. Estou pronta para encontrar esse cara.

Não a corriji. Tinha certeza de que ela sabia o nome dele a essa altura. Eu já o mencionara várias vezes. Ela apenas se recusava a reconhecê-lo. Era a sua forma de rebelião. Cain representava Sumit e ela não me queria lá. Em vez de me ofender, a atitude dela me acalmava. Ela me queria ao seu lado e isso era legal.

– Ele saiu de Rosemary por causa dos preços dos hotéis. Então está em algum lugar barato. Pode me dizer o nome de alguns? – pedi.

Bethy respondeu que sim com a cabeça, mas não olhou para mim. Estava mandando uma mensagem de texto. Ótimo. Eu precisava que ela se concentrasse e ela provavelmente estava dizendo ao Jace que estávamos quase chegando. Na realidade, não queria que Jace soubesse de nada.



Dirigimos por quarenta minutos, enquanto eu conferia os estacionamentos de todos os motéis baratos da cidade. Aquilo era frustrante. Ele precisava estar ali em algum lugar.

– Posso usar o seu telefone? Vou ligar de novo e dizer que estamos à sua procura. Ele vai me dizer onde está quando souber que vim até aqui.

Bethy me passou o telefone e digitei rapidamente o número dele. O telefone tocou duas vezes.

– Alô?

– Cain. Sou eu. Onde você está? Estou perto de Rosemary e não consigo encontrar a sua caminhonete em lugar nenhum.

Houve um silêncio.

– Merda...

– Não fique bravo. Preciso ver como você está. Vim até aqui para levá-lo para casa. – Sabia que ele ficaria frustrado por eu chegar tão perto de Rosemary de novo.

– Eu disse que estaria em casa depois de dormir, Blaire. Por que você não pode ficar quieta? – A irritação na sua voz me incomodou. Dava a impressão de que não havia gostado de eu ter ido atrás dele.

– Onde você está, Cain? – perguntei de novo.

Então ouvi uma voz feminina ao fundo. O som do outro lado da linha ficou abafado. Não precisava ser um gênio para descobrir que Cain estava com uma mulher e tentava esconder isso de mim. Fiquei furiosa. Não por achar que Cain e eu tivéssemos alguma chance, mas por ele ter me levado a pensar que estava machucado e sozinho em uma cidade estranha. Cretino.

– Olhe aqui. Eu não tenho tempo para mais joguinhos idiotas, Cain. Já passei por isso, já sei como é. Da próxima vez, por favor, não faça parecer que você precisa de mim quando é claro que não precisa.

– Blaire, não. Deixe-me explicar. Não é o que está pensando. Eu não consegui dormir depois que você ligou. Então entrei na caminhonete e voltei para casa. Eu queria vê-la.

Ouvi um grito furioso do outro lado da linha. Ele estava enfurecendo quem quer que estivesse com ele. O cara era um idiota.

– Vá fazer a sua companhia se sentir melhor. Não precisa explicar. Não preciso de nada de você. Nunca precisei.

– BLAIRE! NÃO! Eu amo você, gata. Amo muito. Por favor, me escute – implorou ele e a garota que estava ao seu lado ficou mais histérica. – Cale a boca, Callie! – rugiu ele.

E então eu soube que ele estava de volta a Sumit. Com a Callie.

– Você foi ver a Callie? Voltou para casa para eu não me preocupar e foi ver a Callie? Você é ridículo, Cain. É sério isso? Isso não me magoa. Você não consegue mais me magoar. Mas pare e pense nos sentimentos dos outros, para variar. Você fica brincando com a Callie e isso está errado. Pare de pensar com o seu pau e cresça.

Encerrei a ligação e devolvi o telefone a Bethy. Ela estava com os olhos arregalados.

– Ele voltou para Sumit – expliquei.

– É... eu entendi essa parte – disse Bethy, devagar.

Estava esperando mais. Ela merecia mais. Havia me levado até ali. Era também a única amiga que eu tinha. Cain não era um amigo. Não de verdade. Um amigo verdadeiro não continuaria fazendo coisas idiotas como ele fazia.

– Posso dormir na sua casa hoje? Acho que não vou voltar para lá. Eu ia embora em breve, mesmo. Amanhã decido para onde vou e, quando chegar lá, ligo para a Vovó Q me enviar o resto das minhas coisas. Não que seja muito. Minha picape já está um ferro-velho. Eu jamais conseguiria fazer uma viagem com ela de novo.

Bethy assentiu, acelerou o carro e voltou a pegar a estrada.

– Você pode ficar comigo o tempo que quiser...

– Obrigada – falei, antes de recostar a cabeça no assento e respirar fundo.

O que eu iria fazer agora?

♦ ♦ ♦

O cheiro de bacon fritando ficava mais e mais forte conforme eu respirava. Era como se o bacon estivesse tomando conta dos meus sentidos. Senti a garganta se fechar. Meu estômago revirou com o cheiro gorduroso à distância. Antes que conseguisse abrir completamente os olhos, meus pés estavam no chão e eu estava correndo para o banheiro.

Por sorte, o apartamento de Bethy não era grande e eu não precisei correr muito.

– Blaire? – A voz de Bethy me chamou da cozinha, mas eu não podia parar.

Ajoelhada em frente ao vaso sanitário, agarrei o assento de porcelana com as duas mãos e comecei a vomitar tudo o que tinha no estômago até não ter nada mais o que pôr para fora. Toda vez que eu achava que tinha acabado, sentia o cheiro de gordura de bacon misturado ao do meu vômito e as ânsias recomeçavam.

Eu estava tão fraca que meu corpo tremia quando eu tentava vomitar e nada mais saía. Senti um pano úmido frio no rosto e vi Bethy acima de mim apertando a descarga e me apoiando contra a parede.

Segurei o paninho no nariz para bloquear o cheiro. Bethy percebeu e fechou a porta do banheiro atrás dela. Depois que ligou o ventilador, pôs as mãos nos quadris e me encarou. A descrença no rosto dela me confundiu. Eu estava enjoada. O que havia de tão estranho nisso?

– Bacon? O cheiro de bacon fez você vomitar? – Ela balançou a cabeça, ainda me encarando como se não acreditasse naquilo. – E você não ia me contar? Você simplesmente ia sentar essa bunda maluca em algum ônibus maldito e ir embora. Sozinha. Eu não acredito nisso, Blaire. O que aconteceu com a garota inteligente que me ensinou a não deixar um homem me usar? Hein? Para onde ela foi? Porque o seu plano é uma droga. Muito ruim mesmo. Você não pode fugir. Você tem amigos aqui. Você vai precisar deles... e eu espero que tenha a intenção de contar ao Rush sobre isso também. Conheço você o bastante para saber que esse bebê é dele.

Como ela sabia? Eu só vomitei. Um monte de gente pega viroses.

– É uma virose – resmunguei.

– Não minta para mim. Foi o bacon, Blaire. Você estava dormindo superbem no sofá e, no instante em que comecei a preparar o bacon, você começou a fazer barulhos esquisitos e a se revirar. Então saiu correndo feito uma bala para vomitar a alma. Não é nenhuma ciência, gata. Pode tirar essa expressão chocada do rosto.

Eu não poderia mentir para ela. Bethy era minha amiga. Possivelmente a minha única amiga agora. Levei os joelhos até o queixo e abracei as pernas. Era a minha forma de me segurar. Quando tinha a sensação de que o mundo estava desmoronando e eu não conseguia controlar, eu sempre ficava nessa posição.

– Foi por isso que Cain veio até aqui. Ele me pegou comprando testes de gravidez ontem. Sei que foi por isso que ele veio. Para perguntar ao Rush... para perguntar sobre o meu relacionamento com ele. Eu me recusei a falar com Cain sobre isso. Eu não queria falar sobre o Rush de jeito nenhum. Aí minha menstruação atrasou. Duas semanas. Pensei que compraria uns testes, que dariam negativo, e tudo ficaria bem. – Interrompi a minha explicação e descansei o rosto sobre os joelhos.

– Os testes... deram positivo? – perguntou Bethy.

Assenti, mas não olhei para ela.

– Você ia contar ao Rush? Ou ia apenas fugir?

O que o Rush iria fazer? A irmã dele me odiava. A mãe dele me odiava. Eles odiavam a minha mãe. E eu odiava o meu pai. Para Rush fazer parte da vida deste bebê, ele teria que abrir mão deles. Eu não podia pedir que ele largasse a mãe e a irmã. Não importava quão horríveis elas fossem, ele as amava. E nunca desistiria de Nan. Eu já havia aprendido que, se tivesse de escolher entre mim e Nan, ele a escolheria. Foi o que ele fez até o fim. Quando eu descobri tudo. Ele a mantivera em segredo. Ele a escolhera.

– Eu não posso contar a ele – falei baixinho.

– Por quê? Tenho certeza que ele gostaria de saber. Além disso, ele precisa ser homem e lhe dar apoio. Essa merda de fugir é uma idiotice.

Ela não sabia de tudo. Ela só sabia algumas coisas. Aos olhos de Rush, a história era apenas a de Nan e de mais ninguém. Mas eu não concordava com isso. A história era minha também. Nan ainda tinha a mãe, o pai e o irmão. Eu não tinha ninguém. Minha mãe e minha irmã estavam mortas. E meu pai bem que poderia estar morto também. Então, essa história era tanto minha quanto dela. Talvez até mais minha.

Levantei a cabeça e olhei para Bethy. Ela era a minha única amiga no mundo. Ela merecia saber de toda a verdade.

RUSH

Foram três semanas, quatro dias e doze horas desde que eu a vira pela última vez. Desde que ela destruíra o meu coração. Se eu estivesse bebendo, culparia o álcool. Devia ser uma ilusão desesperada. Mas eu não tinha bebido. Nem uma gota. Não havia como confundir Blaire. Era ela. Realmente estava aqui. Blaire estava de volta a Rosemary. Estava de volta à minha vida.

Dirigi durante cinco horas ontem à noite por toda a cidade atrás de Bethy, esperando que ela me levasse até Blaire. Mas não encontrei nenhuma das duas. Voltar para casa e admitir a derrota foi doloroso. Convenci a mim mesmo que Bethy ainda estava em Summit com Blaire. Que talvez sua mensagem de texto tivesse sido mandada quando ela estava bêbada, nada mais.

Fiquei zozzo ao vê-la. Ela estava mais magra e não gostei disso. O som da sua voz quase me fez cair de joelhos. Meu Deus, como eu sentia falta da voz dela.

– Blaire... – disse, por fim, morrendo de medo de afastá-la de mim simplesmente por falar.

Ela levantou a mão e ficou segurando uma mecha dos cabelos. Estava nervosa. Não gostei do fato de que eu a estava deixando nervosa. Mas o que eu poderia fazer para facilitar as coisas?

– Podemos conversar? – perguntou ela baixinho.

– Sim. – Dei um passo para trás para deixá-la passar. – Entre.

Ela fez uma pausa e olhou para mim enquanto entrava na casa. O medo e a dor que vi no seu olhar fizeram com que eu me recriminasse. Ela fora magoada ali. O mundo dela fora destruído na minha casa. *Merda*. Não queria que ela se sentisse assim em relação à minha casa. Não quando também havia tantas boas lembranças ali.

– Você está sozinho? – perguntou ela. Olhou de novo para mim.

Ela não queria ver a minha mãe ou o pai dela. Agora eu entendia. Não era a casa.

– Eu os obriguei a sair no dia em que você foi embora – respondi, olhando com cuidado para ela.

Ela arregalou os olhos. Por que isso a surpreendia? Ela não havia entendido? Ela vinha em primeiro lugar. Eu tinha falado isso naquele quarto de hotel.

– Ah. Eu não sabia... – disse ela baixinho. Nós dois sabíamos que ela não sabia porque havia me excluído da sua vida.

– Sou só eu aqui... a não ser pelas visitas eventuais do Grant.

Ela precisava saber que eu não havia seguido em frente. Eu não estava seguindo em frente.

Blaire entrou na casa e eu cerrei os punhos ao sentir o seu perfume familiar a acompanhando. Quantas noites eu passei ali sonhando vê-la voltar para a minha vida. Para o meu mundo.

– Quer beber alguma coisa? – ofereci, pensando no quanto eu queria, na realidade, implorar para que ela conversasse comigo, ficasse comigo e me perdoasse.

Blaire balançou a cabeça e virou-se para me olhar.

– Não, estou bem. Eu... eu só... eu estava na cidade e... – Ela franziu o nariz e eu fiz um esforço enorme para conter a vontade de estender a mão e tocar no rosto dela. – Você bateu no Cain?

Cain. *Merda*. Ela sabia sobre Cain. Ela estava ali para falar sobre Cain?

– Ele perguntou coisas que não deveria ter perguntado. Disse coisas que não deveria ter dito – respondi entre os dentes cerrados.

Blaire suspirou.

– Só posso imaginar – murmurou, balançando a cabeça. – Sinto muito que ele tenha vindo aqui. Ele não pensa direito. Só age por impulso.

Ela não estava defendendo ele. Estava se desculpando por ele. Ela não tinha por que fazer isso. Aquele imbecil não era responsabilidade ou culpa dela.

– Não se desculpe, Blaire. Isso me deixa com vontade de sair correndo atrás dele – resmunguei, sem conseguir controlar a minha reação.

– Foi por culpa minha que ele veio aqui, Rush. Por isso estou me desculpando. Eu o deixei chateado, ele deduziu que foi por sua causa e veio correndo até aqui tomar satisfação antes de resolver as coisas comigo.

Resolver as coisas com ela? Que porra o Cain precisava resolver com ela?

– Ele precisa ficar longe de mim. Se ele chegar a...

– Rush. Calma. Cain e eu somos velhos amigos. Nada além disso. Eu disse a ele algumas coisas que eu precisava ter dito muito tempo atrás. Ele não gostou. Foi cruel, mas eu precisava dizer. Estava cansada de proteger os sentimentos dele. Ele me pressionou demais. Foi só isso.

Respirei fundo, mas não adiantou. Minha cabeça começou a latejar.

– Você veio vê-lo? – Eu precisava saber se era por isso que ela estava ali. Se aquilo não tivesse nada a ver comigo, meu coração precisava saber.

Blaire caminhou na direção da escada em vez de ir para a sala de estar. Percebi isso. E compreendi. Ela podia ter entrado na minha casa, mas não conseguia encarar as coisas. Ainda não. Talvez nunca conseguisse.

– Talvez ele tenha sido a minha desculpa para entrar no carro com a Bethy. – Ela fez uma pausa e deu um suspiro. – Mas ele já havia ido embora quando cheguei aqui. Fiquei por outros motivos. Eu... eu precisava falar com você.

Blaire tinha vindo falar comigo. Já fazia tempo suficiente? Usei cada centelha de força de vontade que possuía para ficar parado e não a tomar nos meus braços. Não me importava o que ela tinha a dizer. O fato de que ela queria me ver era suficiente.

– Que bom que você veio.

Ela franziu levemente a testa, mas não olhava para mim.

– As coisas ainda não mudaram. Não consegui parar de pensar. Eu nunca vou conseguir confiar em você. Nem se eu quiser. Não consigo.

Que porra ela queria dizer com aquilo? O latejar na minha cabeça só piorava.

– Estou indo embora de Sumit. Não posso ficar lá. Preciso dar um jeito na minha vida sozinha.

O quê?

– Você vai morar com a Bethy? – perguntei, imaginando se eu ainda estava dormindo e aquilo

era um sonho.

– Eu não ia, mas conversei com a Bethy hoje de manhã e pensei que talvez, se eu visse você, conversasse com você e encarasse... isto, eu poderia ficar com ela por um tempo. Não seria algo permanente. Eu iria embora em uns dois meses. Só até ter tempo de decidir o que fazer em seguida.

Ela ainda estava pensando em ir embora. Eu precisava mudar isso. Teria dois meses se ela ficasse ali. Pela primeira vez desde que ela me disse para sair do quarto do hotel, tive esperança.

– Acho que você tem razão. Não tem por que tomar uma decisão apressada tendo uma alternativa bem aqui.

Ela poderia ficar na minha casa de graça. Na minha cama. Comigo. Mas eu não poderia oferecer isso. Ela jamais concordaria.

BLAIRE

– Vou voltar a trabalhar no clube. Nós... hum... vamos nos ver de vez em quando. Eu procuraria um emprego em outro lugar, mas preciso do salário que me pagam lá.

Estava explicando isso mais a mim mesma do que ao Rush. Não sabia ao certo o que iria dizer quando chegasse ali. Só sabia que precisava encará-lo. No começo, Bethy havia implorado que eu contasse a ele sobre a gravidez, mas depois que ficou sabendo o que tinha acontecido com o meu pai, Nan e a mãe dela naquele dia, ela não ficou mais tão fã do Rush como antes. Concordou que não havia por que contar nada a ele no momento.

Criar coragem para voltar àquela casa depois da forma como eu havia saído apenas três semanas e meia antes foi difícil. A esperança de que o meu coração não reagiria quando eu visse o rosto de Rush foi inútil. Meu peito ficou tão apertado que foi surpresa eu ter conseguido respirar. Quanto mais falar. Eu estava grávida do bebê dele... do nosso bebê. Mas as mentiras. A traição. Quem ele era. Tudo isso evitou que eu dissesse as palavras que ele merecia ouvir. Eu não podia. Estava errado. Eu estava sendo egoísta e sabia disso. Mas não mudava nada. Aquele bebê que eu estava carregando talvez nunca viesse a conhecê-lo. Eu não podia permitir que o que eu sentia por ele atrapalhasse as minhas decisões em relação ao futuro... ou ao futuro do bebê. Meu pai, a mãe de Cain e Nan jamais seriam parte da vida dessa criança. Eu não permitiria isso. Não poderia permitir.

– Claro, claro. Trabalhar no clube rende uma boa grana. – Ele parou de falar e passou a mão pelos cabelos. – Blaire, nada mudou. Não para mim. Você não precisa da minha permissão. Isso é exatamente o que eu quero. Ter você aqui de novo. Ver o seu rosto. Meu Deus, gata, eu não consigo fazer isso. Não consigo fingir que não estou empolgado por você estar na minha casa agora.

Eu não conseguia olhar para ele. Não agora. Não estava esperando que ele dissesse aquelas coisas. O que eu esperava era uma conversa nervosa e tensa. Era isso que eu queria. Meu coração não iria suportar nada diferente.

– Preciso ir, Rush. Não posso ficar. Só queria ter certeza que você não se importaria de eu ficar na cidade. Vou manter distância.

Rush se mexeu tão rapidamente que eu não me dei conta até ele estar de pé entre mim e a porta.

– Por favor, me desculpe. Eu estava tentando ser legal. Estava tentando ser cuidadoso, mas não consegui. Vou melhorar. Prometo. Vá para a casa da Bethy. Esqueça o que acabei de dizer. Vou me comportar. Prometo. Só... só não vá embora. Por favor.

O que eu podia dizer em relação àquilo? Ele conseguiu fazer com que eu sentisse vontade de tranquilizá-lo. De lhe pedir desculpas. Ele era um perigo para as minhas emoções e o meu bom senso. Distância. Nós dois precisávamos de distância. Assenti e passei por ele.

– Eu... hum... a gente se vê por aí. – Consegui grunhir antes de abrir a porta e sair da casa. Não olhei para trás, mas sabia que ele estava me observando ir embora. Foi o único motivo pelo qual eu não saí correndo. Espaço... nós dois precisávamos de espaço. E eu precisava chorar.

♦ ♦ ♦

Foi como se ele soubesse que eu estava a caminho. Eu já havia decidido ir direto para o salão de jantar procurar por Jimmy. Achei que ele saberia onde encontrar Woods. Mas Woods estava esperando por mim de pé quando abri a porta dos fundos do clube.

– E ela está de volta. Sinceramente, não achei que você iria voltar – disse Woods enquanto a porta batia atrás de mim.

– Por um tempinho só – comentei.

Woods piscou um olho e acenou com a cabeça na direção do corredor que levava ao escritório dele.

– Vamos conversar.

– Está bem – concordei, indo atrás dele.

– Bethy já me ligou duas vezes hoje. Queria saber se eu já tinha conversado com você e garantir que você havia conseguido o seu emprego de volta – falou Woods ao abrir a porta do escritório e segurá-la para que eu entrasse. – Eu só não esperava pela ligação que recebi há dez minutos. Fiquei surpreso. Pela forma como você saiu correndo daqui há três semanas deixando o Rush totalmente arrasado, não esperava que ele fosse ligar para pedir por você. Não que ele precisasse fazer isso, é claro. Eu já havia concordado em devolver o seu emprego.

Parei e olhei para ele. Eu escutei direito?

– Rush? – perguntei, quase temendo ter imaginado aquele comentário.

Woods fechou a porta e recostou-se na frente da sua mesa de trabalho, de madeira lustrosa e aparência cara, cruzando os braços. O sorriso de quando eu cheguei havia desaparecido. Parecia mais preocupado agora.

– Sim, Rush. Eu sei que você descobriu a verdade. Jace me contou parte da história. O que ele sabe, pelo menos. Mas eu já sabia quem você era. Ou quem Rush e Nan achavam que você era. Eu lhe avisei que ele escolheria ela. Ele já estava escolhendo ela quando dei aquele aviso. Você quer mesmo voltar para tudo isso? O Alabama é tão ruim assim?

Não. O Alabama não era tão ruim assim. Mas ser mãe solteira aos 19 anos e sem família era muito ruim. Isso, porém, não era algo que eu iria dividir com Woods.

– Voltar para cá não é nada fácil. Encontrar com todos eles também não vai ser. Mas preciso pensar no que vou fazer. Para onde vou. Não há mais nada para mim no Alabama. Não posso ficar lá fingindo que há. Está na hora de eu encontrar uma nova vida. E Bethy é a única amiga que eu tenho. Minhas alternativas de lugares para onde ir são um pouco limitadas.

Woods arqueou as sobrancelhas.

– Ui. O que eu sou? Achei que fôssemos amigos.

Sorrindo, me aproximei e fiquei parada atrás da cadeira na frente dele.

– Nós somos, mas, bem... não amigos íntimos.

– Não por falta de esforço meu.

Dei uma risadinha e Woods sorriu.

– É bom ouvir isso. Senti sua falta.

Talvez voltar não fosse tão difícil.

– Pode ter o seu emprego de novo. Não tive sorte com garotas de carrinhos e o Jimmy ainda está de mau humor com isso. Ele não se sai bem com as outras. Sente sua falta também.

– Obrigada. Mas preciso ser sincera com você. Pretendo ir embora em quatro meses. Não posso ficar aqui para sempre. Eu...

– Tem uma vida para tocar. Sim, já sei. Você não pretende fincar raízes em Rosemary. Entendi. Por qualquer que seja o período de tempo, o emprego é seu.

RUSH

Bati mais uma vez antes de abrir a porta da casa de Nan e entrar. Vi o carro dela estacionado do lado de fora. Sabia que ela estava ali. Só queria anunciar minha entrada. Uma vez, cometi o erro de não bater antes e acabei vendo a minha irmãzinha montada no colo de um cara. Quis jogar água sanitária nos olhos depois daquela experiência.

– Nan, está na hora. Precisamos conversar.

Eu a chamei e fechei a porta atrás de mim. Entrei na sala de estar. O barulho de mais de uma voz sussurrada e passos vindo da suíte quase me obrigaram a dar meia-volta e ir embora, mas eu não ia fazer isso. Aquilo era mais importante. O convidado dela tinha que ir para casa mesmo. Já passava das onze.

A porta do quarto dela se abriu e se fechou. Interessante. Quem quer que estivesse ali ia ficar. Teríamos que ir conversar na varanda. Eu não falaria sobre a Blaire na frente de mais ninguém. Provavelmente eu conhecia o cara que estava naquele quarto. Seria o único motivo para ela mantê-lo escondido.

– Já ouviu falar em ligar antes de aparecer? – reclamou Nan ao entrar na sala de estar vestindo um robe curto de seda. Estava cada vez mais parecida com a nossa mãe.

– Está quase na hora do almoço, Nan. Você não pode manter o cara na cama o dia todo – respondi, abrindo as portas que levavam à varanda com vista para o golfo. – Preciso conversar com você e não quero que seu amiguinho nos escute.

Nan revirou os olhos e saiu atrás de mim.

– Engraçado como tentei falar com você durante semanas e agora que *você* quer conversar chega invadindo a minha casa como se eu não tivesse vida própria. Eu pelo menos ligo antes.

Ela estava começando a falar parecido com a nossa mãe também.

– Este apartamento é meu, Nan. Posso entrar quando bem entender.

Tive que lembrá-la disso. Ela ia sair de lá na metade de agosto para voltar para a fraternidade em que morava e para o curso universitário pelo qual ainda não havia se decidido. Para ela, a faculdade era uma função social. Ela sabia que eu pagaria as despesas e as mensalidades. Sempre cuidei de tudo para ela.

– Que sarcástico. Do que se trata isso tudo? Ainda não tomei café.

Ela não tinha medo de mim. Eu não queria tivesse, mas estava na hora de ela crescer. Eu não ia deixar que expulsasse Blaire. Em um mês, Nan teria partido. Normalmente, eu também. Mas não naquele ano. Continuaria morando em Rosemary. Minha mãe teria que escolher outro lugar para ficar. Não teria aquela casa de graça pelo resto do ano.

– Blaire voltou – falei, por fim.

Eu tivera tempo o suficiente para ver as coisas de outro ângulo. Não achava mais que Nan era a

vítima da história. Quando criança, sim, mas Blaire também era. Nan ficou tensa e seus olhos faiscaram com um ódio que pertencia ao pai dela, não a Blaire.

– Não diga nada. Deixe-me falar primeiro ou vou botar o seu amiguinho para fora do meu apartamento. Eu estou no comando aqui, Nan. Nossa mãe não tem nada. Sou eu que sustento vocês duas. Nunca lhe pedi nada. Nunca. Mas agora vou pedir... não, vou exigir que você me escute e que atenda às minhas condições.

Em instantes, a raiva de Nan havia sumido. Agora eu tinha a garotinha mimada me encarando. Ela não gostava que lhe dissessem o que fazer. Não podia culpar a minha mãe pelo seu comportamento, não completamente. Eu fazia isso também. O excesso de compensação tinha estragado Nan.

– Eu a odeio – sussurrou Nan.

– Eu falei para me ouvir. Não pense que estou blefando, Nan. Porque desta vez você ferrou com uma coisa de que eu gosto. Isso me afeta, então me ouça e cale a boca.

Ela arregalou os olhos, chocada. Eu nunca tinha falado com ela daquele jeito, então eu mesmo fiquei um pouco surpreso. Ouvir o ódio na voz dela direcionado a Blaire havia me deixado muito furioso.

– Blaire vai ficar com Bethy. Woods devolveu o emprego dela. Ela não tem nada no Alabama. Não tem ninguém. O pai que vocês duas dividem é um imprestável. Para Blaire, ele poderia muito bem estar morto. Ela voltou para descobrir onde se encaixa e o que fazer depois. Estava fazendo isso antes, mas quando a verdade veio à tona, seu mundo desmoronou e ela fugiu. É uma porra de um milagre que tenha voltado para cá. Eu a quero aqui, Nan. Você pode não querer ouvir isso, mas eu a amo. *Nada* vai me impedir de garantir que ela fique bem, que esteja segura e que ninguém, e eu realmente quero dizer *ninguém*, nem mesmo a minha irmã, faça com que ela se sinta indesejada. Você vai embora logo. E pode continuar com o seu ódio mal direcionado se quiser, mas um dia espero que cresça o suficiente para se dar conta de que só existe uma pessoa a ser odiada nessa história.

Nan afundou em uma das espreguiçadeiras que mantinha na varanda para ler. Eu a amava também. Eu a protegerei durante toda a vida. Dizer aquilo e ameaçá-la era difícil, mas eu não poderia deixar que ela continuasse magoando Blaire. Precisava acabar com aquilo. Blaire nunca me daria outra chance enquanto Nan estivesse atormentando a sua vida.

– Então você está escolhendo Blaire... – sussurrou Nan.

– Não é uma competição, Nan. Pare de agir assim. Você já tem seu pai. Ela o perdeu. Você ganhou. Agora deixe as coisas como estão.

Nan levantou o rosto e havia lágrimas em seus olhos.

– Ela fez você me odiar.

Maldito drama de merda. Nan tinha uma novela na cabeça.

– Nan, me escute. Eu amo você. Você é a minha irmãzinha. Ninguém pode mudar isso. Mas eu estou apaixonado pela Blaire. Isso pode ser um golpe enorme nos seus planos de conquistar e destruir, mas, querida, está na hora de resolver os problemas com o seu pai. Ele voltou há três anos. Preciso que você supere isso.

– E quanto à família estar em primeiro lugar? – perguntou ela, com a voz embargada.

– Não comece com isso. Nós dois sabemos que pus você em primeiro lugar a vida toda. Sempre que precisou de mim, eu estive ao seu lado. Mas somos adultos agora, Nan.

Ela secou as lágrimas que escaparam dos seus olhos e se levantou de novo. Eu nunca conseguia saber se as lágrimas dela eram reais ou falsas. Ela era capaz de ligá-las e desligá-las à vontade.

– Tudo bem. Talvez eu volte para a faculdade mais cedo. Você não me quer aqui mesmo. Você a escolheu.

– Eu sempre vou querer você por perto, Nan. Mas desta vez quero que você seja legal. Pense em outra pessoa para variar. Você tem coração. Sei disso. Está na hora de usá-lo.

Nan se empertigou.

– Se a conversa já terminou, você pode, por favor, ir embora do *seu* apartamento?

– Sim, já terminou – respondi, voltando para dentro.

Sem dizer mais uma palavra, saí pela porta da frente. O tempo agora iria dizer se eu precisaria levar minhas ameaças até o fim para ensinar uma lição à minha irmã.

Esperava sinceramente que não.

BLAIRE

Precisava das minhas coisas e precisava vender a minha picape. Ela jamais faria um trajeto tão longo de novo. Depois de ela ter enguiçado na semana passada, Cain chegou a dar uma olhada e disse que poderia consertá-la temporariamente. No entanto, o custo para consertar tudo o que era necessário era maior do que eu poderia pagar. Ligar e pedir para a Vovó Q ou Cain mandarem as minhas coisas e venderem a picape não me pareceu certo. Eles mereciam uma explicação... ou pelo menos a Vovó Q merecia. Ela me dera um teto, uma cama e me alimentara durante três semanas. Eu teria que voltar a Sumit para pegar as minhas coisas e me despedir da Vovó Q. Woods me deu alguns dias para me estabelecer antes de voltar ao trabalho.

Bethy havia tirado o dia anterior de folga para me levar para me inscrever no Medicaid. Estava na hora de ir ao médico, mas precisava pedir o seguro-saúde antes. Naquele dia, eu a havia escutado dizer ao Jace que estava esperando ansiosamente pelo encontro dos dois naquela noite. Eu estava monopolizando o tempo dela desde que tinha ido me buscar. Estava começando a me sentir um fardo. Detestava essa sensação. Eu podia pegar um ônibus. Não seria caro e, principalmente, eu não a incomodaria. Abri o notebook de Bethy para pesquisar os horários.

Uma batida na porta interrompeu os meus pensamentos. Parei de fazer a busca e fui abrir a porta. Eu jamais esperaria aquilo. Lá estava Rush, com as mãos enfiadas na frente do jeans e vestindo uma das suas camisetas justas. Levantou os óculos estilo aviador. Gostaria que ele não os tivesse tirado. A cor prateada dos seus olhos sob luz sol era ainda mais impressionante do que eu me lembrava.

– Oi. Encontrei a Bethy no clube. Ela disse que você estava aqui – explicou. Ele estava nervoso. Eu nunca o tinha visto assim.

– É... hum... Woods me deu uns dias para trazer as minhas coisas de Sumit antes de começar a trabalhar.

– Você precisa ir buscar as suas coisas?

– É. Deixei tudo lá. Só trouxe bagagem para um dia. Não estava planejando ficar.

Rush franziu a testa.

– E como você vai até lá? Não estou vendo a sua picape.

– Eu estava procurando informações na internet para saber onde fica a estação de ônibus mais próxima.

Rush franziu ainda mais a testa.

– Fica a quarenta minutos daqui. Em Fort Walton Beach.

Não era tão ruim quanto eu havia imaginado.

– Não é seguro viajar de ônibus, Blaire. Não gosto da ideia de você andando de ônibus. Deixe-me levá-la. Por favor. Você vai chegar mais rápido e é de graça. Você pode economizar o seu

dinheiro.

Uma carona com ele? Ida e volta para Sumit? Será que era uma boa ideia?

– Não sei... – hesitei, porque sinceramente não sabia o que responder. Meu coração não estava pronto para tanto Rush.

– Não precisamos nem conversar... ou podemos, se você quiser. Deixo você escolher a música e não reclamo.

Se eu voltasse com Rush, Cain iniciaria uma briga? Pior, será que contaria a Rush sobre a gravidez? Ele faria isso? Eu nunca confirmei a Cain que estava grávida.

– Sei que você não consegue perdoar as mentiras e a mágoa. Não estou pedindo que faça isso. Você sabe que eu sinto muito e que, se pudesse, voltaria atrás. Por favor, Blaire, estou pedindo isso como um amigo que quer ajudar e mantê-la a salvo de malucos que poderiam fazer mal a você em uma viagem de ônibus.

Pensei no quanto era pouco provável que alguém me fizesse mal no ônibus. E então pensei no fato de que eu não estava mais cuidando apenas de mim. Tinha outra vida para proteger.

– Está bem. Aceito a carona.



Jace estava atirado sobre a grande poltrona na sala de estar de Bethy com os pés apoiados no pufe e Bethy enroscada no colo dele. Eu estava no sofá, me sentindo um experimento científico com os dois me encarando com ar confuso.

– Então... você não vê problema no fato de Rush levar você para Sumit amanhã para pegar suas coisas? Quero dizer, você não se sente estranha em relação a isso, ou... – Bethy hesitou.

Seria estranho. Também seria difícil ficar perto dele, mas eu precisava de uma carona. Bethy tinha que trabalhar, não podia tirar mais um dia de folga para me ajudar naquela semana.

– Ele ofereceu. Eu precisava de uma carona, então aceitei.

– E foi tão fácil assim? Por que eu não estou acreditando nisso? – perguntou Bethy.

– Porque ela está deixando de fora as partes em que ele implorou e se humilhou – respondeu Jace, dando uma risada.

Pus a manta sobre os ombros. Estava com frio. Vinha sentindo muito frio ultimamente, o que era estranho, uma vez que era verão na Flórida.

– Ele não implorou – falei, sentindo necessidade de defender Rush. Mesmo se ele realmente tivesse implorado, não era da conta do Jace.

– Tudo bem. Se você está dizendo. – Jace tomou um gole do chá gelado que Bethy havia preparado para ele.

– Não é da nossa conta. Deixe-a em paz, Jace. Nós precisamos decidir sobre o que vamos fazer com o aluguel deste apartamento em uma semana.

Eu não ficaria muito tempo ali. Já dissera isso a ela. Mudar para o apartamento mais caro não tinha sido uma boa ideia. Minha metade do aluguel não seria coberta depois que eu me mudasse e ela ficaria com todo o custo.

Jace beijou a mão de Bethy e sorriu para ela.

– Eu disse que posso cuidar de tudo. Basta você deixar.

Ele piscou para ela e eu virei a cabeça. Não queria observá-los. Rush e eu nunca havíamos sido daquele jeito. Nosso relacionamento foi curto. Intenso e breve. Imaginei qual teria sido a sensação de poder me enroscar nos braços de Rush sempre que eu quisesse. Saber que estava protegida e que ele me amava. Nunca tivera essa oportunidade.

– E eu disse que não vou deixar você pagar o meu aluguel. Sinto muito. Novo plano. Ah, Blaire, por que não saímos para procurar apartamento amanhã?

Uma batida na porta me interrompeu antes que eu pudesse concordar. E então, Grant abriu-a e entrou.

– Ei, você acabou de entrar no apartamento da minha garota sem permissão. Ela podia estar nua – rosnou Jace para Grant.

Grant revirou os olhos e sorriu na minha direção.

– Vi o seu carro aqui, espertinho. Calma. Vim para ver se consigo convencer Blaire a dar uma volta comigo.

– Você está querendo levar uma surra? – perguntou Jace.

Grant deu um sorriso irônico e balançou a cabeça antes de voltar sua atenção para mim.

– Vamos lá, Blaire. Vamos dar uma volta e botar os assuntos em dia.

Será que Grant tinha feito parte daquela mentira toda? Ele certamente sabia a respeito. Eu não poderia dizer não. Mesmo que soubesse, ele também tinha sido a primeira pessoa legal que eu havia encontrado ali. Abastecera meu carro. Preocupara-se comigo dormindo embaixo da escada. Respondi que sim e me levantei.

– Esses dois precisam de algum tempo a sós mesmo – falei, olhando para Bethy. Ela me observava com atenção. Dei um sorriso tranquilizador e ela pareceu relaxar.

– Não saia por nossa causa. Precisamos decidir onde vamos morar em uma semana – disse Bethy enquanto eu me dirigia para a porta.

– Vocês podem falar sobre isso mais tarde, Beth Ann. Blaire esteve fora por quase um mês. Você precisa ser menos egoísta – alegou Grant, abrindo a porta para eu sair.

– Rush vai pirar – disse Jace em voz alta pouco antes de Grant fechar a porta, abafando o que quer que Bethy houvesse começado a dizer.

Descemos a escada em silêncio. Quando já estávamos na calçada, olhei para Grant.

– Você só estava com saudades ou quer me dizer alguma coisa? – perguntei.

Grant sorriu.

– Estava com saudades. Precisei aturar o humor infernal do Rush. Então, pode acreditar. Senti saudade pra cacete.

Percebi pelo tom de provocação que ele estava querendo fazer uma piada. Mas pensar em Rush chateado não me fez sorrir. Só me fez lembrar de tudo.

– Desculpe – murmurei. Não sabia o que mais dizer.

– Que bom que você voltou.

Fiquei esperando. Sabia que ele queria me dizer mais alguma coisa. Podia sentir isso. Ele só

estava dando um tempo e escolhendo as palavras.

– Sinto muito pelo que aconteceu. Como aconteceu. E pela Nan. Ela pode parecer a vaca mais mimada do mundo, mas teve uma infância horrorosa. Isso a estragou. Se você fosse filha da Georgianna, compreenderia. Por ser menino, não foi tão ruim para o Rush. Mas a Nan, caramba, o mundo dela era todo fodido. Não estou justificando nada, é só uma explicação.

Não respondi. Não tinha nada a dizer sobre aquilo. Eu não sentia nenhum tipo de solidariedade em relação a Nan, mas era óbvio que os homens da vida dela sentiam. Sorte dela.

– Independentemente de tudo isso, o que ela fez foi errado. A forma como tudo foi escondido de você foi uma merda. Sinto muito não ter falado nada, mas, para ser sincero, eu nem sabia que você e o Rush estavam tendo alguma coisa até aquela noite no clube em que ele pirou por causa dos escargots. Eu percebi que ele estava atraído por você, mas a maioria dos homens da cidade também estava. Achei que ele fosse o único cara que não daria em cima de você pela lealdade que tem com a Nan e...bem, o que você representava para os dois.

Grant parou de caminhar e eu me virei para ele.

– Eu nunca o vi assim. Nunca. Ele parece oco. Não consigo me aproximar dele. Ele não sorri. Nem se dá mais o trabalho de fingir que aproveita a vida. Está diferente desde que você foi embora. Ainda que ele não tenha sido sincero e parecesse só estar protegendo a Nan... vocês dois simplesmente não tiveram tempo suficiente. Nan foi responsabilidade de Rush desde que ele era um garoto. Isso era tudo o que a gente sabia. Então você entrou no mundo dele e o virou de cabeça para baixo da noite para o dia. Se ele tivesse tido mais tempo, teria lhe contado. Sei que teria. Mas ele não contou. Toda a situação não foi justa com ele. Rush estava se apaixonando pela garota que ele sempre achava que era a culpada por sua irmã não ter pai. As crenças dele estavam mudando e foi difícil para ele avaliar tudo isso.

Apenas o encarei. Não porque não concordasse. Eu já sabia de tudo aquilo. Compreendia o que ele estava dizendo. O problema era que... isso não mudava as coisas. Mesmo que ele fosse me contar, não mudava quem ele e Nan eram e o que representavam para mim. Os últimos três anos da minha mãe tinham sido um inferno, enquanto eles viviam em suas casas chiques, indo de uma festa para outra. A crença deles nas mentiras que me contaram era a única coisa que eu não achava que algum dia seria capaz de superar.

– Merda. Eu provavelmente estou piorando as coisas. Eu só queria conversar e garantir que você soubesse que o Rush... ele precisa de você. Ele está arrependido. E não acho que algum dia ele vá esquecê-la, Blaire. Se ele tentar conversar com você sobre isso amanhã, pelo menos tente escutá-lo.

– Eu o perdooi, Grant. Só não consigo esquecer. O que fomos ou o que estávamos prestes a ser acabou. Nunca mais vai acontecer. Não posso deixar que aconteça. Meu coração não vai permitir. Mas eu sempre vou escutá-lo. Eu me importo com ele.

Grant soltou um suspiro cansado.

– Acho que isso é melhor do que nada.

Era tudo o que eu tinha a oferecer.

RUSH

Blaire saiu do apartamento de Bethy com um copo de café antes que eu pudesse saltar do carro. Abri a porta e saí da picape. Ela estava com os cabelos soltos, caindo sobre as costas. Eu adorava os cabelos dela assim. Usava um short que mal cobria as suas pernas e iria dificultar a minha concentração enquanto dirigia. Eles subiriam pelas coxas. Tirei os olhos das pernas dela e me fixei no seu olhar firme. Ela dava um sorrisinho forçado.

– Trouxe um pouco de café, já que você saiu da cama tão cedo por minha causa. Sei que não gosta de acordar cedo.

Sua voz era insegura e suave. Seria a minha missão mudar isso nessa viagem. Queria que ela voltasse a se sentir confortável ao meu lado.

– Obrigado – falei, com um sorriso que, esperava, a tranquilizasse e abri a porta do carona para ela.

Não havia conseguido dormir desde as três da manhã. Estava ansioso. Já devia ter tomado uns dois bules de café. Mas não diria isso a ela. Blaire tinha me levado café. Um sorriso verdadeiro tomou conta dos meus lábios quando fechei a porta e segui de volta para o banco do motorista.

Blaire segurava uma garrafa de água que também tinha trazido perto da boca e estava tomando pequenos goles quando olhei para ela.

– Se quiser ouvir música, prometi que a deixaria escolher – lembrei a ela. Ela não se mexeu, mas um sorriso se insinuou em sua boca.

– Obrigada. Estou bem agora. Você pode ouvir alguma coisa, se quiser. Preciso acordar primeiro.

Eu não queria saber do rádio. Só queria conversar com ela. Não importava sobre o quê. O importante era conversar.

– E então, qual é o plano? Cain sabe que você está indo buscar as suas coisas? – perguntei.

Ela se remexeu no assento e eu me obriguei a manter os olhos na estrada e não em suas pernas.

– Não. Quero explicar tudo para ele e para a avó dele, a Vovó Q. Também preciso convencê-lo a vender a minha picape e me enviar o dinheiro. Ela não vai conseguir fazer o caminho de volta para cá. Está muito detonada.

A picape dela era velha. A ideia de que ela não estaria mais andando por aí naquilo era um alívio. Mas também não gostava da ideia de ela não ter carro. Eu ainda não sabia como eu ia dar um jeito nisso. Ela jamais aceitaria que eu lhe comprasse um. Talvez a picape dela pudesse ser consertada e ficar mais segura.

– Eu posso levá-la a uma oficina enquanto você estiver arrumando as coisas. Talvez só precise de alguns ajustes.

Blaire suspirou.

– Obrigada, mas não precisa se incomodar. Cain já fez isso. Ele mandou consertar para que eu pudesse andar com ela pela cidade, mas disse que era um quebra-galho. Precisa de muito mais e eu não posso pagar.

Apertei a direção com mais força. A ideia de que Cain vinha cuidando dela me deixava maluco. Eu detestava que ele houvesse levado a picafe dela à oficina. Que a família dele a tivesse ajudado quando ela mais precisou. Minha família havia ferrado com a vida dela. E eu não estava ao seu lado quando ela precisou de ajuda.

– Então você e o Cain estão...?

Que merda eu estava perguntando? Se eles estavam o quê? Porra. Eu não queria saber isso.

– Nós somos amigos, Rush. Fomos amigos a vida inteira. O que eu sinto em relação a ele não mudou.

Soltei um pouco a direção e passei as palmas das mãos suadas na calça jeans. Merda, ela me deixava maluco. Se eu queria que ela voltasse a se sentir confortável comigo, precisava me acalmar. Não encher o Cain de porrada quando o visse seria um bom começo.

Antes que pudesse dizer qualquer outra coisa, Blaire se inclinou para a frente e ligou o rádio. Encontrou uma estação de música country no meu rádio por satélite, recostou-se no banco e fechou os olhos. Eu havia me intrometido demais. Ela estava pedindo educadamente para eu calar a boca. Entendi a dica.

Trinta minutos de silêncio se passaram até que o meu telefone tocou. O nome de Nan apareceu na tela do meu painel. O maldito iPhone estava conectado ao meu carro. Normalmente, isso facilitava as coisas e me deixava com as mãos livres. Mas Blaire ver o nome de Nan não foi legal. Eu não queria uma lembrança. Meu plano era que aquele dia fosse isento de lembranças. Cliquei “Ignorar” e o rádio voltou a tocar.

Não olhei para Blaire, mas senti os olhos dela em mim. Foi muito difícil não me virar para ela.

– Você podia ter falado com ela. É sua irmã – disse Blaire, tão baixinho que eu quase não ouvi por causa da música.

– É, mas também representa coisas em que eu não quero que você pense hoje.

Blaire não parou de olhar para mim. Eu estava fazendo o máximo de esforço para manter a situação casual. Parar o carro, segurar o rosto dela e dizer o quanto ela era importante para mim e o quanto eu a amava não era o que ela estava precisando naquele momento.

– Eu estou melhor, Rush. Tive tempo de processar tudo e lidar com a situação. Vou ver a Nan no clube. Estou preparada para isso. Você está me ajudando hoje. Poderia estar fazendo qualquer outra coisa, mas escolheu tirar o dia para me ajudar. Não quero impedir que atenda telefonemas de pessoas de quem você gosta. Não sou feita de açúcar.

Porra. O plano de manter a situação casual e simples tinha oficialmente fracassado. Parei no acostamento em um rompante. Mantive as mãos longe dela, mas voltei toda a minha atenção para Blaire.

– Eu escolhi levar você hoje porque não há nada que eu queira mais do que estar perto de você. Estou fazendo isso porque sou um homem desesperado que vai enfrentar o que quer que seja por você. – Fui vencido e estendi a mão para passar o polegar no rosto dela e então nos seus cabelos,

que me fascinavam desde a primeira vez que eu pusera os olhos nela. – Eu faço qualquer coisa. Qualquer coisa, Blaire, só para ficar perto de você. Não consigo pensar em mais nada. Não consigo me focar em mais nada. Então nunca pense que você está sendo inconveniente. Quando precisar de mim, estarei aqui.

Parei. Estava parecendo patético até para mim mesmo. Afastei a mão da cabeça dela, engatei a picafe e voltei para a estrada.

Blaire não disse nada. Eu não a culpava. Eu parecia um maluco falando. Ela provavelmente estava com medo de mim agora. Caramba, até eu estaria.

BLAIRE

Meu coração estava batendo tão forte que eu tinha certeza de que ele podia ouvir. Aquela tinha sido uma péssima ideia. Estar perto dele me deixava muito confusa. Era fácil esquecer quem ele era. Ele me tocar, ainda que só o meu rosto, me deu vontade de chorar. Eu queria mais do que aquilo. Sentia saudade dele. De tudo o que lhe dizia respeito. E estaria mentindo se dissesse que a ideia de estar tão perto dele o dia todo não havia me mantido acordada a maior parte daquela noite.

Como eu não disse nada, Rush aumentou o volume do rádio de novo. Eu devia falar alguma coisa, mas o quê? Como reagir àquilo sem simplesmente causar mais dor a nós dois? Dizer a ele que sentia saudade dele e que também o queria não facilitaria as coisas. Só seria mais difícil.

Desta vez, quando o telefone tocou, a tela do painel do carro dele exibiu o nome “Grant”. Rush apertou um botão e atendeu.

– Oi.

Arrisquei olhar para ele, já que o seu foco não estava mais em mim. As rugas de preocupação em seu rosto me deixaram triste. Não queria que elas estivessem lá.

– É, estamos a caminho – respondeu Rush ao telefone. – Não acho que seja uma boa ideia. Ligo para você quando voltar. – Ele cerrou o maxilar e eu soube que o que quer que Grant estivesse dizendo o estava deixando irritado. – Eu disse que não – resmungou e encerrou a ligação antes de atirar o telefone no porta-copos.

– Tudo bem com você? – perguntei sem pensar direito.

Ele virou a cabeça para mim. Era como se estivesse espantado pelo fato de eu estar falando com ele.

– Sim. Tudo bem – respondeu, em um tom muito mais calmo, então voltou os olhos para a estrada.

Esperei alguns minutos e decidi fazer algum comentário sobre o que ele me dissera. Se eu não começasse a falar sobre isso com ele, sempre teríamos aquele silêncio estranho entre nós. Mesmo que eu fosse embora em quatro meses e nunca mais o visse... não, eu o veria de novo. Eu teria que vê-lo, não teria? Será que eu poderia mesmo nunca contar a ele sobre o bebê? Afastei esse pensamento. Ainda não tinha ido ao médico. Pensaria nisso quando chegasse o momento. Naquela manhã eu vomitara de novo ao abrir o compactador de lixo e sentir um resquício do cheiro de peixe frito que Jace jogara fora na noite anterior. Eu não era tão sensível normalmente. O chá quente de gengibre que eu estava tomando quando Rush foi me buscar havia acalmado o meu estômago. Eu podia fingir que aquele teste de gravidez estava errado ou encarar a realidade.

– Sobre o que você falou... eu, hum, não sei bem como responder àquilo. Quero dizer, sei como me sinto e gostaria que as coisas fossem diferentes, mas elas não são. Eu quero que a gente...

quero que a gente encontre um jeito de ser amigos... talvez. Eu não sei. Isso parece tão esquisito. Depois de tudo – parei, porque a minha tentativa de conversar com ele estava sendo um caos.

Como nós poderíamos ser amigos? Foi como tudo aquilo tinha começado e ali estava eu, apaixonada e grávida de um homem com quem eu não podia ter um futuro.

– Eu serei o que você me deixar ser, Blaire. Só não me tire da sua vida de novo. Por favor.

Assenti. Tudo bem. Daria um tempo àquela história de amizade. Depois... depois eu contaria a ele sobre a gravidez. Ou ele sairia correndo, ou iria querer fazer parte da vida do nosso bebê. De qualquer maneira, eu precisava de tempo para me preparar. Porque não deixaria meu filho ter qualquer coisa a ver com aquela família. Nunca. Isso estava fora de cogitação. Eu odiava mentirosos... mas estava prestes a me tornar uma por um tempo. Desta vez, era eu quem tinha um segredo para guardar.

– Tudo bem – respondi, mas não disse mais nada.

Meus olhos estavam ficando pesados. A falta de sono da noite anterior e o fato de que eu não podia tomar cafeína para me despertar estavam me pegando. Fechei os olhos.

♦ ♦ ♦

– Calma, doce Blaire. Sua cabeça estava caindo para a frente e você iria acabar com um baita torcicolo. Vou só deitar o seu encosto.

Um sussurro profundo e quente soprou no meu ouvido e eu estremeci. Eu me virei para ele, mas estava tão sonolenta que não consegui despertar por completo. Algo suave roçou meus lábios e eu caí no sono de novo.

♦ ♦ ♦

– Você precisa acordar, dorminhoca. Estou aqui, mas não faço ideia de para onde ir.

A voz de Rush, acompanhada por um apertão suave no braço, me despertou. Esfreguei os olhos e os abri. Estava deitada. Olhei para Rush e ele sorriu.

– Não podia deixar você ficar com o pescoço caído. Além disso, estava dormindo tão profundamente, que quis que você se sentisse mais confortável.

Ele soltou o cinto de segurança e se aproximou de mim para apertar um botão na lateral do meu assento. O encosto voltou devagar à posição normal e eu vi o sinal de trânsito de Sumit, no Alabama, à minha frente.

– Sinto muito. Dormi o caminho todo. Deve ter sido uma viagem muito chata.

– Eu fiquei com o controle do rádio, então não foi nada mau – respondeu Rush com um sorriso irônico, olhando para o sinal. – Para onde eu vou daqui?

– Siga em frente até ver uma grande placa vermelha de madeira anunciando “Produtos frescos e lenha à venda” e vire à esquerda. Vai ser a terceira casa à direita, mas fica mais ou menos três quilômetros depois de entrar na estrada. Depois de mais ou menos uns quatrocentos metros, acaba o asfalto.

Rush seguiu as minhas orientações e não falamos muito. Eu ainda estava acordando e um pouco enjoada. Não havia comido nada. Tinha biscoitos salgados que a Bethy me dera na bolsa, mas comer um deles na frente do Rush seria uma má ideia. Se eu passasse mal, poderia deixá-lo desconfiado.

Quando paramos na porta da garagem da casa da Vovó Q, eu estava suando frio. Vomitaria se não comesse alguma coisa. Abri a porta para sair antes que Rush pudesse ver o meu rosto. Provavelmente devia estar pálida.

– Quer que eu vá com você ou é melhor esperar aqui? – perguntou Rush.

– Ah, hum... talvez seja melhor você ficar aqui – respondi ao ver a caminhonete do Cain estacionada.

Não queria que Rush e Cain brigassem de novo. Também não confiava em Cain para ficar de bico fechado sobre o teste de gravidez. Fechei a porta do carro e segui na direção da casa.

Cain abriu a porta de tela e saiu antes que eu chegasse ao primeiro degrau. A expressão no seu rosto era uma mistura de preocupação e raiva.

– Por que ele está aqui? Ele trouxe você para casa, agora pode ir embora – resmungou Cain, olhando para Rush atrás de mim.

É, tinha sido uma ótima ideia Rush ficar no carro. Senti o estômago embrulhar e lutei contra a náusea.

– Ele vai me levar de volta. Acalme-se, Cain. Você não vai brigar com ele. Você é meu amigo. Ele é meu amigo. Vamos conversar sobre isso lá dentro. Preciso pegar minhas coisas.

Cain deu um passo para trás e me deixou passar, então me seguiu para dentro da casa, batendo a porta atrás de si.

– O que quer dizer com “levar de volta”? Aquele teste deu positivo? Você vai voltar para ele agora, mesmo depois de ter sido tão magoada a ponto de voltar para cá arrasada três semanas atrás? Eu vou cuidar de você, Blaire. Sabe disso.

Levantei a mão para que ele parasse de falar.

– Uma coisa não tem nada a ver com a outra, Cain. Ele é um amigo que me deu uma carona. Sim, nós fomos mais do que isso antes... aconteceram coisas, mas agora não estão mais acontecendo. Eu não estou correndo para ele. Vou reaver meu emprego em Rosemary e ficar morando com a Bethy por um tempo. Depois vou para outro lugar recomeçar a vida. Só não posso continuar aqui.

– Por que não pode ficar aqui? Caramba, Blaire, eu me caso com você hoje mesmo. Sem perguntas. Amo você. Mais do que a minha própria vida. Você tem que saber disso. Pisei na bola quando éramos mais novos e aquela história com a Callie não significa nada para mim. Ela é só uma garota que me distrai. Você é tudo o que eu quero. Venho lhe dizendo isso há anos. Por favor, me escute...

– Cain, pare com isso. Você é meu amigo. O que nós tivemos acabou há muito tempo. Eu flagrei você fazendo coisas que não devia com outra garota. Naquela noite, tudo mudou. Amo você, mas não estou apaixonada por você e nunca mais estarei. Preciso arrumar as minhas coisas e tocar a minha vida.

Cain deu um soco na parede.

– Não diga isso! Essa história não acabou. Você não pode fugir assim, sozinha. Não é seguro! – Ele fez uma pausa. – Você está grávida?

Não respondi. Fui até o quarto onde estava hospedada e comecei a arrumar a minha mala.

– Está? – insistiu ele, me seguindo até o quarto.

Não respondi. Continuei focada nas minhas coisas.

– Ele sabe? O filho do astro de rock vai assumir a responsabilidade? Ele está mentindo, B. O bebê vai chegar e ele *vai* fugir. Ele não vai conseguir dar conta. Um bebê não se encaixa na vida dele. Você sabe disso. Caramba, o mundo todo sabe disso. Ele mesmo pode ser um astro de rock. Vi a casa de praia onde ele mora. Ele não vai estar presente quando as coisas ficarem difíceis. Esse tipo de gente não fica. Posso ter pisado na bola, mas não vou fugir. Sempre estarei aqui.

Dei meia-volta.

– Ele não sabe, está bem? Nem sei se vou contar a ele. Não quero alguém para me salvar. Posso fazer isso sozinha. Não sou uma inútil.

Ele começou a abrir a boca para argumentar quando a Vovó Q entrou no quarto. Eu não tinha me dado conta de que ela estava em casa.

– Pare de implorar, Cain. Você fez a cama, rapaz, agora deite-se nela. Blaire seguiu em frente. O coração dela seguiu em frente. Ela mostrou a todos nós que era capaz de estudar enquanto cuidava da mãe doente e dela mesma.

Vovó Q então olhou para mim e um sorriso triste tomou conta dos seus lábios.

– Parte o meu coração que você tenha outro fardo como este para carregar ainda tão jovem. Este quarto é seu, se precisar. Mas, se estiver decidida a ir embora, abençoe essa decisão também. Apenas se cuide. – Ela se aproximou e me abraçou. – Eu amo você como se fosse minha neta. Sempre a amei – sussurrou Vovó Q nos meus cabelos.

Senti os meus olhos se encherem de lágrimas.

– Eu também amo a senhora.

Ela deu um passo para trás e fungou.

– Não deixe de dar notícias – pediu, começando a se afastar. Então olhou de novo para mim. – Todo homem merece saber que tem um filho. Mesmo que não vá fazer parte da vida dele, um pai precisa saber. Não se esqueça disso.

Ela saiu do quarto, deixando Cain e eu a sós. Guardei as minhas últimas coisas na mala e fechei o zíper. Levantei-a pela alça. Meu enjoo havia piorado. Cobri a boca com a mão.

– Merda, B. Você não pode fazer isso. Me dê isso aqui. Você não pode carregar peso. Está vendo, você não pode fazer isso sozinha. Quem vai garantir que você está se cuidando direito?

O melhor amigo que eu tivera em toda a minha vida estava de volta e o cara maluco que achava que estava apaixonado e prestes a sacrificar a própria vida havia desaparecido.

– Eu contei à Bethy. Ela sabe e eu estou tomando cuidado. Eu não estava pensando. Isso tudo é muito novo para mim. E acho que vou vomitar.

– O que eu posso fazer? – perguntou ele, com um olhar de pânico no rosto.

– Biscoitos de água e sal ajudam.

Ele largou a mala e saiu correndo do quarto para buscar biscoitos. Voltou em menos de um minuto com uma caixa e um copo.

– A Vovó Q ouviu você. Ela já estava com a caixa de biscoitos e um copo de refrigerante nas mãos. Disse que isso vai aliviar o enjoo.

– Obrigada – falei, sentando na cama para comer um pouco.

Nós dois ficamos em silêncio. Minha náusea começou a diminuir e eu aprendi, por experiência própria, que aquele era o momento de parar de comer. Se comesse demais, passaria mal logo em seguida. Fiquei de pé e devolvi a caixa e o copo a Cain.

– Deixe aí. Guardo depois. – Ele pegou a minha mala. – Passe aquela caixa também. Você não pode carregá-la – disse ele, pegando as coisas que eu não havia desencaixotado depois da última mudança. Peguei a última sacola pequena e ele seguiu para a porta sem dizer mais nada. Seguir atrás dele rezando para que não fizesse nenhuma bobagem quando visse Rush.

Cain parou quando chegamos à porta de tela que levava à varanda. Depois de largar a mala, virou-se para mim.

– Você não precisa ir com ele. Eu disse que posso consertar isso. Você tem a mim, B. Sempre teve a mim.

Cain acreditava no que estava dizendo. Eu podia ver em seu rosto. Se eu precisasse de um amigo, sabia que Cain estaria lá. Mas ele não era salvador de ninguém. De qualquer maneira, eu não precisava de um salvador. Eu tinha a mim mesma.

Ajeitei a sacola no ombro e pensei com cuidado em como explicar aquilo a ele mais uma vez. Tentei de tudo. Ele não iria compreender a verdade. Falar sobre como ele havia falhado comigo quando minha mãe estava doente e eu estava completamente sozinha só iria magoá-lo ainda mais.

– Eu preciso fazer isso.

Cain soltou um grunhido frustrado e passou a mão pelos cabelos.

– Você não confia em mim para cuidar de você. Isso me magoa demais. – Ele deu uma risada derrotada. – E por que confiaria, não é? Eu já decepcionei você antes. Com a sua mãe... eu era um garoto, B. Quantas vezes preciso dizer que as coisas são diferentes agora? Sei o que quero. Eu... meu Deus, B, quero você. Sempre foi você.

Senti um aperto na garganta. Não porque eu o amasse, mas porque me importava mesmo com ele. Cain era uma parte importante da minha história. Ele estava na minha vida desde que eu conseguia me lembrar. Diminuí a distância entre nós e peguei sua mão.

– Por favor, entenda. Eu preciso fazer isso. Preciso encarar. Eu tenho que ir.

Cain deu um suspiro cansado.

– Eu sempre estou deixando você ir, B. Você já me pediu isso antes. Eu continuo tentando, mas está me destruindo aos poucos.

Um dia ele iria me agradecer por tê-lo deixado.

– Sinto muito, Cain. Mas tenho que ir. Ele está me esperando.

Cain pegou a mala de novo e abriu a porta com o ombro. Rush desceu da picape assim que nos viu.

– Não diga nada a ele, Cain – sussurrei.

Cain assentiu e eu o acompanhei até o último degrau. Rush nos encontrou ali.

– Isso é tudo? – perguntou, olhando para mim.

– Sim – respondi.

Claramente Cain não queria entregar a mala e a caixa para Rush. Um músculo no maxilar de Rush se mexeu e eu soube que ele estava fazendo um esforço muito grande para se comportar.

– Dê as coisas para ele, Cain – falei, cutucando-o nas costas.

Cain suspirou e deu a mala e a caixa ao Rush, que a pegou e seguiu para a picape.

– Você precisa contar a ele – murmurou Cain quando se virou para mim.

– Eu vou contar. Preciso pensar.

Cain olhou para a minha picape.

– Vai deixar a picape?

– Achei que talvez você conseguisse deixá-la na oficina para vender. Conseguir uns mil dólares por ela. Daí você poderia ficar com metade e me mandar a outra metade.

Cain franziu a testa.

– Eu vendo a picape, B., mas não vou ficar com dinheiro nenhum. Mandarei tudo para você

Não discuti com ele. Se ele fazia questão, eu aceitaria.

– Está bem. Mas pode dar pelo menos um pouco para a Vovó Q? Por me deixar ficar aqui e tudo mais?

Cain ergueu as sobrancelhas.

– Você quer que minha avó vá até Rosemary lhe dar umas palmadas?

Sorrindo, me aproximei dele e, segurando seus ombros, fiquei na ponta dos pés e beijei-o no rosto.

– Obrigada. Por tudo – sussurrei.

– Você pode voltar se precisar de mim. Sempre. – A voz dele ficou embargada e eu soube que precisava ir embora. Dei um passo para trás e fiz um aceno com a cabeça antes de voltar para a picape.

Rush estava com a porta do carona aberta quando cheguei e a fechou atrás de mim. Notei quando ele olhou de novo para Cain antes de se sentar à direção. Eu estava mesmo fazendo aquilo. Deixando o que era seguro e dando o primeiro passo para encontrar o meu lugar no mundo.

RUSH

Blaire parecia estar prestes a chorar e fiquei com medo de perguntar se ela estava bem. Tive medo de que ela mudasse de ideia e ficasse em Sumit. Por isso, fiquei em silêncio até estarmos seguramente fora dos limites da cidade. Ver as suas mãos tensas no colo estava me incomodando. Queria que ela dissesse alguma coisa.

– Está tudo bem? – perguntei, sem conseguir me conter. Minha necessidade de protegê-la assumiu o controle.

– Está. É só um pouco assustador, acho. Desta vez, sei que não vou voltar. Também sei que não tenho um pai esperando para me ajudar. É mais difícil ir embora dessa maneira.

– Você tem a mim.

Ela inclinou ligeiramente a cabeça e me olhou.

– Obrigada. Eu precisava ouvir isso agora.

Caramba, eu gravaria aquilo para que ela pudesse ouvir quantas vezes quisesse, se fosse ajudar.

– Nunca pense que você está sozinha.

Ela me deu um sorriso débil e voltou a atenção de novo para a estrada.

– Se quiser dormir, você sabe que eu posso dirigir...

A ideia de ficar livre para contemplá-la quanto eu quisesse era tentadora. Mas ela ficaria esperando que eu dormisse e eu não ia desperdiçar qualquer tempo que eu tivesse com ela dormindo.

– Estou bem, mas obrigado.

Eu tinha passado por um drive-thru e comprado algumas coisas para comer no caminho. Mas Blaire estava dormindo naquela hora, logo devia estar com fome.

– Quer comer alguma coisa? – perguntei, entrando na estrada interestadual que nos levaria de volta à Flórida.

– Hum... eu não sei. Que tal sopa?

Sopa? Que pedido estranho. Mas, caramba, se era isso que ela queria, eu daria um jeito.

– Então vai ser sopa. Vou ficar de olho e encontrar algum lugar bom...

– Se você está morrendo de fome, pare onde quiser. Posso comer em qualquer lugar. – Ela pareceu nervosa de novo.

– Blaire, eu vou achar sopa para você – falei, olhando para ela. Ainda sorri, para deixar bem claro que era aquilo que eu queria.

– Obrigada – disse ela, olhando para as próprias mãos no colo.

Ficamos em silêncio por um tempo, mas foi bom simplesmente tê-la no carro comigo. Eu não queria que ela se sentisse pressionada a conversar.

Na primeira saída com restaurantes, aponte para a placa: – Aqui parece bom. Escolha um lugar – pedi.

Ela deu de ombros.

– Não tem importância. Sabe, se você não quiser descer e continuar na estrada, posso comer alguma coisa dentro do carro mesmo.

Eu queria prolongar aquele dia o máximo possível.

– Nós vamos tomar sopa – respondi.

Uma risadinha me chamou a atenção. Blaire estava sorrindo.

Eu tinha uma nova meta agora: fazê-la sorrir mais.



Blaire estava dormindo de novo quando paramos no estacionamento do condomínio de Bethy naquela noite. Eu havia cuidado para manter a nossa conversa tranquila. Depois de um tempo, nós nos acostumamos a um silêncio confortável e ela caiu no sono.

Parei a picape e fiquei sentado contemplando-a. Tinha olhado rapidamente para ela um milhão de vezes no caminho para casa. Por apenas alguns minutos, queria a liberdade de vê-la dormindo. Suas olheiras profundas me preocupavam. Ela não estava dormindo o suficiente? Bethy devia saber. Eu poderia conversar com ela sobre isso, mas fazer perguntas como esta a Blaire não era uma atitude sábia.

Uma batida de leve na janela me trouxe de volta à realidade. Jace estava parado do lado de fora do carro com uma expressão divertida no rosto. Abri a porta e saí do carro antes que ele a acordasse. Não queria plateia.

– Você vai deixá-la dormindo para sempre? Está pensando em sequestrá-la? – perguntou Jace.

– Cale a boca, seu idiota.

Jace riu.

– Bethy está ansiosa. Quer saber como foi a viagem. Eu ajudo você com as coisas dela se você a acordar e a levar para dentro.

– Ela está cansada. Bethy pode esperar até amanhã.

Eu não queria que Blaire tivesse que acordar para enfrentar a enxerida da Bethy. Ela obviamente precisava de mais sono e mais comida. Mal havia tomado a sopa mais cedo. Eu tentei alimentá-la de novo, mas ela não estava com fome. Isso precisava mudar. Estávamos voltando para a história dos malditos sanduíches de manteiga de amendoim.

– Então *you* diz isso para a Bethy – respondeu Jace quando eu enfiei a caixa nas mãos dele e tirei a mala do banco de trás do carro.

– Eu levo a mala. Você leva a caixa. Pode deixar que eu a acordo.

– Momento particular? – Jace sorriu e eu empurrei a caixa para ele com um pouco mais de força. Ele tropeçou para trás, o que só o fez rir ainda mais.

Ignorando-o, passei para o lado do passageiro. Acordá-la e permitir que ela me deixasse não era exatamente o que eu queria fazer. Isso me assustava demais. E se fosse o fim? E se Blaire nunca

mais deixasse eu me aproximar dela assim novamente? Não. Eu não poderia permitir que isso acontecesse. Eu trabalharia devagar, mas cuidaria para que isso não acontecesse. Ter passado o dia com ela já tornaria a minha rotina solitária muito mais difícil.

Abri o cinto de segurança, mas ela mal se mexeu. Uma mecha de cabelo havia caído sobre o seu rosto e eu cedi à vontade de tocá-la. Prendi os seus cabelos atrás da orelha. Ela era tão linda! Eu nunca iria esquecê-la. Não era possível. Precisava encontrar uma forma de reconquistá-la. De ajudá-la a se curar.

As pálpebras dela se abriram e ela fixou seu olhar no meu.

– Chegamos – sussurrei, sem querer assustá-la.

Ela se sentou e me deu um sorriso tímido.

– Desculpe. Dormi e deixei você sozinho de novo.

– Você precisava desse descanso. Não me importei.

Queria ficar ali e mantê-la no meu carro, mas não podia fazer isso. Recuei para que ela pudesse sair. Quase perguntei se podia vê-la no dia seguinte, mas me contive. Ela não estava pronta para isso. Eu precisava dar espaço para ela.

– A gente se vê por aí, então – falei.

Seu sorriso, no entanto, estremeceu.

– Está bem... A gente se vê. E obrigada de novo por me ajudar hoje. Vou pagar a gasolina.

De jeito nenhum.

– Não, não vai. Não quero o seu dinheiro. Fiquei feliz de poder ajudar.

Ela começou a dizer mais alguma coisa, mas fechou a boca. Assentindo de maneira contida, seguiu para o apartamento.

BLAIRE

No meu primeiro dia de volta ao trabalho, Woods me designou para os turnos do café da manhã e do almoço no salão. Nada bom. Fiquei parada do lado de fora da cozinha me preparando mentalmente para não pensar no cheiro. Eu tinha acordado enjoada e me obrigara a comer dois biscoitos de água e sal e a tomar um pouco de refrigerante, mas foi tudo o que consegui.

No instante em que entrasse na cozinha, o cheiro ia me pegar. O bacon... ah, meu deus, o bacon...

– Sabe, querida, você precisa entrar lá para trabalhar – disse Jimmy atrás de mim. Eu me virei, assustada e voltando à realidade, e o vi sorrindo. – Os cozinheiros não são tão ruins assim. Você vai superar o berreiro rapidinho. Além disso, da última vez, você tinha todos eles sob o seu lindo comando.

Forcei um sorriso.

– Você tem razão. Posso fazer isso. Acho que só não estou pronta para as pessoas me fazendo perguntas. – Isso não era necessariamente verdade, mas também não era uma mentira.

Jimmy abriu a porta e eu fui atingida pelo cheiro. Ovos, bacon, salsichas, gordura. Ah, não. Comecei a suar frio e senti meu estômago embrulhar.

– Eu, hum, preciso ir ao banheiro primeiro – expliquei, seguindo para o banheiro dos funcionários o mais rápido possível sem correr. Isso pareceria ainda mais suspeito.

Fechei a porta atrás de mim e a tranquei antes de me ajoelhar no piso frio. Agarrei a privada e botei para fora tudo o que eu havia comido na noite anterior e naquela manhã.

Depois de várias ânsias de vômito, eu me levantei, ainda me sentindo fraca. Umedeci uma toalha de papel para limpar o rosto. A camisa polo estava colada ao corpo por causa do suor. Eu precisava me trocar.

Lavei a boca com o enxaguante bucal em cima da pia e arrumei a camisa da melhor maneira possível. Talvez ninguém fosse perceber. Eu ia conseguir. Apenas prenderia a respiração quando estivesse na cozinha. Isso iria funcionar. Respiraria fundo antes de entrar todas as vezes. Precisava dar um jeito.

Quando abri a porta, meus olhos se fixaram nos de Woods. Ele estava encostado na parede, parado de frente para a porta do banheiro, com os braços cruzados sobre o peito. Eu estava atrasada.

– Desculpe. Sei que estou atrasada. Só precisava de um tempinho antes de começar. Prometo que não vai acontecer de novo. Vou compensar ficando até mais tarde...

– Na minha sala. Agora – disse ele de repente e se virou para seguir pelo corredor.

Meu coração disparou e fui atrás dele rapidamente. Eu não queria que Woods ficasse bravo

comigo. Aquele emprego era a minha solução pelos próximos meses. Agora que eu havia me convencido a ficar aqui para decidir o que fazer, não queria ir embora. Ainda não.

Woods abriu a porta para mim e entrei na sala.

– Sinto muito. Por favor, não me demita ainda. Eu só...

– Não vou demitir você. – Woods me interrompeu.

Ah...

– Você já foi a um médico? Imagino que seja do Rush. Ele sabe? Porque vou quebrar o pescoço dele se ele souber que você está trabalhando aqui nessa condição.

Ele sabia. Ah, não... Balancei a cabeça freneticamente. Eu precisava interromper aquilo.

Woods não podia saber. Ninguém além da Bethy devia saber.

– Não sei do que você está falando.

Woods arqueou uma sobrancelha.

– É mesmo? – A descrença na voz dele me intimidou.

Ele não engoliria uma mentira. Mas eu tinha um bebê para proteger.

– Ele não sabe. – A verdade saiu da minha boca antes que eu pudesse evitar. – Não quero que ele saiba ainda. Preciso descobrir uma forma de fazer isso sozinha. Nós dois sabemos que o Rush não quer isso. A família dele iria odiar. Não posso aceitar que o meu bebê seja odiado. Por favor, entenda...

Woods resmungou um palavrão e passou as mãos pelos cabelos.

– Ele merece saber, Blaire.

Sim, ele merecia. Mas eu não sabia quanto os nossos mundos estavam maculados quando este bebê foi concebido. O quanto seria impossível nós dois termos um relacionamento.

– Eles me odeiam. Odeiam a minha mãe. Eu não posso. Por favor, me dê um tempo para provar que eu posso fazer isso sem ajuda. Vou acabar contando a ele, mas preciso me estabilizar e estar pronta para ir embora depois de contar. Desta vez, o que eu quero e o que ele quer não vêm primeiro lugar. Estou fazendo o que é melhor para este bebê.

Woods franziu ainda mais o cenho. Ficamos parados em silêncio durante vários minutos.

– Não gosto disso, mas essa história não é minha. Vá se trocar e procure a Darla. Você pode ficar no carrinho de bebidas hoje. E me diga quando o cheiro da cozinha não for mais um problema.

Tive vontade de abraçá-lo. Ele não ia me obrigar a contar a ninguém e estava me liberando de servir o café da manhã. Antes eu adorava bacon, mas agora... simplesmente não conseguia suportar.

– Obrigada. O jantar não tem problema. É só de manhã e, às vezes, à tarde.

– Entendi. Vou escalar você para os turnos da noite no restaurante. E tome cuidado com o calor quando estiver no carrinho de bebidas. Tenha sempre gelo ou alguma outra coisa para se refrescar. Posso contar para a Darla?

– Não – respondi antes que ele pudesse terminar. – Ela não pode saber. Ninguém pode saber, por favor.

Woods suspirou, mas concordou.

– Está bem. Vou guardar seu segredo. Se precisar de alguma coisa, é melhor me dizer... senão vou deixar o Rush saber.

– Está bem. Obrigada.

Woods me deu um sorriso tenso.

– Nos vemos mais tarde, então.

Eu estava dispensada.



Minha escala no resto da semana foi trabalhando no carrinho de bebidas. Haveria um torneio na semana seguinte e eu deveria trabalhar o dia inteiro. Não podia estar mais feliz com isso. O dinheiro seria ótimo. E embora o calor fosse intenso no campo durante todo o dia, era melhor do que ficar no ar-condicionado sentindo cheiro de bacon ou qualquer outra carne gordurosa e saindo correndo para vomitar.

Desde que eu fora embora, o clube estava mais movimentado. Segundo Darla, os membros que iam apenas durante as férias de verão agora estavam todos residentes. Bethy e eu percorríamos o campo com dois carrinhos diferentes para manter a todos hidratados. Como Woods raramente estava no campo, eu não precisava me preocupar com os seus olhos curiosos. Ele estava ocupado trabalhando.

Jace havia contado a Bethy que Woods vinha tentando provar ao pai que estava pronto para uma promoção.

Depois de reabastecer o meu carrinho pela terceira vez no dia, voltei para o primeiro buraco para recomençar o percurso. Reconheci a parte de trás da cabeça de Grant imediatamente. Ele estava jogando com... Nan. Eu sabia que esse dia chegaria, mas não havia me preparado para ele.

Eu poderia muito bem pular aquele buraco e deixar que Bethy os atendesse na próxima volta, mas isso seria apenas adiar o inevitável.

Parei o carrinho e Grant virou-se para mim. Ele parecia estar tendo uma conversa séria com Nan. A expressão tensa e frustrada no rosto dele não foi nada reconfortante.

Ele sorriu, mas pude ver que foi um sorriso forçado.

– Estamos bem, Blaire. Você pode seguir para o próximo buraco – disse Grant. Nan virou a cabeça ao ouvir o meu nome e a careta detestável no rosto dela me fez engatar a marcha a ré. Talvez o meu primeiro instinto estivesse certo. Eu não deveria ter parado.

– Espere. Eu quero uma coisa.

Ao ouvir a voz de Rush, meu coração bateu de um jeito que só ele conseguia fazer bater. Virei a cabeça e o vi correndo na minha direção usando short azul-claro e camisa polo branca. Nunca deixava de ficar impressionada com o quanto ele conseguia ficar tão ridiculamente lindo em uma roupa tão careta. Os garotos do Alabama não se vestiam assim para nada. Jogavam golfe de jeans, bonés e qualquer camiseta ou camisa de flanela que estivesse limpa no dia. Mas Rush fazia aquele visual parecer irresistível.

– Preciso de uma bebida – falou, com um sorriso fácil ao se aproximar do meu carrinho.

Parou bem na minha frente. Eu não o via fazia uns dois dias. Desde a nossa viagem.

– O de sempre? – perguntei, descendo só para ficar ainda mais perto dele. Ele não recuou e os nossos peitos estavam quase se tocando. Olhei para ele.

– Isso mesmo – respondeu, sem se mexer. Também manteve os olhos fixos nos meus.

Um de nós precisaria se mexer e interromper aquele jogo. Eu sabia que devia ser eu. Não podia levá-lo a acreditar que alguma coisa havia mudado.

Passei por ele e fui até a parte de trás do carrinho para pegar uma Corona. Ao me abaixar para tirar uma do gelo, senti Rush se aproximando de mim por trás. Caramba. Ele não estava facilitando a minha vida.

Eu me endireitei e não olhei para trás nem me virei. Ele estava perto demais.

– O que você está fazendo? – perguntei baixinho.

Não queria que Nan ou Grant nos ouvissem.

– Eu sinto a sua falta – respondeu ele.

Fechando os olhos, respirei fundo e tentei acalmar o frenesi que ele estava provocando no meu coração. Eu também sentia falta dele. Mas isso não fazia a verdade desaparecer.

Dizer que eu sentia falta dele não seria inteligente. Eu não precisava deixá-lo acreditando que as coisas poderiam voltar a ser como antes.

– Pegue a sua bebida e vamos logo – gritou Nan atrás dele.

Isso bastou para eu me mexer. Não estava a fim de um ataque verbal de Nan. Não hoje.

– Fique na sua, Nan – resmungou Rush enquanto eu empurrava a Corona para ele e voltava rapidamente para o assento do motorista do carrinho. – Blaire, espere – pediu ele, me seguindo.

– Não faça isso – implorei. – Eu não posso com ela.

Ele recuou e assentiu antes de se afastar. Desviei o olhar dele e dei a partida no carrinho. Sem olhar para trás, segui para o buraco seguinte.

RUSH

– Você se lembra do que lhe pedi no outro dia, Nan? – resmunguei quando o carrinho de Blaire já estava longe.

– Você estava sendo patético. Só queria ajudá-lo a não parecer um idiota apaixonado.

Eu me aproximei dela. Nan estava me provocando. Eu nunca senti aquela raiva absoluta que a maioria dos irmãos têm a ponto de machucar as irmãs fisicamente quando crianças. Mas, naquele momento, estava sentindo.

Grant entrou no meio de nós dois, formando uma barreira.

– Opa. Você precisa relaxar, amigo.

Desviei o meu olhar furioso de Nan para Grant. Que porra ele estava fazendo? Ele odiava Nan.

– Saia. Isso é entre mim e a minha irmã – lembrei a ele.

Grant nunca a havia defendido antes. Mesmo quando o pai dele era casado com a nossa mãe, fazia questão que todos entendêssemos quanto odiava Nan. Nunca houve qualquer ligação remotamente fraternal entre os dois.

– E você vai ter que passar por cima de mim para chegar nela – respondeu Grant, dando um passo na minha direção. – Porque neste momento você está pensando apenas nos sentimentos da Blaire. Lembre-se de como a presença dela afeta Nan. Você costumava se importar com isso.

Mas que porra! Eu estava tendo alucinações? Quando foi que Grant começou a defender Nan?

– Eu sei exatamente como isso afeta Nan. Mas o que eu estou tentando fazê-la entender é que nada do que aconteceu foi culpa da Blaire. Nan odeia a pessoa errada há tanto tempo que não consegue se livrar dessa história. Qual é o problema com você, afinal? Você já sabia disso! Foi você quem defendeu a Blaire quando ela apareceu por aqui da primeira vez. Você nunca acreditou que fosse culpa dela. Você soube que ela era inocente desde o começo.

Grant se remexeu desconfortavelmente e olhou de volta para Nan, cujos olhos estavam completamente arregalados.

– Você a deixou frágil, Rush. Durante toda a vida dela, você a protegeu. Ela contava com você. E então você simplesmente a deixa de lado, volta toda a sua atenção a Blaire e espera que Nan fique bem. Ela pode ser adulta, mas foi dependente de você a vida inteira. Ela não sabe ser de qualquer outra maneira. Se você não estivesse tão absurdamente focado em reconquistar a Blaire, enxergaria isso.

Empurrei Grant para fora do meu caminho e olhei para a minha irmã. Eu não precisava daquele sermão dele, mesmo que fosse verdade. No fundo, eu estava feliz que os dois houvessem enfim encontrado algo em comum. Talvez Grant gostasse dela, afinal. Nós moramos na mesma casa durante anos. Juntos, sofreremos a mesma negligência.

– Eu amo você, Nan. Você sabe disso. Mas não pode me pedir para escolher. Não é justo.

Nan pôs as mãos nos quadris. Era a sua posição desafiadora.

– Você não pode amar nós duas. Eu nunca vou aceitá-la. Ela apontou uma arma para mim, Rush! Você viu. Ela é louca. Ela ia atirar em mim. Como você pode amar a ela e a mim? Isso não faz sentido.

– Ela jamais teria atirado em você. Ela apontou uma arma para o Grant também. Ele superou. E, sim, amo vocês duas. Amo as duas de jeitos diferentes.

Nan olhou para Grant e deu um sorriso triste. Isso foi ainda mais estranho.

– Ele não me escuta, Grant. Desisto. Ele está escolhendo o amor dela em vez de mim e dos meus sentimentos.

– Nan, apenas ouça o que ele tem a dizer. Qual é? O que ele está falando faz sentido – disse Grant em um tom gentil que eu jamais o ouvi usando com ela. Eu só podia estar em um episódio de *Além da imaginação*.

Nan bateu o pé.

– Não. Eu a odeio. Não suporto olhar para ela. Ela o está magoando agora e eu a odeio ainda mais por isso – gritou Nan.

Olhei ao redor para ver se alguém a escutava e vi Woods vindo na nossa direção. Merda.

Grant se virou e acompanhou o meu olhar.

– Ah, merda – resmungou ele.

Woods parou na nossa frente e olhou de Nan para Grant e depois para mim.

– Ouvi o suficiente para saber sobre o que é esta conversa – disse ele, mantendo o foco totalmente em mim. – Deixe-me ser bem claro. Nós todos somos amigos desde sempre. Eu conheço a dinâmica da família de vocês. – Ele olhou para Nan com cara de nojo e então se voltou para mim. – Se alguém tem algum problema com a Blaire, é melhor tratar disso comigo. Ela tem um emprego aqui pelo tempo que quiser. Os três podem não gostar disso, mas, pessoalmente, estou cagando para vocês. Então, superem essa história. Ela não precisa dessa merda toda agora. Deem um tempo, estamos entendidos?

Eu o examinei. O que ele estava querendo dizer e por que estava agindo como protetor da Blaire? Não gostei disso. Meu sangue começou a ferver e cerrei os punhos. Ele queria conquistá-la? Aparecer quando ela estava indefesa e bancar o herói? De jeito nenhum. Isso não ia acontecer. Blaire era minha.

Woods não esperou uma resposta. Simplesmente se afastou.

– Parece que você tem concorrência – disse Nan com a voz arrastada.

Grant se aproximou e ficou na frente dela novamente.

– Já chega, Nan – sussurrou e olhou para mim.

Eu estava cansado daquilo. Não podia mais lidar com aqueles dois. Atirei o taco no chão e saí atrás de Woods.

♦ ♦ ♦

Ou ele me ouviu ou sentiu a raiva que eu estava emanando, porque parou pouco antes de chegar

à sede do clube e virou-se para mim. Levantou uma das sobrancelhas, como se estivesse achando divertido. Isso só me enfureceu ainda mais.

– Nós dois queremos a mesma coisa. Por que você não respira fundo algumas vezes e se acalma?
– perguntou Woods cruzando os braços em cima do peito.

– Fique longe dela, está me ouvindo? Desista. A Blaire me ama. Ela só está confusa e magoada. Também está muito vulnerável. Que Deus me ajude se você sequer pensar em tirar vantagem da situação dela. Encho você de porrada.

Woods inclinou um pouco a cabeça e franziu o cenho. Não se afetou com a minha ameaça. Talvez eu precisasse afetá-lo.

– Eu sei que você a ama. Nunca o vi agindo de um jeito tão louco na vida. Entendo isso. Mas Nan a odeia. Se você ama mesmo a Blaire, precisa protegê-la do veneno que está pingando dos caninos da sua irmã. Se não, eu farei isso.

Senti como se ele tivesse me dado um tapa na cara. Antes que eu pudesse responder, Woods abriu a porta e entrou. Fiquei olhando fixamente para a porta fechada durante vários minutos antes de me mexer. Eu ia perder uma delas. Amava a minha irmã, mas, com o tempo, ela me perdoaria. Poderia perder Blaire para sempre. Não permitiria que isso acontecesse.

BLAIRE

Bethy estendeu o braço e apertou a minha mão. Estava parada de pé ao meu lado, enquanto eu esperava pelo médico na mesa de exame. Havia feito xixi num copinho e agora estávamos esperando o resultado oficial. Meu coração estava acelerado. Existia uma remota possibilidade de eu não estar grávida. Procurando no Google na noite anterior, descobri que os testes de gravidez de farmácia podiam dar errado e eu poderia estar enjoando porque a minha cabeça achava que eu estava grávida. A porta se abriu e uma enfermeira entrou na sala. Ela estava sorrindo ao olhar para Bethy e para mim.

– Parabéns. O resultado é positivo. Você está grávida.

A mão de Bethy apertou a minha com mais força. Eu sabia disso no fundo, mas o simples fato de ouvir a enfermeira falando tornou a situação mais real. Eu não iria chorar. Meu bebê não precisava saber que eu havia chorado quando descobri que estava grávida. Queria que ele se sentisse sempre amado.

Não era uma coisa ruim. Não poderia ser ruim. Eu precisava de uma família. Logo teria uma de novo. Alguém que me amaria incondicionalmente.

– O médico virá conferir algumas coisas em poucos minutos. Precisamos de amostras de sangue também. Você tem tido cólicas ou sangramento?

– Não. Só sinto muito enjoo. Cheiros acabam comigo – expliquei.

A enfermeira fez algumas anotações na prancheta.

– Pode não parecer, mas isso é uma coisa boa. Ficar enjoada é bom.

Bethy riu.

– Você não a viu tendo ânsia de vômito. Não tem nada de bom naquilo.

A enfermeira sorriu.

– É, eu me lembro desses dias. Isso é engraçado. – Ela então olhou para mim. – O pai vai participar?

Vai? Eu poderia contar a ele? Balancei a cabeça.

– Não, acho que não.

O sorriso triste que a enfermeira abriu enquanto assentia e fazia mais uma anotação na prancheta deixou claro que aquela situação era bem frequente.

– Você estava usando algum anticoncepcional quando engravidou? Pílula? – perguntou a enfermeira.

Não olhei para Bethy. Talvez eu não a quisesse ali, afinal. Balancei a cabeça. A enfermeira levantou as sobrancelhas.

– Nada? – perguntou ela.

– Não, nada. Quer dizer, nós usamos camisinha umas duas vezes, mas houve outras vezes em

que não usamos. Ele tirou antes uma vez... mas uma vez, não.

Bethy ficou tensa ao meu lado. Sabia o que ela estava pensando. Como eu podia ter sido tão burra? Esse era um fato que eu havia deixado de fora da história.

– Está bem. O médico vai falar com você em breve – disse ela, saindo da sala.

Bethy sacudiu o meu braço, obrigando-me a olhar para ela.

– Ele não usou camisinha? Ele é louco? Caramba! Ele devia ter pensado em perguntar se você estava grávida. Que idiota. Eu estava aqui sentindo pena dele por não saber que vai ser pai, mas ele não usou uma droga de uma camisinha. Ele devia ter procurado você quatro semanas depois, para ter certeza de que você não estava grávida. Que idiota.

Bethy estava andando de um lado para outro na minha frente. Eu só a observava. O que eu podia dizer em relação a tudo aquilo? Eu estava tão errada quanto ele. Tinha sido eu que tirara a roupa, subira em cima dele e trepara feito louca naquela noite. Ele era homem e a última coisa que passou pela sua cabeça naquele momento foi parar e botar uma camisinha. Eu não lhe dera muito tempo para pensar. Mas eu não iria dividir os detalhes da minha vida sexual com a Bethy. Então fiquei de boca fechada.

– Ele merece isso. Ele devia ter procurado você. Não conte àquele idiota. Se ele acha que pode fazer sexo sem proteção, por mim, pode viver na ignorância. Vou estar ao seu lado. Você e eu. Nós vamos dar conta disso.

Bethy parecia pronta para dominar o mundo naquele momento. Isso me fez sorrir. Eu não estaria em Rosemary quando o bebê nascesse. Gostaria de poder estar. Queria que o meu bebê tivesse mais alguém para amá-lo. Bethy daria uma excelente tia. Essa ideia me deixou triste. Meu sorriso desapareceu.

– Desculpe. Eu não queria chatear você – disse Bethy, soltando as mãos da cintura com um olhar preocupado no rosto.

– Não. Você não me deixou chateada. Eu só gostaria... gostaria de não precisar ir embora. Quero que o meu bebê conheça você.

Bethy se aproximou, passou os braços pelos meus ombros e me abraçou.

– Você vai me dizer o seu endereço e vou visitar vocês o tempo todo. Ou então você poderia ficar morando comigo. Quando o bebê nascer, Rush provavelmente não vai estar mais aqui. Ele não fica em Rosemary depois do verão. Teremos tempo de instalar vocês dois antes de ele voltar. Pense nisso. Não se preocupe com qualquer decisão definitiva agora.

Rush iria embora? Ele desistiria de mim e iria embora de Rosemary? Ou ficaria? Meu coração doía de pensar nele me deixando. Por mais que eu soubesse que não daria certo, queria que ele brigasse por mim. Queria que ele encontrasse alguma forma de ficarmos juntos, mesmo sabendo que era impossível.

Duas horas mais tarde, estávamos de volta ao apartamento de Bethy e eu estava com vitaminas pré-natais e diversos panfletos sobre como ter uma gravidez saudável. Guardei tudo na minha mala. Precisava de um banho quente e um cochilo.

Bethy bateu uma vez na porta do banheiro e entrou. Ela estava segurando o telefone na mão e sorrindo feito uma idiota.

– Você não vai acreditar nisso. – Ela fez uma pausa e balançou a cabeça, como se ainda não estivesse acreditando. – Woods acabou de me ligar. Ele disse que o apartamento no condomínio é nosso pelo mesmo preço que estou pagando por este apartamento aqui. Ele disse que é como um benefício, já que ter duas funcionárias morando no clube vai ser útil. E pediu para avisar que nós duas ficaremos sem emprego se não aceitarmos a oferta dele.

Sentei sobre a tampa fechada da privada e olhei fixamente para ela. Ele estava fazendo isso porque eu estava grávida. Era seu jeito de ajudar. Queria gritar com ele e abraçá-lo ao mesmo tempo. Senti os meus olhos se enchendo de lágrimas.

– Ele ainda está no telefone? – perguntei, quando percebi que Bethy ainda segurava o aparelho perto da orelha.

– Não, é o Jace. Ele disse que tem a ver com você. Você não está... saindo com ele ou coisa parecida, está? – perguntou ela lentamente. Jace deve ter perguntado isso. Ela fez a pergunta como se não acreditasse no que estava dizendo.

– Pode colocar o telefone no mudo? – pedi, falando baixinho.

Ela arregalou os olhos e concordou. Depois de passar o telefone para o mudo, ela me encarou como se não estivesse me reconhecendo. O que ela achava? Que estava dando em cima do Woods grávida de Rush? Claro que não.

– Bethy, ele sabe. Woods sabe.

Ela se deu conta do que estava acontecendo e ficou de queixo caído.

– Como? – perguntou.

– Ele me escalou para o turno do café da manhã no restaurante. A cozinha... estava com cheiro de bacon.

– Ahhh! – exclamou Bethy e assentiu.

Havia entendido. Tirou o telefone do mudo.

– Não tem nada acontecendo com o Woods e a Blaire. Ele só ficou amigo dela e quer ajudar. Só isso.

Bethy revirou os olhos para alguma coisa que Jace disse, chamou-o de louco e desligou.

– Certo, então ele sabe que você está grávida e vai nos entregar um apartamento no condomínio por quase nada? Tipo, é a melhor coisa do mundo. Espere até ver esse lugar. Se ele nos deixar ficar lá depois que o bebê nascer, o seu quarto vai ter espaço suficiente para um berço! É perfeito.

Eu não podia pensar tão adiante. Naquele momento, só precisava ir atrás de Woods para conversar com ele. Se eu fosse embora em quatro meses, não queria que Bethy perdesse esse negócio.

Precisava garantir isso antes que ela ficasse empolgada demais.

RUSH

Jace me ligou para contar que as meninas estavam se mudando para o clube hoje. Eu não tinha visto Blaire desde o incidente no campo de golfe. Não por falta de tentativa. Tentei cruzar com ela no clube várias vezes, mas nunca consegui. Eu tinha, inclusive, passado lá ontem, mas Darla dissera que Bethy e ela estavam de folga e eu supus que as duas tivessem ido fazer alguma coisa juntas.

Parei no apartamento de Bethy e, logo de cara, notei o carro de Woods. Que merda ele estava fazendo ali? Abri a porta do carro com força e andei até a porta do apartamento, quando ouvi a voz de Blaire. Virei na direção do carro de Woods até que o vi encostado no muro ao lado do qual ele havia estacionado, prestando atenção em Blaire com um sorriso nos lábios.

Um sorriso que eu estava prestes a arrancar dele.

– Se você tem certeza disso, então eu agradeço – disse Blaire baixinho, como se não quisesse que ninguém a escutasse.

– Absoluta – respondeu Woods erguendo os olhos para mim. O sorriso no rosto dele desapareceu.

Blaire virou a cabeça para olhar por cima do ombro. A surpresa no rosto dela quando o seu olhar cruzou com o meu foi dolorosa. Talvez eu não devesse estar ali naquele momento. Não queria pirlar e assustá-la, mas eu estava bem perto de ter um ataque de fúria. Por que os dois estavam conversando a sós? Do que ele tinha certeza absoluta?

– Rush? – disse Blaire, afastando-se de Woods e vindo na minha direção. – O que você está fazendo aqui?

Woods riu, balançou a cabeça e abriu a porta do carro.

– Tenho certeza de que ele veio ajudar. Vou embora antes que ele desconte essa raiva toda em mim.

Ele estava indo embora. Ótimo.

– Você veio nos ajudar com a mudança? – perguntou ela, observando-me cuidadosamente.

– É, vim – respondi.

A tensão se dissipou assim que a BMW de Woods foi embora.

– Como ficou sabendo que estávamos nos mudando?

– Jace me ligou – respondi.

Ela se mexeu com nervosismo. Detestava deixá-la nervosa.

– Eu queria ajudar, Blaire. Sinto muito pela Nan no outro dia. Conversei com ela. Ela não vai mais...

– Não se preocupe com isso. Você não precisa se desculpar por ela. Não o responsabilizo por isso. Eu entendo.

Não, ela não entendia. Eu podia ver nos olhos dela que não. Estendi o braço e segurei a mão dela. Só precisava tocá-la de alguma maneira. Ela estremeceu quando os meus dedos roçaram na palma da sua mão. E mordeu o lábio inferior do jeito que eu queria morder.

– Blaire – falei e parei porque não sabia ao certo o que mais dizer. A verdade era demais agora.

Ela levantou o olhar das nossas mãos e vi o seu desejo ali. Mesmo? Eu estava sonhando ou ela estava... estava mesmo? Deslizei um dedo pela palma da mão dela e acariciei a parte interna de seu pulso. Ela estremeceu de novo. Puta merda. Meu toque havia mexido com ela. Continuei me aproximando e deslizei a mão lentamente pelo seu braço. Estava prevendo o instante em que ela me afastaria e aumentaria a distância entre nós, como eu esperava que fizesse.

Quando havia subido o bastante, meu polegar roçou na lateral do seio dela, e ela agarrou o meu outro braço ao estremecer. Que porra era aquela?

– Blaire – sussurrei, empurrando-a para trás até ela estar encostada no muro de tijolos do prédio com o meu peito a poucos centímetros do seu.

Ela não me afastou e as suas pálpebras pareciam pesadas enquanto ela olhava fixamente para o meu peito. Estava com a respiração pesada. O decote do vestidinho cor-de-rosa estava bem embaixo do meu nariz. Subindo e descendo como se fizesse um convite. Um convite impossível. Alguma coisa estava errada ali.

Pus a outra mão na cintura dela e a deslizei lentamente pelo seu corpo até ficar com o outro polegar embaixo do seio dela. Ela não estava usando sutiã. Estava com os mamilos duros e rígidos, aparecendo por trás do tecido fino do vestido. Não consegui me conter. Pus a mão sobre o seio direito dela e o apertei gentilmente. Blaire deu um pequeno gemido e os seus joelhos estremeeceram. Ela havia apoiado a cabeça no muro e fechado os olhos. Eu a segurei firme e passei a perna entre as suas, para evitar que ela caísse no chão.

Com a outra mão, cobri o seio esquerdo dela e acariciei o seu mamilos com o meu polegar.

– Ah, meu Deus, Rush – gemeu ela, abrindo os olhos e me encarando através dos cílios abaixados.

Putá que pariu. Eu estava em uma mistura de tortura e paraíso. Se fosse outro sonho, eu ficaria furioso, mas parecia real demais.

– Isso tá gostoso, gata? – perguntei, abaixando a cabeça para sussurrar no seu ouvido.

– Sim... – suspirou ela, jogando ainda mais peso sobre o meu joelho. Quando senti o calor dela fazendo pressão na minha perna, ela arfou e agarrou os meus braços com mais força. – Ahhhh.

Eu ia gozar nas calças. Nunca havia sentido tanto tesão na vida.

Alguma coisa estava diferente. Aquilo não era como antes. Ela estava quase desesperada. Podia sentir o medo dela, mas a sua necessidade era mais forte.

– Blaire, me diga o que você quer que eu faça. Eu faço qualquer coisa que você quiser – prometi, beijando a pele macia embaixo da sua orelha.

O cheiro dela era tão bom! Apteitei os seus seios e ela soltou um gemido suplicante. Minha doce Blaire estava incrivelmente excitada. E era real. Não era uma porra de um sonho. Puta que pariu.

– Blaire!

O chamado agudo da voz de Bethy foi como um balde de água gelada atirado sobre ela. Blaire se

endireitou e afastou-se de mim. Não conseguia me encarar.

– Eu... hum... eu sinto muito. Eu não sei...

Ela balançou a cabeça e saiu correndo. Fiquei olhando até ela chegar à porta, onde Bethy falou com ela com firmeza. Blaire assentiu. Depois que as duas entraram, bati com as duas mãos no muro de tijolos e resmunguei um monte de palavrões enquanto tentava controlar a minha ereção.

Depois de alguns minutos, a porta se abriu de novo e eu me virei para ver Jace saindo. Ele olhou para mim e soltou um assovio baixo.

– Caramba, cara, você é rápido.

Nem respondi. Ele não sabia o que estava falando. Blaire queria o meu toque. Ela não tinha me repelido. Estava quase implorando por mim em silêncio. Não fazia sentido, mas ela me queria. E Deus sabe quanto eu a queria. Sempre a quis.

– Vamos lá. Temos um sofá para carregar. Preciso da sua ajuda – chamou Jace, enquanto segurava a porta aberta.

BLAIRE

Qual era o problema comigo? Entrei no quarto de Bethy e fechei a porta. Precisava de um minuto para me acalmar. Estava quase implorando que Rush me comesse ali mesmo. Foi aquele sonho idiota. Tudo bem, talvez o sonho da noite anterior não tivesse sido idiota, mas tinha sido extremamente intenso. Só de pensar nele me fez apertar as pernas uma contra a outra.

Por que eu estava fazendo aquilo agora? Sonhos eróticos eram uma coisa, mas agora eles eram tão vívidos e reais que eu estava tendo orgasmos dormindo. Era loucura. Eu nunca ficara tão excitada em Sumit. Mas, também, Rush não estava em Sumit.

Eu me atirei no colchão de Bethy, que ela havia deixado sem roupa de cama para a mudança. Precisava me recompor. Ele não tinha tentado me pegar, mas eu fui uma louca arfante desde o instante em que os dedos dele tocaram a minha mão. Que constrangedor. Seria difícil encará-lo depois daquilo.

A porta se abriu e Bethy entrou no quarto com um sorrisinho no rosto. Por que ela estava sorrindo? Teve um chilique quando me pegou do lado de fora.

– Os hormônios da gravidez estão fazendo efeito... – disse ela, depois de a porta estar bem fechada atrás dela.

– O quê? – perguntei, confusa.

Bethy inclinou a cabeça e disse:

– Você não leu nenhum dos panfletos que o médico lhe deu? Tenho certeza de que um deles fala sobre isso.

Eu ainda estava confusa.

– Sobre o fato de eu não conseguir me controlar quando estou perto do Rush?

Bethy deu de ombros.

– É. Achei que seria ele mesmo que faria isso com você. Mas as mulheres sentem mais tesão durante a gravidez, Blaire. Sei disso porque o meu primo costumava fazer piadas sobre a mulher dele quando ela estava grávida. Dizia que tinha dificuldade para acompanhar o pique dela.

Tesão? A gravidez estava me dando tesão? Que ótimo...

– Isso provavelmente só vai ser problema com o Rush. Acho que ele é a única pessoa por quem você sente atração e deseja desse jeito. Então só vai ser mais intenso quando você estiver perto dele. Talvez você deva contar a ele e aproveitar isso. Não tenho dúvida de que ele ajudaria.

Eu não podia contar a ele. Não ainda. Não estava pronta e ele tampouco. Além disso, Nan ficaria furiosa e eu não tinha como lidar com ela agora. No fim das contas, Rush escolheria a Nan. E eu não conseguiria lidar com isso também.

– Não. Ele não precisa saber. Não agora. Eu vou melhorar.

Bethy deu de ombros de novo.

– Tudo bem. Falei o que acho. Se não quiser contar a ele, não conte. Mas quando você pirar e trepar com ele enlouquecidamente, pode, por favor, não fazer isso em público? – pediu dando um sorrisinho, então abriu a porta e saiu de novo do quarto.

– Vocês precisam enrolar numa colcha primeiro! Vão destruir as minhas almofadas – berrou Bethy para os dois.

Eu podia encará-lo. Ele não sabia de nada. Agiria como se nada tivesse acontecido.

Além disso, eu precisava ajudar a fazer alguma coisa. Poderia terminar de embalar os utensílios da cozinha.



Rush estava me observando. Toda vez que entrava no apartamento para tirar alguma coisa, os olhos dele me encontravam. Deixei cair uma tigela, derramei uma caixa de cereais e derrubei uma caixa de talheres por causa daqueles olhares. Como eu conseguiria me concentrar e não parecer uma idiota desajeitada se ele não parava de me olhar?

Quando ele voltou para o apartamento, decidi que iria arrumar as coisas do banheiro. Eles iam tirar a mesa e as cadeiras da cozinha em seguida e eu simplesmente não poderia lidar com isso. Com certeza quebraria todos os copos de Bethy.

Entrei no banheiro, mas, do nada, surgiu um corpo atrás de mim. O calor do peito de Rush contra as minhas costas me fez estremecer. Merda. Eu não conseguiria lidar com aquilo.

A porta do banheiro se fechou e o familiar som da trava só fez meu coração bater mais rápido. Ele queria continuar o que tinha acontecido do lado de fora e eu estava tão afetada por estar perto dele que não conseguia pensar direito.

A mão dele afastou os cabelos da minha nuca para cima do ombro. Quando o calor dos seus lábios tocou a minha pele nua, acho que gemi. Ele apoiou as duas mãos nos meus quadris e me puxou ainda mais para perto dele.

– Você está me deixando louco, Blaire. Maluco – sussurrou ele no meu ouvido. Precisei de toda a minha força de vontade para não deixar a cabeça cair sobre o peito dele. – O que foi aquilo lá fora? Você me deixou tão excitado que não estou conseguindo pensar direito. Tudo o que consigo ver é você.

As mãos dele subiram pelas laterais do meu corpo e tocaram a minha barriga. A posição quase protetora delas, embora ele não fizesse ideia do que estava protegendo, fez meus olhos se encherem de lágrimas. Eu queria que ele soubesse. Mas também queria que ele escolhesse a mim... e ao nosso bebê. Não achava que ele pudesse fazer isso. Ele amava a irmã. Eu tinha pavor desse tipo de rejeição e me recusava a deixar o meu bebê ser rejeitado.

Comecei a me afastar do abraço dele quando as suas mãos subiram até os meus seios e a sua boca começou a morder a minha nuca. Ah, merda... Eu podia não confiar a ele o meu coração, mas queria confiar o meu corpo. Mesmo que fosse só aquela vez.

– O que você está fazendo? – perguntei, ofegante.

– Rezando a Deus que você não me faça parar. Eu sou um homem faminto, Blaire.

Ele fez uma pausa, esperando minha resposta. Como não respondi, ele levantou as mãos e abaixou as alças do meu vestido até deixar os meus seios à mostra. Eles agora estavam sempre inchados e muito sensíveis. Ficava cada vez mais sem sutiã. Meus sutiãs não serviam mais e eu não queria gastar dinheiro em um novo se aqueles peitos maiores não fossem durar muito tempo.

– Caramba, gata. Eles parecem maiores – disse ele, cobrindo-os com as mãos.

Minha calcinha ficou instantaneamente úmida e os meus joelhos vacilaram. Agarrei a parede para me equilibrar. Nunca nada tinha sido tão bom. Um som de desejo saiu da minha boca, mas eu não sabia ao certo do que se tratava.

De repente, estava sendo pega no colo e girada. Rush pôs minha bunda na bancada antes de cobrir minha boca com a sua e as mãos voltarem direto para os meus seios. Eu não ia conseguir parar. Queria aquilo da mesma forma como queria continuar respirando. Antes, eu nunca havia precisado de sexo de qualquer tipo, mas aquilo era algo que eu era incapaz de controlar.

O beijo de Rush estava tão louco e ardente quanto eu. Ele mordeu o meu lábio inferior, sugou a minha língua para a boca dele e a chupou. Então apertou os meus mamilos, o que me fez pirar. Eu precisava dele sem camisa imediatamente. Agarrei a sua camisa e a puxei com força, até ele dar um passo minúsculo para trás e a arrancar pela cabeça. Então voltou a se dedicar à minha boca de novo.

Suas mãos estavam fazendo coisas deliciosas com os meus seios e eu não conseguia ficar perto o bastante dele.

Alguém bateu na porta e Rush me puxou até meus seios estarem apertados contra o peito dele. Eu estremeci e fechei os olhos de prazer. Ele virou a cabeça para a porta.

– Cai fora – rugiu a quem quer que estivesse do outro lado.

Um riso abafado foi tudo o que escutamos antes de Rush começar a fazer uma trilha de beijos pela minha nuca e clavícula, até pairar a boca sobre o meu mamilo direito. O calor do seu hálito me fez estremecer e, em resposta, agarrei os seus cabelos e forcei a sua cabeça para mais perto com um apelo silencioso. Ele riu, pôs o meu mamilo na boca e começou a sugar. A umidade no meio das minhas pernas pegou fogo, ou pelo menos foi a sensação que tive. Se ele não estivesse me segurando com o corpo, eu poderia ter disparado através do teto.

– Ah, meu Deus! – gritei, sem me importar se alguém estava me ouvindo.

Eu simplesmente precisava daquilo. Minha reação deixou Rush ainda mais insaciável. Ele passou para o meu outro mamilo, dando a ele o mesmo tratamento enquanto subia a mão pela parte interna da minha coxa. A ideia de que ele estava prestes a tocar aquela região ao mesmo tempo me assustava e excitava. Ele desconfiaria de alguma coisa, não? Será que perceberia que eu estava diferente lá embaixo também? Então os dedos dele passaram pelo lado de fora da minha calcinha. E eu não me importava mais.

– Porra. Você está toda molhada... – grunhiu ele e enterrou a cabeça no meu pescoço.

A respiração dele estava pesada e ofegante. Seus dedos escorregaram para dentro da calcinha, fazendo fogos de artifício explodirem no meu corpo.

Agarrei os ombros dele. Estava cravando as unhas na sua pele, mas não conseguia evitar. Ele estava me tocando. Sua boca passou para a minha orelha enquanto me beijava e fazia cócegas na

minha pele com a respiração pesada.

– Que bocetinha doce. É a minha bocetinha, Blaire. Sempre vai ser minha.

As palavras safadas ditas enquanto ele escorregava o dedo para dentro e para fora de mim me levaram quase à loucura de novo.

– Rush, por favor – implorei, me agarrando a ele.

– Por favor, o quê? Você quer que eu beije essa bocetinha doce? Porque ela está parecendo tão quente e suculenta que eu preciso experimentar.

Ele estava tirando a minha calcinha e levantei a bunda para facilitar o trabalho. Enquanto levantava o meu vestido, eu erguia as mãos para deixar que ele o tirasse.

– Sente-se um pouco mais para trás – ordenou, mexendo em mim até as minhas costas estarem contra a parede. Então ele segurou as minhas pernas e as dobrou até os pés estarem em cima da bancada e eu estar totalmente aberta para ele. – Caramba, é a coisa mais incrível que eu já vi – sussurrou antes de cair de joelhos e me cobrir com a boca.

Na primeira lambida, eu estava gozando de novo.

– Ah, meu Deus, Rush, por favor, ah, meu Deus, ahhhhh – gritei segurando a cabeça dele sem conseguir deixá-lo parar.

Estava bom demais. O toque da língua dele no meu clitóris era incrível. Eu precisava de mais. Não queria que aquilo acabasse. Com os dedos, ele me manteve aberta enquanto ele lambia e beijava.

– Minha. É minha. Você não pode me deixar de novo. Preciso disso. Seu cheiro é perfeito. Nada vai ser tão perfeito assim para mim – murmurou ele, me lambendo.

Eu estava pronta para concordar com qualquer coisa que ele quisesse.

– Eu preciso entrar em você – falou, erguendo os olhos para mim.

Eu só concordei com a cabeça.

– Eu não tenho camisinha. – Ele fez uma pausa e fechou os olhos bem apertados. – Mas tiro antes.

Agora não tinha importância, mas eu não podia dizer isso a ele.

Rush estava de pé com as calças abaixadas. Ele agarrou os meus quadris e me puxou de volta para a beirada até a ponta do seu pau estar tocando em mim. A pergunta no olhar dele era clara, mesmo que ele não a formulasse em voz alta. Usei a mão para guiá-lo para dentro de mim.

– Caralho – gemeu ele ao percorrer o resto do caminho até eu estar cheia dele.

Totalmente cheia de Rush. Enrosquei os braços ao redor do seu pescoço e o segurei. Por apenas um segundo, eu precisava segurá-lo. Não tinha mais a ver com meus hormônios malucos. Agora que ele estava dentro de mim, eu estava me sentindo em casa, completa, e estava prestes a chorar. Antes que pudesse constranger a mim mesma e confundi-lo, levantei a cabeça e sussurrei no seu ouvido.

– Mete em mim.

Foi como se eu tivesse apertado o gatilho de uma arma carregada. Rush agarrou os meus quadris com as duas mãos e soltou um grunhido antes de meter com força. A subida a caminho da espiral que eu sabia que estava por vir começou de novo e eu o cavalguei. Eu aproveitava

aquele momento de rendição e de total abandono no seu rosto enquanto chegávamos cada vez mais perto do clímax de que precisávamos.

– Eu amo você, Blaire. Amo tanto que dói – arfou Rush, antes de abaixar a cabeça para chupar o meu mamilo.

Meu corpo estremeceu e eu gritei o nome dele. Rush levantou a cabeça e, olhando nos meus olhos, começou a sair de dentro de mim. Eu apertei as pernas ao redor da cintura dele. Não queria que saísse. Ele entendeu o que eu queria e disse o meu nome em um sussurro antes de atirar a cabeça para trás e gozar dentro de mim.

RUSH

Blaire me empurrou e saltou da bancada antes que eu pudesse voltar à realidade depois daquele orgasmo.

– Espere, eu preciso limpar você – falei.

Eu realmente só queria limpá-la. Gostava disso. Não, eu amava. Saber que estivera lá e estava cuidando dela mexia comigo.

– Você não precisa me limpar. Eu estou bem – respondeu ela ao pegar o vestido atirado e botá-lo de volta sem me encarar.

Merda. Eu tinha entendido errado? Achei que ela quisesse. Não. Eu sabia que ela queria. Ela estava morrendo de desejo.

– Blaire, olhe para mim.

Ela fez uma pausa e pegou a calcinha. Engoli em seco enquanto ela a vestia. Eu precisava dela de novo. Ela não podia me deixar sozinho agora. Não ia conseguir suportar se ela me deixasse.

– Blaire, por favor, olhe para mim – implorei.

Ela parou, respirou fundo e ergueu os olhos para mim. A tristeza no seu olhar estava misturada a algo mais. Constrangimento? Certamente não. Estendi o braço e segurei o seu rosto com a mão.

– O que houve? Fiz alguma coisa que você não queria que eu fizesse? Porque eu estava tentando não perder o controle. Eu estava tentando de verdade fazer o que você queria.

– Não. Você... você não fez nada de errado. – Ela desviou os olhos dos meus de novo. – Eu só preciso pensar. Eu preciso de um pouco de espaço. Eu não... eu não estava... a gente não devia ter feito isso.

Uma facada no peito teria doído menos. Eu queria puxá-la para mim e bancar o homem das cavernas, dizendo que ela era minha e não podia me deixar. Mas aí eu poderia perdê-la. E não suportaria passar por isso de novo. Precisava fazer tudo do jeito dela. Soltei o seu rosto e dei um passo para trás, para que ela pudesse sair.

Blaire levantou o rosto para olhar para mim de novo.

– Desculpe – sussurrou ela, então abriu a porta e escapou.

Ela havia acabado de virar o meu mundo de pernas para o ar com um sexo incrível e estava pedindo desculpas. Fantástico.

Quando saí do banheiro, Blaire tinha desaparecido. Jace deu um sorrisinho e Bethy inventou uma desculpa por ela. Eu também não queria mais ficar lá. Depois de me certificar de que todas as coisas pesadas haviam sido tiradas do apartamento e que a mala e a caixa de Blaire estavam arrumadas, fui embora. Não podia mais ficar ali com os dois me observando. Eles nos escutaram. Blaire tinha feito barulho. Eu não estava com vergonha. Só estava cansado dos dois olhando para mim e esperando que eu dissesse alguma coisa para explicar a saída de Blaire.



Dei a Blaire uns dois dias para me procurar. Ela não me procurou. Isso não me surpreendeu. Ela tinha pedido espaço e eu dei todo o espaço que podia. Não liguei para ninguém para jogar golfe comigo. Não queria ninguém por perto quando Blaire aparecesse. A gente precisava conversar. Sem distrações ou desculpas para ela fugir.

Parecia um bom plano, mas depois de seis buracos e nenhuma garota servindo bebidas, comecei a estranhar. Quando estava prestes a ir para o buraco seguinte, ouvi o barulho do carrinho. Parei e me virei. O sangue que começou a pulsar pelas minhas veias só de pensar em ver Blaire ali e ficar a sós com ela congelou quando me dei conta de que era aquela garota loura que eu havia visto sendo treinada por Bethy algumas vezes. Merda.

Balancei a cabeça e acenei para que ela seguisse em frente. Eu não queria uma bebida. A garota sorriu alegremente e continuou até a parada seguinte.

– Está quente. Tem certeza de que não quer alguma coisa? – A voz de Meg perguntou e eu olhei para trás.

Ela estava vestindo uma saia branca de tênis e uma camisa polo igualmente branca. Quando a conheci, ela já adorava jogar tênis.

– Garota errada – respondi, esperando que ela me alcançasse.

– Você só compra de uma delas?

– É.

Meg pareceu pensativa.

– Entendo. Você tem uma queda por uma garota do carrinho de bebidas.

“Uma queda” não chegava aos pés do que eu sentia. Pus a bolsa dos tacos no ombro e comecei a caminhar até o buraco seguinte. Não ia responder ao comentário dela.

– E ele fica irritadinho com o assunto – ironizou.

Isso realmente me irritou.

– Ou simplesmente não é da sua conta.

Ela soltou um assobio baixinho.

– Então é mais do que uma queda.

Parei e a encarei. O fato de ela ter sido a minha primeira trepada não significava que tínhamos qualquer tipo de ligação ou amizade. Isso estava me deixando furioso.

– Esqueça...

Meg pôs as mãos nos quadris e deixou o queixo cair.

– Ah, meu Deus... Rush Finlay está apaixonado. Puta merda! Nunca pensei que fosse ver esse dia.

– Você não me vê há dez anos, Meg. Que merda acha que sabe sobre mim? – O grunhido irritado na minha voz nem sequer a abalou.

– Escute aqui, Finlay, só porque você não me vê há dez anos, não quer dizer que eu não tenha ficado sabendo sobre você. Eu voltei à cidade várias vezes, mas você estava sempre fazendo festa na sua mansão e trepando com todas as modelos de corpos perfeitos que apareciam pela frente.

Eu não vi sentido em reaparecer na sua vida. Mas, sim, vi você e, como o resto desta cidade, sei que você é um playboy rico e bonito que pode fazer o que bem entende.

Eu parecia superficial. Não gostei do retrato que ela pintou de mim. Será que a Blaire me via dessa maneira? Alguém não confiável que, além de não protegê-la, seguiria em frente quando outra pessoa surgisse? Não, ela não podia achar que isso era verdade.

– Ela é incrível. Não... ela é perfeita. Tudo nela é perfeito para caralho – falei em voz alta e olhei de novo para Meg. – Eu não apenas a amo. Ela me tem. Completamente. Eu faria qualquer coisa por ela.

– Mas ela não sente o mesmo? – perguntou Meg.

– Eu a magoei. Mas não do jeito que você está pensando. É difícil explicar. Há tanta dor no que aconteceu, que eu não sei se algum dia conseguirei recuperá-la.

– Ela vende bebidas no carrinho do clube?

Ela estava realmente obcecada com a coisa do carrinho de bebidas.

– Sim, vende. – Fiz uma pausa, imaginando se deveria contar a ela quem era Blaire. Dizer em voz alta a alguém e admitir poderia ajudar tudo a fazer sentido. – Nan e ela têm o mesmo pai. – Eu não queria ter dito desse jeito.

– Merda – resmungou Meg. – Por favor, me diga que ela não se parece com a sua irmãzinha do mal.

Nan não tinha muitos fãs. Nem me abalei com a acusação de que ela era do mal. Ela própria havia provocado isso.

– Não. Ela não tem nada a ver com Nan.

Meg ficou em silêncio por um instante e eu me perguntei se aquela conversa iria continuar. Então ela se virou e apontou para a sede do clube.

– Por que não almoçamos juntos e você me conta tudo sobre essa situação tão estranha e eu vou ver se consigo colaborar com alguma sabedoria ou pelo menos um conselho feminino.

Eu precisava de qualquer conselho possível. Não havia mulheres na minha vida a quem eu pudesse pedir ajuda.

– É. Está bem. Parece bom. Se me der um conselho que eu possa usar, o almoço será por minha conta.

BLAIRE

Era o segundo dia que eu não enjoava. Até pedi a Bethy que preparasse bacon para me testar antes de eu me apresentar para o turno do almoço. Imaginei que, se eu conseguisse sobreviver ao bacon, conseguiria trabalhar no restaurante. Senti o estômago embrulhar e fiquei nauseada, mas não vomitei. Eu estava melhorando.

Liguei para Woods e lhe garanti que ficaria bem. Ele aceitou minha oferta, porque estava com pouca gente e precisava de mim. Jimmy estava parado na cozinha sorrindo quando cheguei trinta minutos antes do meu turno.

– Aí está a minha garota. Que bom que aquele mal-estar diminuiu. Você parece ter perdido cinco quilos. Por quanto tempo ficou doente?

Woods explicara a Jimmy e a quem mais perguntasse que eu havia pegado uma virose e estava me recuperando. Tinha trabalhado apenas dois turnos no salão e nunca encontrava funcionários da cozinha quando estava no carrinho de bebidas.

– Devo ter perdido peso, sim. Mas tenho certeza de que vou recuperar logo, logo – respondi, dando um abraço nele.

– É melhor mesmo, senão vou encher você de rosquinhas até conseguir passar as mãos ao redor da sua cintura sem meus dedos se tocarem.

Isso aconteceria mais cedo do que ele imaginava.

– Eu comeria uma rosquinha agora mesmo.

– Combinado. Depois do trabalho. Você, eu e uma caixa com doze. Metade coberta de chocolate – disse Jimmy e me passou o avental.

– Parece bom. Você pode vir conhecer a minha nova casa. Vou ficar com a Bethy em um apartamento dentro do clube.

Jimmy arqueou as sobrancelhas.

– Não me diga. Ora, ora, ora, como vocês estão chiques.

Amarrei o avental e enfiei a caneta e o bloco no bolso da frente.

– Farei a primeira ronda se você preparar as saladas e o chá gelado.

Jimmy piscou.

– Combinado.

Segui para o salão do restaurante e, por sorte, os únicos clientes eram dois senhores que eu tinha visto outras vezes, mas cujos nomes não sabia. Anotei os seus pedidos e servi uma xícara de café para cada um antes de voltar para conferir as saladas.

Jimmy já tinha duas preparadas para mim e as estava segurando quando voltei para a cozinha.

– Aqui estão, gostosa.

– Obrigada, lindo – respondi, levando-as para o salão.

Entreguei as saladas e anotei os pedidos de duas novas clientes. Então fui buscar a água com gás e a água aromatizada com limão que elas pediram. Ninguém nunca pedia simplesmente água ali.

Jimmy estava saindo da cozinha quando cheguei.

– Acabei de atender as duas mulheres que parecem ter saído das quadras de tênis. Vi a Hillary... ela não é a anfitriã de hoje? Enfim, ela estava conversando com mais clientes, então, acho que deve haver uma mesa esperando para ser atendida.

Ele me cumprimentou e seguiu para o salão.

Terminei de pegar as águas, pus as duas sopas de caranguejo que os homens haviam me pedido na bandeja e voltei para o salão, quando a expressão de pânico de Jimmy chamou minha atenção.

– Deixe isso comigo – disse ele, pegando a bandeja da minha mão.

– Você nem sabe para quem é. Eu consigo carregar uma bandeja, Jimmy – retruquei revirando os olhos.

Ele nem sabia que eu estava grávida e estava sendo bobo...

Então eu o vi... na verdade, eu os vi. Jimmy não estava sendo bobo. Estava me protegendo.

Rush estava com a cabeça abaixada enquanto conversava, com uma expressão muito séria. A mulher tinha longos cabelos escuros. Ela era maravilhosa. Tinha as maçãs do rosto altas e perfeitas. Cílios compridos e pesados contornavam os seus olhos escuros. Eu ia vomitar. Minha bandeja oscilou e Jimmy a estava tirando de mim. Entreguei para ele. Estava quase deixando cair.

Ele não era meu. Mas eu estava carregando o bebê dele. Ele não sabia, certo. Mas tinha feito amor comigo... não, ele havia trepado comigo no banheiro da Bethy três dias antes. Isso me magoou. Muito. Engoli em seco, sentindo a garganta quase fechada. Jimmy estava me dizendo alguma coisa, mas eu não conseguia entender. Não conseguia fazer nada além de olhar para eles. Ele estava inclinado muito para perto dela, como se não quisesse que ninguém ouvisse o que diziam.

Os olhos dela desviaram de Rush e cruzaram com os meus. Eu a odiei. Ela era linda, refinada e tudo o que eu jamais seria. Era uma mulher. Eu, uma garota. Uma garota patética que precisava dar o fora dali e parar de fazer cena. Mesmo que fosse uma cena silenciosa, eu ainda estava apenas parada, imóvel, olhando para eles. Ela me estudou e franziu a testa de leve. Não queria que perguntasse a Rush e apontasse para mim. Dei meia-volta e saí rapidamente do salão.

Assim que estava fora da vista dos clientes, disparei a correr e dei um encontrão no peito de Woods.

– Opa, calma aí, querida. Para onde está correndo? Ainda é demais para você? – perguntou ele segurando o meu queixo com o dedo e levantando a minha cabeça para ver o meu rosto.

Assenti e uma lágrima escapou. Eu não ia chorar por causa disso, droga. Eu havia pedido que acontecesse. Eu o tinha afastado e dado as costas a ele depois do sexo maravilhoso. O que eu esperava? Que ele ficasse esperando por mim? Pouco provável.

– Sinto muito, Woods. Só me dê um minuto e vou ficar bem. Prometo. Só preciso de um momento para me recompor.

Ele passou a mão pelo meu braço, de um jeito reconfortante.

– Rush está lá dentro? – perguntou quase com hesitação.

– Está – engasguei, obrigando as lágrimas que enchiam os meus olhos a irem embora. Respirei fundo e pisquei com força. Eu não ia fazer isso. Controlaria as minhas emoções malucas.

– Ele está com alguém? – perguntou Woods.

Só fiz que sim com a cabeça. Não queria dizer em voz alta.

– Quer ir para a minha sala esfriar a cabeça? Esperar até eles irem embora?

Sim. Eu queria me esconder daquilo, mas não podia. Precisava aprender a conviver com a situação. Rush ficaria em Rosemary por mais um mês. Eu precisava aprender a lidar com essas situações.

– Eu consigo fazer isso. Foi uma surpresa. Só isso.

Woods desviou o olhar do meu e o rosto dele foi tomado por uma expressão fria.

– Vá embora. Ela não precisa disso agora – falou Woods com raiva.

– Tira a porra das mãos de cima dela – respondeu Rush.

Eu me afastei do abraço de Woods e mantive os olhos abaixados. Não queria vê-lo, mas também não queria que ele e Woods brigassem. Woods parecia pronto para lutar pela minha honra. *Eu* não fazia ideia de como Rush estava porque não olhava para ele.

– Eu estou bem, Woods. Obrigada. Vou voltar ao trabalho – murmurei e comecei a seguir em direção à cozinha.

– Blaire, não. Fale comigo – pediu Rush.

– Você já fez o bastante. Deixe-a em paz, Rush. Ela não precisa passar por isso. Não agora – rugiu Woods.

– Você não sabe de nada – grunhiu Rush e Woods deu um passo na sua direção.

Ou ele ia contar que eu estava grávida e deixar muito claro que sabia de alguma coisa ou ia começar a trocar socos com Rush. Mais uma vez eu precisava acabar com aquilo e consertar a situação.

Eu me virei e fui para a frente de Rush. Olhei para Woods.

– Está tudo bem. Só me dê um minuto com ele. Vai ficar tudo certo. Ele não fez nada de errado. Eu fui irracional. Só isso.

O maxilar de Woods se movia enquanto ele rangia os dentes. Provavelmente estava sendo difícil para ele ficar de boca fechada. Por fim, assentiu e se afastou.

Eu precisava encarar Rush.

– Blaire – disse Rush gentilmente ao estender a mão e segurar a minha. – Por favor, olhe para mim.

Eu conseguiria fazer isso. Precisava fazer isso. Eu me virei, deixando que ele segurasse a minha mão. Eu deveria me afastar, mas não conseguiria ainda. Eu o vira com uma mulher que provavelmente estava mantendo a sua cama quente à noite enquanto eu continuava afastando-o de mim. Eu o estava perdendo. E o nosso bebê também. Mas... será que algum dia ele realmente tinha sido nosso?

Levantei os olhos e encontrei o olhar preocupado dele. Rush não gostava de me deixar chateada. Eu adorava isso nele.

– Está tudo bem. Tive uma reação exagerada. Eu só, hum, fiquei surpresa, só isso. Deveria imaginar que você havia seguido em frente a essa altura. Eu só...

– Pare com isso – Rush me interrompeu e me puxou para perto dele. – Eu não segui para lugar nenhum. Você não viu o que pensa que viu. Meg é uma velha amiga. Só isso. Ela não significa nada para mim. Eu vim procurar você. Precisava vê-la e fui jogar golfe. Você não estava no campo. Eu cruzei com a Meg e ela sugeriu que almoçássemos juntos. Só isso. Eu não fazia ideia de que você estava trabalhando aqui. Jamais teria feito isso. Embora eu não estivesse fazendo nada. Amo você, Blaire. Só você. Eu não estou com mais ninguém. Nunca estarei.

Eu queria acreditar nele. Por mais egoísta e errado que fosse, eu queria acreditar que ele me amava o bastante para não precisar de mais ninguém. Mesmo que eu o estivesse afastando de mim. Eu estava mentindo para ele. E odiava mentirosos. Ele me odiaria também se eu não contasse logo. Eu não queria que ele me odiasse. Mas não podia confiar nele. Mentir resolvia isso? Mentir alguma vez resolve alguma coisa? Como ele poderia confiar em mim um dia?

– Eu estou grávida.

As palavras saíram antes que eu me desse conta do que estava fazendo. Cobri a boca horrorizada enquanto Rush arregalava os olhos. Então me virei e saí correndo como uma louca.

RUSH

Meus pés pareciam presos ao chão. Mesmo vendo Blaire se afastar correndo de mim, não consegui me mover. Aquilo era um sonho? Uma alucinação? Eu estava ficando tão mal assim?

– Se você não for atrás dela, eu vou.

A voz de Woods interrompeu os meus pensamentos e eu despertei do choque.

– O quê? – perguntei, olhando furioso para ele.

Eu o odiava. De repente, tive vontade de dar um soco na cara dele.

– Eu disse que, se você não for atrás dela, eu vou. Ela precisa de alguém neste momento. E tem que ser você, por mais que eu não queira que seja, porque não acho que você a mereça.

Ele sabia que ela estava grávida? Meu sangue começou a ferver. Ela havia contado a Woods que estava grávida, mas não a mim?

– Eu estava aqui na primeira manhã que ela tentou trabalhar e o cheiro de bacon a fez sair correndo para o banheiro para vomitar. Então, sim, eu já sabia. Tire essa expressão maluca de ciúme do rosto e vá atrás dela. – O tom de Woods estava repleto de desprezo.

– Ela estava passando mal?

Eu não sabia que ela estava passando mal. Senti uma dor no peito. Ela estava passando mal sozinha. Eu havia deixado Blaire sozinha e ela estava sofrendo. De repente, não conseguia mais respirar. O ar não chegava aos meus pulmões.

– É, seu idiota de merda, ela estava passando mal. Isso acontece nessas situações. Mas está melhorando. Agora já estou prestes a ir atrás dela. Mexa-se – avisou Woods.

Saí em disparada.

Só depois que deixei o prédio pelos fundos e olhei acima da colina que a encontrei. Ela ainda estava correndo. Seguiu na direção dos apartamentos. Estava indo para casa. Fui atrás dela. Ela estava grávida. Poderia estar correndo daquele jeito? E se fizesse mal para o bebê? Ela precisava ir mais devagar.

– Blaire, espere – chamei, quando cheguei perto o bastante.

Ela diminuiu o ritmo e finalmente eu a alcancei.

– Desculpe. – Ela soluçava e levava as mãos ao rosto.

– Desculpar pelo quê? – perguntei, diminuindo a distância entre nós e a puxando para perto de mim.

Eu não estava mais preocupado em assustá-la. Não a deixaria ir a lugar nenhum.

– Por isso. Por tudo. Por estar grávida – sussurrou ela, tensa nos meus braços.

Ela estava se desculpando. Não. Ela não ia pedir desculpas por aquilo.

– Você não tem nada do que se desculpar. Nunca mais me peça desculpas de novo. Está me ouvindo?

Um pouco da tensão diminuiu e ela se apoiou em mim.

– Mas eu não contei para você.

Não, ela não tinha me contado, mas eu entendia. Era uma droga, mas eu entendia.

– Queria que tivesse contado. Eu jamais deixaria você passando mal sozinha. Teria cuidado de você. Vou cuidar de você agora. Vou compensar você por tudo. Juro.

Blaire balançou a cabeça e se afastou de mim.

– Não, eu não posso. Nós não podemos fazer isso. Não lhe contei por um motivo. A gente... a gente precisa conversar.

Não importava. Eu ia cuidar dela e ela não me deixaria. Mas, se ela precisava conversar sobre isso, nós conversaríamos.

– Tudo bem. Vamos para a sua casa, já que estamos tão perto.

Blaire concordou com a cabeça e virou-se para seguir na direção do apartamento. Jace dissera que Woods estava deixando as duas morarem ali pelo mesmo valor do antigo apartamento de Bethy. Eu achara que Woods estava pensando em usar isso para obter algum desconto fiscal. Agora entendia tudo. Ele estava fazendo isso pela Blaire. Estava cuidando dela. Mas não ia mais cuidar. Eu cuidaria do que era meu. Não precisava que Woods fizesse isso. Ia conversar com Woods mais tarde, mas iria pagar a maior parte do aluguel daquele apartamento. Woods não ia tomar conta de Blaire. Ela era minha.

Observei-a se abaixar para pegar a chave debaixo do capacho. Aquele devia ser o pior lugar para esconder uma chave. Trataria disso mais tarde também. Não conseguiria dormir à noite sabendo que ela tinha uma chave escondida embaixo do capacho da porta da frente para qualquer um entrar na casa dela.

Blaire abriu a porta e deu um passo para trás.

– Entre.

Entrei e peguei sua mão. Ela podia querer me dizer todos os motivos pelos quais não deveríamos ficar juntos, mas eu a estaria tocando o tempo inteiro enquanto ela falasse. Precisava saber que ela estava bem. Tocar nela me acalmava.

Ela fechou a porta e me deixou levá-la até o sofá. Sentei e a puxei para o meu lado. Queria colocá-la no colo, mas a expressão preocupada e nervosa no seu rosto me impediu de fazer isso. Ela precisava falar e eu a deixaria fazer isso.

– Eu devia ter contado. Desculpe. Eu ia contar, talvez não do jeito que fiz hoje, mas ia. Eu só precisava de tempo para decidir para onde iria depois daqui e o que faria da minha vida. Queria economizar dinheiro para recomeçar em algum outro lugar. Pelo bebê. Mas eu ia contar a você.

Ela ia me contar e depois ir embora? Fui tomado pelo pânico. Ela não poderia fazer isso.

– Você não pode me deixar – falei, bem direto.

Ela precisava entender isso.

Blaire desviou o olhar do meu e examinou as nossas mãos. Entrelacei os meus dedos nos dela. Era tudo o que estava me mantendo calmo no momento.

– Rush – disse ela baixinho. – Eu não quero que o meu bebê se sinta indesejado algum dia. Sua família... – Ela parou de falar e ficou pálida.

– Minha família vai aceitar o que eu disser. Se não, pego você e o meu bebê e os deixo pagando suas próprias contas. Você vem em primeiro lugar, Blaire.

Ela balançou a cabeça, soltou a mão da minha e se levantou.

– Não. Você diz isso agora, mas não é verdade. Não era verdade um mês atrás e não é agora. Você sempre vai escolher a eles em vez de mim. Ou pelo menos a Nan. E tudo bem. Eu compreendo. Só não consigo viver com isso. Não posso ficar aqui.

Não ter contado sobre o pai dela era algo que iria me assombrar pelo resto da vida. Minha necessidade de proteger Nan havia ferrado com a única coisa importante para mim. Eu me levantei e fui até ela, que recuou até estar contra a parede.

– Ninguém. Vem. Antes. De. Você.

Os olhos dela brilharam com lágrimas contidas. Eu odiava o fato de que ela não conseguia acreditar em mim.

– Eu amo você. Quando você entrou na minha vida, eu não a conhecia. Nan era minha prioridade. Mas você mudou isso. Você mudou tudo. Eu ia lhe contar, mas a minha mãe chegou em casa antes do previsto. Eu morria de medo de perder você, mas perdi de qualquer jeito. Nada vai tirar você de mim de novo. Vou passar o resto da vida provando que a amo. Você e o bebê. – Toquei a barriga dela e ela estremeceu. – Vocês vêm em primeiro lugar.

– Quero acreditar em você – disse ela com um soluço.

– Por favor, me deixe provar isso. Ir embora não me deixa provar nada. Você precisa ficar comigo, Blaire. Precisa me dar uma chance.

Uma lágrima se soltou e rolou pelo rosto dela.

– Eu vou ficar enorme de gorda. Bebês choram a noite toda e custam caro. Não vou ser a mesma. Nós não vamos ser os mesmos. Você vai se arrepender.

Ela não fazia ideia do que viria. Não importava quantas vezes eu dissesse, ela não acreditava em mim. Ela havia perdido todo mundo que amara e em quem confiara na vida. Por que acreditaria em mim? Os únicos homens da sua vida a abandonaram. Traíram sua confiança. Ela não esperava nada além disso.

– Este bebê trouxe você de volta para mim. Ele é parte de nós. Eu nunca vou me arrepender disto. E você pode ficar do tamanho de uma baleia, que vou amá-la de qualquer jeito.

Seus lábios se abriram em um pequeno sorriso.

– É melhor eu não ficar do tamanho de uma baleia.

Dei de ombros.

– Não tem importância.

O sorriso dela desapareceu rapidamente.

– Sua irmã... ela vai odiar isso. Vai nos odiar.

Eu lidaria com a Nan. Se ela não conseguisse aceitar a situação, eu pegaria Blaire e nós dois iríamos para algum lugar longe dela. Blaire já havia se ferido o bastante. Eu não deixaria mais ninguém magoá-la.

– Confie em mim para protegê-la.

Blaire fechou os olhos e assentiu.

Senti o peito inchar e tive vontade de gritar para o mundo que aquela mulher era minha. Em vez disso, eu a peguei no colo.

– Onde fica o seu quarto? – perguntei.

– É o último à esquerda.

Fui até lá. Não iria fazer amor com ela, mas precisava abraçá-la por um tempo. Empurrei a porta e congelei. O quarto tinha um bom tamanho para um apartamento, mas o cobertor no chão com um único travesseiro foi mais um golpe para mim. Quando ajudei com a mudança, notei que Blaire não tinha cama. Ela estava dormindo no sofá. Estava tão envolvido em reconquistá-la que não tinha pensado que ela precisava de uma cama.

– Não comprei uma cama ainda. Eu poderia dormir no sofá, mas queria dormir no meu próprio quarto – murmurou Blaire, tentando descer do meu colo.

Eu não iria soltá-la. Segurei-a com mais força contra o meu corpo. Ela havia dormido no chão duro na noite anterior enquanto eu estava dormindo na minha imensa cama *king size*. Porra.

– Você está tremendo, Rush. Por favor, me ponha no chão – disse Blaire, cutucando o meu braço.

Sem soltá-la, dei meia-volta, passando de novo pela sala, e saí. Bati a porta atrás de mim, tranquei e enfiei a chave no bolso. Eu não a botaria de novo embaixo daquele capacho.

– O que você está fazendo? – perguntou Blaire.

Meu carro não estava lá. Então eu a levaria no colo colina abaixo até a minha picape.

– Estou levando você para comprar uma cama. Uma cama enorme. Uma cama que custe uma porra de uma fortuna – resmunguei.

Estava furioso por ter deixado passar esse problemão. Não era de admirar que Woods estivesse cuidando dela. Eu havia falhado. Não faria isso de novo. Iria garantir que ela tivesse tudo.

– Eu não preciso de uma cama cara. Vou comprar uma em breve.

– É, logo mesmo. Esta noite. – Abaixei a cabeça e beijei o seu nariz. – Eu preciso fazer isso. Preciso de você deitada na melhor cama que o dinheiro possa comprar. Está bem?

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios dela.

– Está bem.

BLAIRE

Eu não precisava de mais do que uma cama de casal normal. Mas Rush comprou uma king size, duas mesas de cabeceira e uma cômoda com um espelho maravilhoso. Cometi o erro de ficar olhando por tempo demais para uma bela colcha cor de lavanda com capas de travesseiro combinando. Antes que eu pudesse me dar conta, ele estava comprando o conjunto completo de roupa de cama com lençóis e travesseiros novos. Discuti o tempo todo com ele, mas Rush agia como se eu não estivesse falando. Só piscava para mim e continuava pedindo coisas e dando orientações ao vendedor.

Quando voltamos do jantar, que ele também estava decidido a pagar, os móveis já estavam sendo entregues. Encontramos Bethy parada na porta sorrindo. Ela estava adorando aquilo.

– Obrigado. Eu precisava fazer isso. Talvez você não entenda, mas eu precisava fazer – disse Rush antes que eu abrisse a porta do carro.

Olhei para ele.

– Você precisava comprar um quarto completo e roupas de cama caras para mim? – perguntei, confusa.

– Precisava, sim.

Não entendia aquilo, mas concordei. Se ele precisava fazer isso, então eu ficaria grata. Ainda não conseguia acreditar que aquilo tudo era meu. Eu ia me sentir como uma princesa no meu quarto.

– Bem, obrigada por tudo. Eu não esperava por nada além de um colchão. Não estava preparada para ser mimada.

Rush se inclinou para a frente e deu um beijo na minha orelha.

– Isso não chega nem perto de mimar você. Mas pretendo mostrar exatamente o que é mimá-la.

Estremeci e apertei a maçaneta da porta. Não permitiria que ele me comprasse mais nada. Precisava parar com aquilo, mas os beijos ao redor da minha orelha dificultavam a minha concentração.

– Vamos ver como ficaram as coisas no quarto – disse ele, se recostando.

Espaço. Eu precisava de um pouco de espaço. Estava prestes a me atirar em cima dele. Isso não era bom. Os hormônios da gravidez tentavam me dominar.

Rush deu a volta correndo pela frente da picape quando abri a porta para saltar. Ele estava na minha frente segurando as minhas mãos e me ajudando a descer como se eu fosse uma inválida antes mesmo que eu conseguisse fazer um movimento para sair sozinha.

– Eu consigo sair sozinha, sabe – falei.

Ele sorriu.

– Sim, mas qual é a graça disso?

Ri, passei por ele e segui na direção de Bethy, que estava nos observando como se fôssemos um de seus seriados de TV preferidos.

– Parece que a Pottery Barn decidiu deixar todos os produtos mais recentes no seu quarto – disse Bethy, sorrindo feito uma criança em uma loja de doces. – Posso dormir com você naquela cama imensa esta noite? O colchão é inacreditável!

– Não. Ela precisa descansar. Nada de companhia na cama – disse Rush, vindo atrás de mim e enroscando um braço protetor ao redor da minha cintura.

Os olhos de Bethy baixaram para a minha cintura e voltaram para Rush.

– Você sabe – disse ela, parecendo muito satisfeita.

– Sim, eu sei – respondeu Rush, tenso.

Eu me senti horrível. Mais uma pessoa que ficara sabendo sobre a gravidez antes dele. Rush tinha todo o direito de ficar magoado. Eu era uma mentirosa. Ele perceberia isso e me deixaria agora?

– Que bom – exclamou Bethy, saindo do caminho para entrarmos.

– Por que você não vai conferir se estão instalando tudo onde você quer que fique? – disse Rush para mim quando entramos.

– Boa ideia.

Deixei-o na sala para conferir os móveis. Se estivesse bravo comigo, teria tempo de esfriar a cabeça.

Como os entregadores estavam fazendo um bom trabalho com a organização dos móveis, não os interrompi. Gostei da forma como eles estavam deixando tudo. Voltando para a sala, ouvi Bethy sussurrando e parei.

– Ela está melhor. Passou mal por um bom tempo, mas não vomitou nas duas últimas manhãs.

– Me ligue imediatamente se parecer que ela vai ficar enjoada. – Rush conseguia fazer até um sussurro parecer uma ordem.

– Ok, eu ligo. Não estava gostando da ideia de “não contar ao Rush”. Você fez isso com ela. Precisa apoiá-la.

– Eu não vou a lugar nenhum.

– É bom mesmo.

Rush riu.

– Se ela não vai morar comigo, pelo menos tem você para protegê-la.

– Pode ter certeza disso. Não ache que eu não vou ajudá-la a desaparecer se você ferrar com tudo de novo. Se você a magoar, ela vai embora.

– Eu nunca vou magoá-la de novo.

Senti uma dor no peito. Queria acreditar nele. Queria confiar nele. Este bebê era nosso. Havia muita coisa difícil de perdoar, mas eu precisaria aprender. Eu o amava e tinha certeza de que o amaria para sempre.

Entrei na sala e sorri.

– Eles estão botando tudo exatamente onde eu quero.

Rush se aproximou e me puxou para os seus braços. Vinha fazendo isso com muita frequência.

Não disse nada. Só me abraçou. Bethy saiu da sala, passei os braços ao redor dele e ficamos assim por alguns minutos. Era a primeira vez que eu não me sentia sozinha desde muito tempo.

♦ ♦ ♦

Rush não pediu para passar a noite comigo. Fiquei um pouco surpresa. Ele nem sequer tentou algo além de um beijo antes de ir embora. Isso não serviu muito para esfriar os meus sonhos. Acordei mais uma vez pouco antes de um orgasmo, muito frustrada. Atirei as cobertas para o lado e me sentei. Ia trabalhar no turno do almoço de novo.

Liguei para Woods na noite anterior e pedi desculpas por ter saído correndo, mas ele entendeu e me perguntou se estava tudo bem. Como Rush estava ao meu lado ouvindo tudo o que eu dizia, fiquei um pouco aflita para desligar logo. Ficaria a sós com Woods mais tarde e explicaria tudo com mais detalhes. Ele estava sendo muito compreensivo.

Woods me manteve no restaurante pelo resto da semana. O único dia que me mandou para o campo foi no sábado, por causa do torneio. Todo mundo trabalhou ao ar livre.

Quando finalmente cheguei à cozinha, fui recepcionada com uma caixa de rosquinhas com um bilhete em cima. Sorrindo, eu o peguei e li.

Senti a sua falta ontem à noite. Não consegui comer tudo sozinho. Espero que as coisas estejam melhores. Com amor, Jimmy.

Droga! Eu tinha me esquecido do encontro que marcara com ele. Outra pessoa com quem eu precisava me desculpar. Mas, antes, eu queria rosquinhas e leite.

RUSH

Sentei-me em uma das cadeiras de couro em frente à mesa de trabalho de Woods. Ele estava me analisando, o que me deixou furioso. Eu havia ligado para ele e marcado aquele encontro. Por que ele estava se divertindo tanto?

– Eu vou pagar o valor certo pelo apartamento. Sei quanto custa o aluguel no mercado e preparei um cheque para cobrir um ano. Embora Blaire provavelmente não vá ficar morando lá por muito tempo. Assim que conseguir fazer com que ela confie em mim, vou pedir que vá para a minha casa.

Passei o cheque por cima da mesa.

Woods olhou para o cheque e de novo para mim.

– Imagino que isso seja porque você não me quer cuidando do que é seu.

– Exatamente.

Woods assentiu e pegou o cheque.

– Ótimo. Eu não deveria ter que cuidar de Blaire nem do seu bebê. Mas teria feito isso. Você pode não acreditar em mim, mas fico feliz que você esteja sabendo da gravidez. Só não estrague tudo. Você vai ter que se certificar de que Nan mantenha as garras sob controle.

Eu não precisava de Woods me dizendo o que eu precisava ou não fazer. Nada daquilo dizia respeito a ele. Como ainda não havia terminado a conversa, irritá-lo era uma má ideia.

– Eu não a quero trabalhando em jornada dupla ou lá fora no calor. Ela se recusa a parar de trabalhar, mas o horário dela precisa ser reduzido.

Woods cruzou os braços sobre o peito e recostou-se na cadeira.

– Ela sabe disso? Porque da última vez que conversamos, ela precisava de todas as horas que pudesse fazer.

– Da última vez que vocês conversaram, eu não sabia que ela estava carregando o meu filho. Nada pode acontecer com ela, Woods. Não posso deixar mais nada acontecer com ela.

Ele deu um suspiro pesado.

– Tudo bem. Eu concordo. Não gosto que me digam o que fazer, mas concordo com você.

– Mais uma coisa – falei antes de me levantar. – O Jimmy é gay, né?

Woods explodiu numa risada e fez que sim com a cabeça.

– É, sim, mas não espalhe. As mulheres gostam de vir aqui só para olhar para ele. E ele recebe boas gorjetas por isso.

Ótimo. Achava que ele era gay, mas a ligação dele com Blaire me incomodava.

– Então acho que ele pode andar com a minha garota.

Woods sorriu.

– Não acho que você conseguiria impedi-lo se tentasse.



Meu celular tocou enquanto eu caminhava para a minha picape. Isso me lembrou que Blaire não tinha um telefone. Não seria ela ligando para mim. Eu estava indo ver como ela estava e então conversaríamos sobre isso. Tirei o celular do bolso e vi o nome da minha mãe na tela. Eu a estava ignorando havia quatro semanas. Tinha Blaire de volta, mas ainda não estava pronto para conversar com a minha mãe. Pressionei o botão de ignorar e guardei o aparelho.

Ao chegar à casa de Blaire, olhei embaixo do capacho e gostei de ver que não tinha uma chave escondida ali. Havia conversado com Bethy na noite anterior sobre como aquilo era perigoso. Bati na porta e escutei passos do outro lado. Como vi o carro de Bethy no clube quando saí, sabia que Blaire estava sozinha. A simples ideia de ter algum tempo a sós com ela me fez sorrir.

A porta se abriu e uma versão “acabei de me arrastar para fora da cama” de Blaire estava do outro lado segurando uma rosquinha. O tom rosado no seu rosto era adorável. A minúscula blusinha mal cobria seus imensos e lindos seios e o short curto transformava tudo o que era adorável nela em algo excitante.

Entrei e fechei a porta atrás de mim.

– Caramba, gata – sussurrei ao empurrá-la de costas para o sofá. – Por favor, nunca mais abra a porta assim.

Ela olhou para baixo e deu um sorriso.

– Eles não param de crescer. Acho que é por causa da gravidez – falou, se explicando. – Eu me esqueço que eles estão assim.

Enrolei um cacho dos cabelos dela no meu dedo.

– Não só a blusinha minúscula, mas este cabelo sexy de quem acabou de sair da cama e... – passei a mão pela sua bunda – isto aqui não pode ficar tão descoberto também.

– As pessoas não costumam fazer visitas de manhã.

Blaire parecia sem fôlego. Eu gostava de saber que mexia com ela.

– Que bom – respondi. – Como foi dormir na cama nova? – perguntei antes de dar uma mordidinha no lóbulo de sua orelha.

– Hum... eu... foi bom.

Ela parecia nervosa. Recuei e olhei para ela. Por que parecia tão nervosa?

– Só bom? – perguntei, fitando-a enquanto as suas bochechas ficavam vermelhas.

Blaire se remexeu e olhou para o chão.

– Sonhos de grávida podem ser... hum... intensos.

– Sonhos de grávida? Como assim?

Agora eu estava curioso. O fato de o rosto dela estar completamente vermelho só fazia eu querer saber ainda mais.

Ela começou a se mexer e eu agarrei os seus quadris e a mantive presa entre mim e o sofá.

– Ah, não, senhorita. Você não pode me dizer esse tipo de coisa e não explicar.

Blaire soltou uma risadinha insegura e balançou a cabeça.

– Você pode me segurar o dia todo aqui, mas não vou contar.

Deslizei as mãos por baixo da sua camiseta e comecei a fazer cócegas em Blaire. Fiz um esforço imenso para não me focar nos seios perfeitamente redondos ao meu alcance. Não queria que ela pensasse que eu só queria saber de sexo. Até então, havia resumido o nosso relacionamento a isso. Queria provar que era mais. Mesmo que eu estivesse tomando duchas frias e me masturbando pensando no sabor doce dela no outro dia.

Blaire riu e se contorceu com as cócegas.

– Pare!

Ela deu um gritinho e se aproximou de mim. Quando tentou se afastar, minha mão subiu e roçou no seu seio esquerdo, fazendo com que ela ficasse imóvel. Um pequeno som saiu da sua garganta, muito parecido com um gemido. Roci o meu polegar no seu mamilo. Foda-se a coisa de não fazer sexo. Como eu poderia ignorar aquilo?

– Por favor, Rush. Eu preciso disso...

Ela precisava do quê? Espere... os sonhos dela...

– Blaire, seus sonhos são eróticos?

Ela choramingou e assentiu, enquanto eu beliscava o seu mamilo.

– São. Eu estou cansada de acordar com tesão – sussurrou ela.

Porra. Tirei a rosquinha das suas mãos, larguei-a em cima da mesa e chupei o glacê dos seus dedos. A respiração dela ficou ofegante. Eu a agarrei e a levantei.

Ela enroscou as pernas na minha cintura e eu devorei a sua boca enquanto seguia para o quarto dela. Desta vez havia uma cama grande para eu deitá-la e a manteria ali o dia inteiro fazendo amor, se era isso mesmo que ela desejava.

Deitei-a na cama e tirei seu short e sua calcinha antes de subir em cima dela.

– Eu quero você – pedi, enquanto arrancava sua blusinha.

Parei e a contemplei por alguns instantes. Havia apenas uma semana, eu achava que nunca mais a veria assim de novo. Abraçá-la era algo com que eu vinha sonhando. Agora ela estava ali e eu queria aproveitar cada pedacinho do seu corpo.

– Rush, por favor, eu preciso de você dentro de mim...

Ela se contorcia e implorava. Por mais que eu quisesse adorar o seu corpo, parecia que eu não ia conseguir. Não seria capaz de rejeitar uma Blaire carente.

– Posso sentir o seu gosto primeiro? – perguntei, beijando a sua boca e distribuindo beijos em seu corpo.

– Sim, qualquer coisa. Só preciso que você me toque. – Ela suspirou quando a minha mão a tocou lá embaixo e deslizei um dedo para dentro dela. – Ah, meu Deus! Sim! Ahhhh – gritou quando comecei a tocá-la.

Blaire louca por sexo ia ser algo divertido. Era como se eu tivesse acabado de ganhar na loteria. Abri ainda mais as coxas dela e abaixei a boca para beijar o clitóris intumescido. Ela começou a implorar de novo. Pus a língua para fora e lambi toda a sua bocetinha inchada. Com as duas mãos, ela agarrou os meus cabelos e ficou me segurando. Não consegui deixar de sorrir.

– Por favor, Rush, por favor. Está tão bom...

Os pedidos sexy dela estavam prestes a me fazer explodir. Eu queria estar dentro dela tanto

quanto ela desejava isso, mas também estava gostando daquilo. Eu me concentrei em fazê-la gozar na minha boca enquanto ela se contorcia e gemia. Quando ela finalmente gritou o meu nome e senti que estava prestes a gozar, tirei a roupa em tempo recorde.

Não precisávamos mais usar camisinha. Deitei sobre ela e a penetrei. Blaire agarrou os meus ombros e atirou a cabeça para trás. Se todas as mulheres grávidas eram assim, por que os homens não as mantinham sempre grávidas? Aquilo era o máximo. Tão bom que eu não ia conseguir segurar por muito tempo.

– Rush, me coma. Com força – arfou Blaire.

– Gata, se você continuar dizendo coisas assim, eu vou gozar antes de deixar você satisfeita.

Ela deu um sorriso malicioso para mim.

– Eu deixo você duro de novo. Prometo. Agora, por favor, me coma com força. Nos meus sonhos, você se abaixa e mete em mim até eu estar gritando, implorando para você nunca parar. Logo antes de gozar, eu acordo.

Ela não apenas vinha sonhando comigo, mas sonhos eróticos. Saí de dentro dela e a virei de barriga para baixo, levantando os seus quadris bem alto.

– Quer que eu meta em você, doce Blair? Vou fazer a minha garota se sentir melhor – ronronei enquanto passava a mão suavemente pela sua bunda nua. Ela começou a se contorcer e eu dei um tapa de leve na sua boceta, fazendo-a arfar de surpresa. – Se você quer sacanagem, gata, vai ter sacanagem...

Agarrei os quadris dela e meti com força, quase gozando. Ela era apertada para caralho. Os gritos desesperados de prazer de Blaire não estavam ajudando. Era difícil lembrar que precisava fazer Blaire gozar de novo com o meu pau latejando.

– Mais forte – gemeu Blaire e eu pirei.

Comecei a meter nela com o mesmo abandono louco e cheio de desejo que a consumia. Quando o calor apertado dela começou a me espremer e o meu nome saiu em um berro da sua boca, fechei os meus olhos e gozei.

BLAIRE

Rush estava de costas, me puxando para junto dele, enquanto eu saía de um orgasmo que tive a impressão de que me faria desmaiar. Eu me enrosquei nos seus braços e suspirei de alívio. Ele deixou todas as partes carentes e doloridas do meu corpo muito felizes. Mais do que felizes. Eu estava toda doída, mas adorando.

– Acho que você me quebrou.

Ele riu, encostando a boca na minha têmpora e me dando um beijo.

– Espero que não, porque, quando tiver energia para me mexer, vou querer fazer isso de novo – respondi com o máximo de doçura possível.

– Por que de repente estou me sentindo usado? – perguntou ele.

Belisquei sua barriga.

– Lamento que se sinta usado. Mas com um corpo destes, o que você esperava?

Rush riu e me virou de costas antes de me cobrir com o seu corpo. Os olhos dele brilhavam olhando para mim.

– É mesmo?

Respondi que sim. Tive medo de dizer o que não deveria. Como o fato de eu estar apaixonada por ele.

– Você é muito linda – sussurrou ele ao baixar a cabeça para beijar o meu rosto, como se eu fosse digna de adoração.

Eu não era linda. Ele era lindo, mas não falei isso. Se ele queria achar que eu era, não o impediria. As mãos dele passaram pelo meu corpo, fazendo-o zunir de prazer.

– Você está acordando todos os dias assim? – perguntou ele com um brilho no olhar.

Eu poderia mentir, mas já havia mentido o suficiente.

– Sim. Às vezes no meio da noite também.

Rush arqueou uma sobrancelha.

– No meio da noite?

Ele estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Como vou poder ajudá-la no meio da noite se você não estiver comigo? – A voz dele parecia realmente preocupada.

– Você não vai querer que eu o acorde para fazer sexo todas as noites – disse a ele.

– Gata, se você acordar com tesão, quero estar pronto e disponível. – Ele baixou o tom de voz e deslizou a mão até o meio das minhas pernas. – Isto é meu, e eu cuido do que é meu.

– Rush... – alertei.

– Sim?

– Se não parar de dizer esse tipo de coisa, vou atacar você e obrigá-lo a trepar até desmaiar.

Rush sorriu.

– Isto não é uma ameaça, minha doce Blaire.

Enquanto eu sorria por causa desse último comentário, o relógio na mesa de cabeceira chamou a minha atenção. Ah, droga! Empurrei-o.

– Preciso estar no trabalho em dez minutos – gritei, como explicação.

Rush saiu de cima de mim e eu saltei da cama para só então me dar conta de que estava completamente nua. Rush permaneceu deitado, me vendo entrar em pânico com um sorriso no rosto.

– Por favor, não se preocupe comigo. A vista está ótima daqui – disse ele, com um sorriso sexy. Peguei uma calcinha e um sutiã limpos antes de correr para o banheiro.

♦ ♦ ♦

– Parece que alguém se deu bem ou esse sorriso feliz é por causa de todas as rosquinhas que eu levei? – perguntou Jimmy de maneira arrastada quando entrei na cozinha um minuto atrasada.

Senti o rosto queimando.

– Eu amei as rosquinhas. Obrigada e me desculpe por ter me esquecido de ontem à noite. Foi um... dia maluco – respondi, pegando um avental, com medo de encará-lo.

– Gata, se eu tivesse acabado de sair da cama com Rush Finlay, também estaria sorrindo feito louco. Na verdade, estou morrendo de inveja. Sei que as minhas rosquinhas não puseram esse brilho de satisfação nos seus olhos.

Comecei a rir e peguei uma caneta e um bloquinho.

– Ele é o máximo.

– Ah, por favor, me conte detalhes. Vou aproveitar cada palavra – implorou Jimmy, entrando no salão do restaurante ao meu lado.

– Vá paquerar as mulheres e pare de fantasiar com o meu... meu...

O que Rush era? Não era meu namorado. Era o pai do meu bebê e isso parecia simplesmente baixo.

– Ele é seu homem. Diga, porque é verdade. O cara que a coloca em um altar e a idolatra.

Não respondi. Não sabia ao certo como responder. Havia mesas enchendo e eu tinha um trabalho a fazer. Woods, Jace e Thad, o louro de cabelos encaracolados cujo nome eu tinha descoberto recentemente, estavam sentados em uma delas. Fui anotar os pedidos de bebida do Sr. Lovelady e da sua acompanhante. Ele sempre estava com garotas que pareciam ter idade para serem suas netas, mas não eram.

Segundo Jimmy, o Sr. Lovelady era mais rico do que Deus. Mesmo assim, ele era velho. Isso era nojento.

Depois que anotei o pedido deles, segui para a mesa de Woods. Os três sorriram para mim quando me aproximei e Thad piscou. Ele era o garoto bonito que gostava de paquerar e todos sabiam disso.

– Boa tarde, meninos. O que querem beber? – perguntei enquanto colocava copos d'água na

frente deles.

– Você parece mais contente hoje. Que bom vê-la sorrindo de novo – disse Thad, pegando o copo d’água e tomando um gole.

Voltei a ficar com o rosto vermelho. Pude sentir. Olhei para Woods, que me fitava com uma expressão de quem sabia o que havia acontecido. Era inteligente o bastante para deduzir.

– Vou tomar café. – Foi tudo o que Woods disse.

Fiquei extremamente grata por ele não estar com ânimo para me provocar.

– Hoje de manhã, Bethy não me deixou tocar nas rosquinhas que Jimmy levava. Não sabia que rosquinhas deixavam você tão bem-humorada.

O sorriso no rosto de Jace significava que ele sabia exatamente o que tinha acontecido. Agora todo o clube ficaria sabendo sobre a minha vida sexual? Era tão interessante assim?

– Eu adoro rosquinhas – respondi, olhando para o meu bloquinho em vez de encarar qualquer um deles.

– Aposto que sim – riu Jace. – Quero uma cerveja Honey Brown, por favor.

– Tenho a sensação de estar deixando alguma coisa passar e detesto ser deixado de fora – disse Thad, debruçando-se sobre a mesa e me examinando mais de perto.

– Se ligue e peça a sua bebida logo – disse Woods, irritado.

Thad revirou os olhos e se recostou na cadeira.

– Todo mundo está tão sensível hoje... Quero uma água mineral.

Anotei o pedido e olhei para Woods.

– Quer que eu traga frutas frescas para a mesa?

– Por favor.

Fiquei feliz por ter encerrado o assunto com aqueles três e voltei para a cozinha depois de ser parada pela Sra. Higgenbotham, que queria uma Mimosa para ela e outra para a filha, que parecia ter 18 anos.

Jimmy estava arrumando a bandeja dele quando voltei à cozinha. Ele olhou para mim por cima do ombro.

– Sei que estou sendo intrometido, mas preciso perguntar. Quem foi a garota que Rush deixou aqui sozinha ontem depois de sair correndo atrás de você?

Meg. Eu não sabia mais nada sobre ela. Só que se chamava Meg e era uma velha amiga. Na verdade, eu havia esquecido que Rush a deixara ali.

– É uma velha amiga dele. Não sei muito mais que isso.

– Woods a conhecia também. Foi conversar com ela depois que vocês saíram. Deve ser uma amiga de longa data, já que os dois a conheciam.

Lembrei a mim mesma que ela era parte do passado dele. Eu não tinha motivo para sentir ciúme. Eles eram velhos amigos. Só porque ela era uma deles, eu não precisava me sentir inferior.

Pus as frutas de Woods na minha bandeja e peguei as bebidas que todos haviam pedido antes de voltar ao salão.

Concentrei-me em entregar as bebidas às pessoas antes de dar uma olhada por todo o salão e ir até a mesa de Woods. Ele desviou os olhos de mim para uma mesa à minha esquerda. Ficava na

área de Jimmy. Virei-me de novo para ver se era uma dica para que eu atendesse alguém quando o meu olhar cruzou com o de Rush. Parei. Ele estava ali. Um sorriso começou a se formar nos meus lábios até que vi Nan sentada ao lado dele com uma expressão de raiva. Voltei a atenção de novo para Woods e decidi fingir que eles não estavam lá.

– Aqui estão as frutas. – Pude ouvir o tom nervoso na minha voz e rezei para que os rapazes não notassem. – E aqui estão as bebidas. Prontos para fazer o pedido? – perguntei, forçando um sorriso.

Os três ficaram me encarando, tornando tudo ainda mais desconfortável. Era algo que eu precisaria aprender a superar. Nan era irmã dele. Estaria na minha vida se Rush estivesse. Aprender a lidar com alguém me odiando era uma parte da vida que eu tinha que aceitar.

– É a irmã dele. Se ficar com ele, vai precisar conviver com ela também – Jace me disse, como se eu já não soubesse disso.

Eu não gostava de me sentir como se todas as minhas emoções estivessem à mostra. Eu sempre fora uma pessoa discreta. Isso era demais.

Eu o ignorei, peguei o meu bloquinho e olhei explicitamente para Woods. Ele pigarreou e fez o pedido. Os outros fizeram o mesmo, sem mais palavras de sabedoria.

RUSH

– Eu liguei e o chamei para almoçar comigo. Será que poderia ter pelo menos trinta minutos da sua atenção? Faz semanas que não passamos um tempo juntos a sós. Eu sinto a sua falta.

A mágoa na voz de Nan me incomodou. Ela tinha razão. Eu a estava ignorando. Nem ouvira direito o que ela tinha dito desde que Blaire entrara no salão do restaurante. Estivera tão focado em me certificar de que ela não estava carregando nada pesado demais e que não estava sendo maltratada por ninguém... ou em olhar simplesmente para ela, que não estava sendo uma boa companhia para a minha irmã.

– É, me desculpe – falei, desviando os olhos da porta que eu observava, à espera de que Blaire voltasse. – Conte-me um pouco sobre esse torneio de vela de que você está participando com esse novo cara... você disse que o nome dele era Charles?

Nan sorriu à menção do nome e assentiu. Ela me lembrou a menininha que eu acompanhava quando ficava toda empolgada com alguma coisa. Não a adulta raivosa em que tinha se transformado.

– Sim. Ele é neto dos Kellars. É de Cape Cod e adora velejar. Velejou até aqui para passar o verão. Enfim, ele se inscreveu em um torneio de vela e quer me levar junto. Serão só alguns dias.

Prestei atenção enquanto ela tagarelava sobre Charles e seu veleiro e fiz um esforço tremendo para não olhar ao redor em busca de Blaire. Precisava encontrar um equilíbrio entre as duas mulheres da minha vida. Blaire vinha em primeiro lugar, mas eu amava a minha irmã e ela precisava de mim. Nem que fosse para almoçar e ficar ouvindo enquanto ela tagarelava sobre sua última conquista. Ninguém mais a escutava.

Ela parou de falar e fez uma careta para alguma coisa por cima do meu ombro.

– Ela precisa se concentrar no trabalho e parar de olhar para você. Meu Deus, não sei por que Woods não a demite.

Olhei para trás e vi Woods, Jace e Thad sorrindo e brincando com Blaire, que tinha o rosto corado.

– Ela não está olhando agora. Está muito ocupada flertando com outros caras. Ela só se importa com o dinheiro. É patético, na verdade. Queria que você conseguisse ver além do teatrinho dela. Quero dizer, eu consigo ver...

– Nan, cale a boca – rosnei.

Não era a minha intenção, mas ouvir Nan falando mal de Blaire e ver os caras flertando com ela e a fazendo corar era um pouco mais do que eu podia suportar. Garantiria que cada um daqueles cretinos tarados compreendesse que ela era minha.

– Você vai me trocar por ela? Ela está flertando com eles, Rush. Não acredito que você seria capaz de se levantar durante o nosso almoço para bancar o possessivo em relação a uma vadia

qualquer.

O ciúme furioso que eu estava sentindo mudou de foco dos três para a minha irmã. Estava enxergando tudo vermelho quando voltei a atenção para ela.

– Que merda você disse? – perguntei, mantendo o tom de voz baixo e calmo ao me aproximar dela.

Nan abriu a boca para falar, mas eu sabia que perderia o controle se ela dissesse mais qualquer coisa ruim a respeito de Blaire.

– Fique quieta. Se quiser sair daqui com dignidade, fique quieta. Se voltar a dizer qualquer coisa parecida sobre Blaire, vou largar você de mão. Você. Está. Entendendo. Porra?

Os olhos de Nan se arregalaram. Eu nunca havia sido tão duro com ela antes. Mas ela tinha ido longe demais. Ela se levantou de um salto e atirou o guardanapo em cima da mesa.

– Não acredito em você. Eu sou a sua irmã. Ela é só... ela é só...

– Ela é só a mulher por quem estou apaixonado. Você precisa se lembrar disse.

Os olhos de Nan soltavam faíscas quando ela se virou e saiu do clube batendo os pés. Não me importei. Precisava que ela saísse antes que eu dissesse algo pior. Eu não queria magoá-la. Eu a amava, mas odiava as palavras que não paravam de sair da sua boca. Senti a mão de alguém tocando o meu braço e a minha reação foi um puxão forte antes que eu me desse conta de que era Blaire. Seus olhos azuis estavam cheios de preocupação. Era disso que ela tinha medo. De Nan e do ódio dela. Eu não podia culpá-la, mas também não podia viver sem ela. Naquele momento, porém, eu precisava ficar sozinho.

– Desculpe – sussurrei e me afastei dela.

Atirei dinheiro em cima da mesa antes de seguir Nan para fora do restaurante.



Passei as três horas seguintes na academia. Meu corpo estava fisicamente exausto quando saí de lá, mas a minha raiva tinha diminuído. Agora eu só queria ver Blaire. Seu turno devia ter terminado e eu queria abraçá-la. Ela merecia um pedido de desculpas. Eu nunca deveria ter levado Nan à sede do clube para almoçar. Ela havia me pedido que a encontrasse lá e eu fui. Cuidei, inclusive, para que nos sentássemos na área atendida pelo Jimmy. Não queria que ficasse um clima constrangedor. Mas não dera certo de qualquer maneira. Aquela foi a última vez que permiti que Nan se aproximasse dela. Nan não consegue superar a história, e Blaire não merece isso.

Bati na porta do apartamento e fiquei esperando. Ninguém atendeu. Enfiei a mão no bolso e peguei o celular, mas me lembrei de que Blaire não tinha telefone. Droga. Eu ia pegar o telefone dela na minha casa e forçá-la a aceitá-lo de volta. E se ela tivesse se machucado? E se estivesse em algum lugar e não fosse voltar?

– Ela saiu com o Jimmy. – A voz de Bethy disse atrás de mim. Eu me virei e a vi se aproximando pelo campo de golfe. – Parou aqui depois do turno dela e me disse que tinha um encontro com ele.

Por que ela não me contou? Porque ela não sabia onde me encontrar se quisesse contar. Eu havia fugido dela feito um imbecil.

– Que horas ela vai voltar? – perguntei quando Bethy passou pela minha frente e enfiou a chave na fechadura.

– Não sei. Ela estava chateada. Sabe o motivo? – perguntou Bethy em um tom de voz azedo enquanto abria a porta.

Não pedi para entrar, apenas a segui.

– Nan e eu almoçamos na sede do clube hoje. Acho que não foi muito legal.

Bethy franziu o nariz, incomodada.

– Você *acha*? Por quê? Não consigo imaginar a vaca da sua irmã fazendo qualquer coisa para chatear a Blaire. – Bethy largou a bolsa e disse um palavrão. – Ela não precisa se estressar, sabe? Está grávida e determinada a ficar de pé carregando bandejas de um lado para outro o dia todo. Ela não precisa que você acrescente o seu drama familiar à equação. Da próxima vez que quiser passar um tempo de intimidade familiar com a bruxa má, faça isso em outro lugar.

Ela tinha razão. Eu não deveria ter deixado Blaire ver Nan. Nunca deveria ter confiado que Nan fosse ser legal. Ou pelo menos civilizada. Aquilo era culpa minha e eu precisava encontrar Blaire.

– Onde ela está? – perguntei.

Bethy se atirou no sofá.

– Tirando uma folga dessa vida de merda.

Se Bethy queria me ferir, estava fazendo um ótimo trabalho. Eu estava prestes a implorar quando a porta se abriu.

– Desculpe ter me atrasado. Eu fui... – Ela parou de falar quando os nossos olhares se encontraram. – Oi.

– Oi – respondi, me aproximando e ficando na frente dela, mas com medo de tocá-la. – Eu sinto muito. Por favor, vamos até o seu quarto e me deixe explicar.

Ela fez o primeiro movimento e passou os seus braços pela minha cintura.

– Está tudo bem. Eu não estou chateada.

Ela ia me consolar. De novo. Era o que ela sempre fazia: se preocupar com os outros.

– Não, não está tudo bem – respondi.

Então segurei a sua mão e a levei para o quarto.

Para longe de Bethy, que não era a minha maior fã no momento.

– Deixe-o se rastejar. Ele precisa rastejar. Porra. Eu preciso que ele rasteje – disse Bethy do sofá, acenando para nós e pegando o controle remoto da televisão.

BLAIRE

Rush continuou a me puxar até meu quarto e fechou a porta atrás de nós. Sentou-se na cama e me colocou no colo. Eu havia ficado chateada mais cedo, mas estava bem agora. Ele estivera em uma situação horrorosa e a Nan havia ficado chateada. Tinha certeza de que Woods ficara satisfeito por eu não ter me envolvido em uma cena.

– Rush, juro que está tudo certo. Eu estou bem – garanti a ele, segurando o seu rosto nas mãos.

Lidar com Nan e o ódio dela fazia parte do pacote. Eu entendia e precisaria conviver com isso se quisesse Rush na minha vida.

Ele balançou a cabeça.

– Não está tudo bem em relação a nada do que aconteceu hoje. Eu nunca deveria ter concordado em almoçar com ela lá. Eu sabia muito bem disso. Nunca deveria ter confiado que ela fosse se comportar como uma pessoa normal. Eu sinto muito, gata. Juro que isso nunca mais vai acontecer.

Cobri a boca dele com a minha e o empurrei para cima da minha cama.

– Eu disse que está tudo bem. Pare de se desculpar – sussurrei contra os seus lábios.

As mãos de Rush deslizaram para dentro da minha blusa e encontraram o meu sutiã, que agora estava dois números menor do que o ideal. As alças estavam machucando a minha pele, depois de usá-lo o dia inteiro. Rush o abriu e passou as mãos pela pele marcada pelo sutiã apertado.

– Você precisa de um sutiã novo – falou, deslizando os dedos pelas minhas costas, me fazendo estremecer de prazer.

– Hum, se você prometer fazer isso todas as noites, vou ficar bem – garanti, me abaixando para beijá-lo de novo.

Ele recuou.

– Por que você não me disse? – perguntou ele com uma voz magoada.

Disse o quê? Pus as mãos dos dois lados da cabeça dele e me levantei para ficar por cima dele.

– O que eu deveria ter dito? – perguntei, confusa.

Rush deslizou as mãos pelo lado do meu corpo até chegar abaixo dos meus seios e eu me esqueci que estávamos conversando. A sensação foi muito boa. Gemendo, empurrei o meu peito para as mãos dele e estava prestes a começar a implorar.

– Sua pele está machucada pela porra do sutiã, Blaire. Por que você o usou? Eu teria comprado um novo. Vou comprar um sutiã novo para você antes que você vá a qualquer outro lugar.

Ele ainda estava falando sobre o meu sutiã.

– Rush, eu preciso que você me toque agora. Não se preocupe com o meu sutiã. Só, por favor...

Abaixei a cabeça e dei uma leve mordida no ombro dele, descendo até começar a beijar o seu peito.

– Por melhor que seja isto, você não vai conseguir me distrair. Quero saber por que não me disse que o maldito sutiã estava machucando. Não quero nada machucando você.

Levantei a cabeça e olhei para Rush, que estava com a testa franzida. Isso realmente o havia incomodado. Ninguém jamais se preocupara comigo dessa maneira. Não estava acostumada com isso. Senti o coração apertar, tirei a blusa e o sutiã.

– Rush. Eu preciso de um sutiã novo. Este aqui ficou pequeno demais. Você pode me levar para comprar um? Por favor? – provoquei enquanto as mãos dele subiram e seguraram os meus peitos, deixando a minha calcinha ainda mais molhada.

– Peitos tão perfeitos como esses precisam ser tratados com muito cuidado. Não suporto a ideia de eles sentirem dor. – Ele sorriu para mim. – A menos, é claro, que seja provocada por mim.

Ele acariciou os meus dois mamilos e eu gritei.

– Esses peitinhos são meus, Blaire. Eu cuido do que é meu – sussurrou ele antes de pôr um mamilo na boca.

Eu apenas assenti e me deixei levar ao seu encontro. Sua ereção estava fazendo pressão no meu clitóris inchado. Se eu me esfregasse nele só um pouquinho mais, ia gozar. Eu realmente precisava gozar.

– Calma, garota. Deixa eu tirar seu short primeiro – disse ele, beijando a minha barriga, onde ficou por mais tempo, beijando docemente.

Levantou os olhos para mim e foi abrindo lentamente o meu short.

– Parece que alguém está precisando de atenção. Ela está toda inchada e molhada. Encharcada. Caralho, isso é gostoso demais – murmurou ele, enquanto abria as minhas pernas e olhava com expressão faminta para o meio delas.

Ele se deitou entre as minhas pernas até ficar com a boca tão perto do meu clitóris que pude sentir o calor da sua respiração.

– Vou ficar aqui esta noite. Não consigo dormir sabendo que você pode acordar assim, precisando de mim. Essa ideia me deixa louco. – A voz dele baixou para um tom rouco que sempre me deixava excitada.

Observei enquanto ele botava a língua para fora e aqueles olhos prateados me fitaram antes de ele me lambe e enfiar a língua dentro de mim.

Agarrei a cabeça dele e comecei a implorar por mais enquanto ele me fazia ter não um, mas dois orgasmos antes de levantar a cabeça e sorrir maliciosamente para mim.

– Isto é viciante. Ninguém deveria ter um gosto tão doce, Blaire. Nem mesmo você.

Ele se levantou e arrancou a camisa e a calça. Estava de volta em cima de mim antes que eu pudesse admirar a visão por muito tempo.

– Quero que você me cavalgue – disse ele, me beijando de novo e me provocando ao deslizar a ereção entre as minhas pernas.

Eu o empurrei para trás e ele virou com facilidade para que eu pudesse ficar em cima dele. Ver a forma como ele olhava para o meu corpo foi mais excitante do que as safadezas que ele sempre sussurrava no meu ouvido para me fazer gozar.

Eu poderia amar aquele homem e ser feliz com ele pelo resto da vida. Só esperava ter a chance

de fazer isso.



Os dias seguintes se passaram como um conto de fadas. Eu ia trabalhar. Rush aparecia e me distraía com a sua maravilhosa presença. Nós acabávamos em algum lugar onde não deveríamos estar fazendo sexo selvagem e ainda tínhamos fôlego para fazer amor no meu apartamento ou na casa dele. A primeira vez era sempre intensa e urgente. A segunda era sempre doce. Eu tinha certeza de que Woods havia nos escutado no dia em que acabamos arrancando as roupas um do outro no vestiário.

Eu ainda estava tentando decidir se eram os hormônios da gravidez ou se eu sempre iria desejar Rush assim. Bastava um toque dele para eu ficar desesperada. Hoje, porém, daríamos uma trégua. Eu ia trabalhar o dia inteiro no torneio anual de golfe. Precisei brigar com Woods e Rush para me deixarem trabalhar. Nenhum dos dois achou que fosse seguro. Eu, é claro, saí ganhando.

Nossos uniformes foram encomendados especialmente para o dia. Estaríamos vestindo branco, como os jogadores. Nossos shorts foram substituídos por saias combinando com as nossas camisas polo. Exceto, evidentemente, por Jimmy. Ele usaria short. Era o único homem nos carrinhos de bebida. Ao que parecia, ele também tinha sido especialmente encomendado.

– São quinze equipes. Blaire, você fica com as primeiras três. Bethy, você pega as três seguintes. Carmen, as três seguintes. Natalie, as três seguintes. E Jimmy, você fica com as três últimas. São todas mulheres que pediram especialmente por você. Este evento irá durar o dia inteiro. Mantenham os jogadores felizes e não deixem que fiquem sem bebidas. Voltem para renovar o estoque antes de qualquer coisa acabar. Seus carrinhos foram pré-abastecidos com as bebidas escolhidas pelos jogadores que estarão acompanhando hoje. Cada um de vocês tem um walkie-talkie no carrinho para entrar em contato comigo caso ocorra uma emergência. Alguém tem alguma pergunta? – Darla estava parada na varanda da casa da administração do clube com as mãos nos quadris, olhando para nós cinco. – Ótimo. Agora, assumam os seus lugares. Blaire, você estará ocupada desde o começo. O restante de vocês precisa esperar e conferir as suas equipes enquanto elas esperam para começar a jogar. Se eles quiserem bebidas, sirvam. Se quiserem comida, chamem alguém para servi-los. Entendido?

Todos nós concordamos. Darla fez um sinal para que saíssemos e voltou para o escritório da administração.

– Eu odeio torneios. Só espero que não precise lidar com Nathan Ford. Ele é insuportável – resmungou Bethy enquanto íamos pegar os nossos carrinhos e conferir se tínhamos tudo antes de seguir para o primeiro buraco.

– Talvez você pegue o Jace – falei, tentando animá-la.

Bethy franziu a testa.

– Não. Sem chance. A tia Darla fez a escala. Ela não teria me dado o Jace.

Ah. Bem, neste caso, eu não pegaria Rush também. O que provavelmente era bom. Eu precisava me concentrar no trabalho. Não em como Rush ficava bonito de short e camisa polo.

Parei o carro diante do primeiro buraco e fui encontrar o meu primeiro grupo, formado por rostos conhecidos. Era um grupo mais velho. Seria bastante tranquilo e eles davam ótimas gorjetas. Depois de servir garrafas d'água para cada um deles, fui até o grupo seguinte. Surpreendentemente, eram Jace, Thad e Woods. Não esperava tê-los no meu grupo.

– Olá, meninos. Que sorte a minha, não? – provoqueei.

– Tinha certeza de que pegaríamos a Bethy. Caramba, meu dia está começando a melhorar – respondeu Thad.

– Cale a boca – resmungou Jace, dando um cutucão nele.

– Não sou burro o bastante para deixar Bethy pegar Jace. Ela ignoraria todo o resto – explicou Woods.

Entreguei uma garrafa d'água a cada um deles.

– Estou contente por servir vocês três. Mesmo que eu não seja a Bethy – falei, sorrindo para o Jace.

– Se não posso ter a Bethy, você definitivamente é a melhor opção – disse Jace com um sorriso torto.

Não dava para não gostar dele. Havia se mostrado mais do que legal com o que sentia em relação a Bethy.

– Ótimo. Agora vão lá me deixar orgulhosa – brinquei enquanto me dirigia para o grupo seguinte.

Era o meu primeiro grupo feminino. Eu as reconheci, mas não sabia exatamente quem eram. Achei que aquela loura alta elegante devia ser a mulher do prefeito.

Depois de servir suas águas com gás em copos com fatias de limão, voltei para o início. Estava quase na hora de começar o torneio. Olhei para trás à procura de Rush, mas não o vi. Não sabia ao certo de que equipe ele era, mas sabia que estaria jogando. Grant deveria estar com ele, mas não o vi também.

RUSH

Eu ia matar o Grant quando ele dormisse. Ou talvez ali mesmo, na frente de testemunhas. Joguei os tacos no chão e o caddie os recolheu rapidamente, o que foi bom. Estava prestes a atirar alguma coisa.

– Meg? Sério, Grant? Você convidou a Meg? – rosnei, olhando para trás de Grant e vendo Meg se apresentando e vindo na nossa direção.

– Precisamos de três jogadores. Como você irritou a Nan, estava faltando uma pessoa. Todo mundo já estava em outras equipes. A Meg queria jogar. Qual o problema?

Grant entregou a bolsa ao caddie e me olhou com ar irritado.

Blaire era o problema. Eu não havia contado a ela que Meg estaria no meu time, porque não sabia. Agora, se ela nos visse, pensaria que eu estava tentando esconder isso dela. Precisava encontrá-la.

– Querem água? – perguntou uma ruiva cujo nome eu não conseguia me lembrar.

Era evidente que Woods não me deixaria com Blaire. Isso teria ajudado. Eu poderia explicar a situação e ela veria que era completamente inocente.

– Sim, por favor, Carmen – respondeu Grant.

Ele sorriu para ela, que, em resposta, deu uma piscadela. Provavelmente já tinham ido para a cama. Se não, iriam naquela noite.

– Dê uma para o azedo aqui também. Ele precisa se hidratar – provocou Grant.

– Prontos para arrasar? – perguntou Meg, se aproximando.

Não, eu estava pronto para ir atrás de Blaire e explicar aquilo. Olhei para a menina do carrinho de bebidas.

– Onde está a Blaire? – perguntei.

Ela fez uma careta.

– Eu não sou boa o bastante?

– É, docinho, você é perfeita. É só que ele é louco pela Blaire. Não é nada pessoal – explicou Grant, piscando e a fazendo abrir um sorriso.

– Ela pegou o primeiro grupo. Acho que o Sr. Kerrington está nele. O jovem Sr. Kerrington. A Sra. Darla falou alguma coisa sobre ele ter pedido a Blaire – respondeu a garota com um sorriso satisfeito.

Woods era um cretino. Eu não tinha dúvida disso.

– Bom dia. Desculpe, mas Rush está mal-humorado – disse Grant recepcionando Meg, que eu me esquecera que havia se juntado a nós.

– Estou vendo isso. Vou arriscar e supor que estava atrás da Blaire no dia em que saiu correndo e me deixou sozinha sem qualquer explicação.

– Se ele saiu correndo atrás de uma garota, então, sim, era a Blaire – respondeu Grant.

Ignorei-os e segui para a frente da linha quando vi o primeiro grupo começando a jogar. O carrinho de Blaire parou ao mesmo tempo. Merda.

– Quer se acalmar? Não é a Blaire que sente ciúmes. É você – resmungou Grant, tomando um gole d’água.

– Muito bem. É um problema eu estar jogando com vocês dois? É disso que estamos falando? – perguntou Meg, olhando diretamente para mim.

– Não quero chatear a Blaire – respondi, olhando para trás, na direção para onde ela tinha seguido.

– Ah. Bom, isto aqui é só golfe. Não é um encontro – respondeu Meg.

Ela tinha razão. Eu estava sendo ridículo. Não estávamos mais na escola e eu podia jogar golfe com uma mulher. Blaire já sabia que Meg era uma velha amiga e, afinal de contas, nós estávamos com Grant. Não éramos só nós dois. Ficaria tudo bem.

– Estou muito tenso. Desculpe-me. Vocês têm razão. Não é nada de mais – concordei, decidindo relaxar e aproveitar o dia.

Pelo menos Blaire estava à frente. Terminaria antes de mim. Foi provavelmente por isso que Woods a havia solicitado. Para que ela não ficasse sob o sol por tanto tempo como os outros.

Quando chegamos ao sexto buraco, eu já estava mais relaxado e aproveitando. Exceto pelas preocupações ocasionais sobre Blaire estar sentindo calor, fiquei bem. Sabia que Woods estava cuidando dela e, por mais que isso me incomodasse, também era um alívio.

– Vamos lá, Grant, até agora o Rush fez o melhor de três, e eu, o melhor de dois. Esta é sua, parceiro. Você consegue – Meg o provocou enquanto ele se preparava para dar uma tacada.

Grant olhou para ela com ar irritado. Ele não era muito bom naquilo e Meg não levou muito tempo para perceber isso. Se ele desse uma boa tacada, seria um milagre.

– Acho que ele precisa de uma ajuda, Meg. Quem sabe você dá uma aula a ele – sugeri.

A expressão furiosa no olhar de Grant fez com que nós dois caíssemos na gargalhada. Como era fácil provocá-lo.

– É melhor recuar um pouco, Meg. Ele parece estar prestes a explodir. Se esta tacada sair voando, é melhor não estar na linha de tiro.

Meg recuou e ficou ao meu lado.

– O que ele faz quando está com raiva? Atira o taco longe? – perguntou ela com um sorriso esperançoso.

– Não se empolgue demais. Se ele ficar irritado o bastante a ponto de atirar o taco, é porque está realmente furioso.

– Não tenho medo. Seus braços são maiores – disse Meg, dando mais um sorriso na direção de Grant. Ela o estava provocando.

– Os braços dele não são maiores! – rugiu Grant, endireitando-se da postura de jogo com uma expressão defensiva no rosto.

Meg estendeu a mão e apertou o meu braço.

– Hummm, nossa, estes braços aqui são bem impressionantes. Mostre o que você tem. – Ela o

provocou um pouco mais.

Grant arrancou a camisa e foi até a frente de Meg, contraindo os músculos.

– Sinta isso, gata. Ele não chega nem perto. É só um menininho bonito.

Revirando os olhos, comecei a voltar para o carrinho de golfe. Grant estendeu a mão e agarrou o meu braço.

– Não, senhor. Esta competição eu vou vencer. Mostre esses bracinhos. Deixe a Meg ver quem leva a melhor.

Eu não tinha nenhuma vontade de ganhar aquela disputa.

– Você venceu. Tudo bem. Os braços dele são maiores, Meg – falei, arrancando o braço da mão dele.

– Não, não venceu. Você não estava contraindo os músculos quando senti o seu braço e tenho certeza de que os seus são maiores – respondeu ela, dando um sorriso malicioso.

Eu tinha certeza de que aquela era uma péssima ideia. Não achava que ela estivesse dando em cima de mim, mas não tinha certeza.

– De jeito nenhum! Mostre o braço, Rush. Vou provar que nesta eu levo a melhor.

– Sim, leva. Tudo bem – respondi.

– Mostre agora. Estou falando sério – exigiu Grant.

Ele estava realmente em uma disputa para ver quem mijava mais longe. Uma disputa que eu estava totalmente disposto a deixá-lo vencer. Estava pronto para seguir para o buraco seguinte.

– Tudo bem – concordei. – Se isso fizer você bater naquela bola para a gente seguir em frente, eu mostro o braço.

Grant sorriu e estendeu o braço de novo para Meg sentir. Ela estava esperando por mim. Flexionei o braço e deixei que ela o tocasse. Aquilo era ridículo.

– Sinto muito, Grant, mas ele ganhou – respondeu Meg, apertando meu braço um pouco mais demoradamente do que o necessário.

Soltei o braço e segui de volta para o carrinho.

– Bata a bola, Grant – gritei.

– Você não ganhou! Ela só o escolheu por lealdade por ter sido a sua primeira trepada – respondeu ele.

Virei a cabeça para ver se alguém o havia escutado. Felizmente, parecia que não.

BLAIRE

Fiquei ali sentada enquanto eles subiam no carrinho a caminho do buraco seguinte. Eu devia ter ido buscar mais bebidas. Mas o meu desejo de ver Rush havia sido mais forte e fiz um pequeno desvio até encontrá-lo. Agora, desejava não ter feito isso. Pela primeira vez naquela semana, estava enjoada de novo. Ele não havia me contado que Meg havia sido a primeira transa dele. Só me dissera que eram velhos amigos.

Saber que tipo de velhos amigos eles eram não ajudou. Eu tinha perfeita noção de que Rush tinha uma coleção de meninas com quem tinha ido para a cama. Era algo que eu sabia quando fiquei com ele pela primeira vez. Mas vê-lo com aquela que fora a primeira da sua vida doeu.

Ela estava flertando e ele correspondia. Estava tentando impressioná-la com os seus músculos, que já eram impressionantes o suficiente sem serem contraídos e exibidos. Por que ele havia feito aquilo? Queria que ela se sentisse atraída por ele? Estava curioso sobre como ela seria na cama agora?

Senti o estômago embrulhar, dei a partida no carrinho e me afastei das árvores atrás das quais me escondera. Não tivera a intenção de me esconder. Tinha pegado um atalho para ver se Rush estava naquele buraco, mas quando o vi sorrindo para Meg e depois deixando que ela o tocasse, parei. Não consegui ir em frente.

Ela era parte do mundo dele. Ela se encaixava naquele mundo. Em vez de dirigir um carrinho de bebidas de um lado para outro, ela estava jogando golfe. Ele não poderia ter me convidado. Para começar, eu não fazia ideia de como se jogava aquilo e, além disso, claro, eu trabalhava ali. Eu não poderia jogar. O que ele estava fazendo comigo? A irmã dele me odiava. Eu não poderia ser parte da vida dele. Não de verdade. Sempre estaria do lado de fora, olhando para dentro. E odiava aquela sensação.

Estar com ele era incrível. Na privacidade da sua casa ou do meu apartamento, era fácil fingir que poderíamos ter algo mais. Porém, o que acontece quando estou exposta? Quando a gravidez for aparente e ele estiver comigo? As pessoas vão saber. Como ele vai lidar com isso? Posso esperar que ele encare isso?

Recarreguei o carrinho e deixei a minha mente repassar todos os cenários do que poderia acontecer conosco. Nenhum deles tinha um final feliz. Eu não era da elite. Era apenas eu. Na última semana, havia me permitido brincar com a ideia de ficar ali, de criar o bebê ao lado de Rush. Por mais que vê-lo com Meg tivesse doído, fora o sinal de alerta de que eu precisava. Ninguém vivia um conto de fadas. Muito menos eu.

Quando voltei, meu grupo já estava na reta final. Sorri, servi bebidas e até brinquei com os jogadores. Ninguém ficaria sabendo que eu estava chateada. Aquele era o meu trabalho. E eu seria boa profissional.

Não diria nada ao Rush naquela noite. Não fazia sentido. Ele não estava pensando com clareza. Eu só aumentaria um pouco a distância entre nós. Não podia me permitir acreditar que ele era o meu “felizes para sempre”. Eu era mais inteligente do que isso.

♦ ♦ ♦

Não consegui terminar o dia sem passar mal. O calor havia me afetado, mas Woods não ficaria sabendo de jeito nenhum. Eu não precisava dele achando que eu não conseguia trabalhar. Bethy segurou os meus cabelos para trás enquanto eu vomitava no banheiro atrás dos escritórios. Eu realmente a amava.

– Você exagerou.

Ela fez uma careta quando levantei a cabeça depois da última ânsia.

Eu não queria admitir, mas ela provavelmente tinha razão. Peguei a toalhinha úmida que ela me deu e limpei o rosto antes de me sentar no chão e encostar na parede.

– Eu sei. Mas não conte a ninguém.

Bethy se sentou ao meu lado.

– Por quê?

– Porque preciso deste emprego. A grana é legal. Se eu for embora quando a barriga começar a aparecer, vou precisar de todo dinheiro que conseguir guardar. Não vai ser fácil arrumar emprego quando a gravidez estiver evidente.

Bethy virou a cabeça e olhou para mim.

– Você ainda está planejando ir embora? E o Rush?

Não queria a Bethy com raiva dele. Ela havia acabado de voltar a ser legal com ele.

– Eu o vi hoje. Ele estava se divertindo. Ele se encaixa aqui. Está no ambiente dele. Eu não me encaixo nesse mundo.

– Ele não tem direito a uma opinião a respeito disso? Basta uma palavra sua, que ele a leva para dentro da casa dele e passa a cuidar de tudo. Você não precisaria trabalhar aqui no clube e estaria ao lado dele em todos os lugares. Sabe disso.

Eu não gostava da ideia de ser mais uma mulher tirando vantagem dele. A mãe e a irmã já faziam isso. Não queria fazer também. Eu não me importava com o dinheiro dele. Só me importava com ele.

– Eu não sou responsabilidade dele.

– Desculpe-me, mas tenho que discordar. Quando ele a engravidou, você se tornou a maior responsabilidade dele – disse Bethy, bufando.

Eu sabia a verdade sobre a noite em que transamos sem camisinha. Eu fui para cima dele. Praticamente o ataquei. A culpa não tinha sido dele. Em todas as outras vezes, ele foi cuidadoso. Eu não o deixei ser cuidadoso naquela noite. O erro foi meu, não dele.

– Você precisa acreditar quando digo que a culpa foi toda minha. Você não estava lá na noite em que fiquei grávida. Eu estava.

– Não pode ser totalmente culpa sua. Ninguém engravida sozinha.

Eu não ia discutir com ela.

– Simplesmente não conte a ninguém que passei mal. Não quero que se preocupem.

– Tudo bem. Mas não estou nada feliz. Se fizer isso de novo, vou contar.

Deitei a cabeça no ombro dela.

– Combinado – concordei.

Bethy deu um tapinha na minha cabeça.

– Você é louca.

Eu apenas ri, porque ela tinha razão.

RUSH

Assim que o torneio terminou, fui para casa tomar um banho e me arrumar. Nem fiquei para receber o troféu de segundo lugar. Deixei Grant e Meg fazerem as honras. Eu só havia participado do torneio porque tinha me inscrito com Nan e Grant no começo do verão. Nós participávamos todos os anos. Era por uma boa causa.

Quando parei no escritório da administração do clube, onde os carrinhos de bebidas estava estacionados, Darla disse que Blaire saíra com Bethy havia mais ou menos uma hora. Liguei para Bethy, mas ela não atendeu. Imaginei que depois que eu terminasse de tomar banho e me arrumar, elas estariam de volta de onde quer que tivessem ido.

O carro de Bethy estava no estacionamento quando cheguei ao condomínio delas. Blaire estava em casa. Graças a Deus. Passei o dia todo pensando nela. Bati três vezes na porta e esperei, impaciente, que ela abrisse. Bethy me deu um sorriso tenso. Não era quem eu queria ver.

– Oi – falei, entrando no apartamento.

– Ela já está dormindo. Foi um dia longo – disse Bethy, ainda parada na porta, que segurava semiaberta, como se quisesse que eu fosse embora.

– Ela está bem? – perguntei, olhando para a porta do quarto fechada corredor.

– Só está cansada. Deixe-a dormir – respondeu Bethy.

– Não vou acordá-la, mas não vou embora. Então, pode fechar a porta – falei, antes de seguir na direção do quarto de Blaire.

Eram apenas seis horas da tarde. Ela não deveria estar dormindo tão cedo, a menos que estivesse doente. A ideia de ela ter se esforçado demais naquele dia fez meu coração disparar. Eu devia ter insistido para que ela não trabalhasse. Não era seguro nem para ela nem para o bebê.

Abri a porta devagar e entrei. Então a fechei e tranquei atrás de mim. Blaire estava enroscada no meio da cama. Parecia perdida ali. Seus longos cabelos louros estavam espalhados por cima dos travesseiros. Uma das suas longas pernas estava para fora das cobertas. Tirei a camisa e a atirei em cima da cômoda antes de abrir o zíper do jeans e tirá-lo. Quando estava apenas de cueca samba-canção, levantei as cobertas e me deitei atrás dela. Então a puxei para mais perto do meu corpo e ela veio de boa vontade. Um suspiro baixinho e uma saudação murmurada foram os sons mais adoráveis que eu já ouvira na vida. Sorrindo, afundei o rosto nos cabelos dela e fechei os olhos.

Aquele era o único lugar em que eu queria estar. Deslizei a mão para baixo e a pousei em cima da barriga lisa dela. A ideia do que eu estava tocando naquele momento era comovente.



Um suave carinho no meu braço até o meu peito me fez sorrir ao abrir os olhos. Blaire estava de frente para mim. Tinha os olhos abertos, fixos no meu peito. Passou o dedo pelos meus peitorais e ombros. Levantou o olhar e entreabriu os lábios em um pequeno sorriso.

– Oi – sussurrei.

– Oi.

Estava escuro lá fora, mas eu não fazia ideia de que horas eram.

– Senti a sua falta hoje.

O sorriso desapareceu e ela desviou o olhar de mim. Foi uma reação estranha.

– Eu também senti a sua falta – respondeu ela, sem me encarar.

Estendi o braço e segurei seu queixo, fazendo com que olhasse para mim de novo.

– O que aconteceu?

– Nada.

Ela estava mentindo. Alguma coisa havia acontecido.

– Blaire, me diga a verdade. Você parece chateada. Tem alguma coisa errada.

Ela começou a se afastar de mim, mas eu a segurei.

– Por favor, me conte – implorei.

A tensão no seu corpo aliviou um pouco quando eu pedi por favor. Eu precisava me lembrar de que essa expressão era uma fraqueza dela.

– Eu vi você hoje. Você estava se divertindo... – disse ela, baixando a voz.

Aquele era o problema? Ah... só um minuto. Ela tinha visto Meg.

– Tem a ver com a Meg. Sinto muito. Só quando ela chegou eu soube que Grant lhe pedira que substituísse a Nan. Minha irmã deu para trás no último minuto e Grant a chamou para entrar em seu lugar. Eu lhe teria contado se soubesse.

O corpo dela estava tenso de novo. Merda. Achei que havia explicado. Ela estava chateada por causa disso?

– Ela foi a sua primeira... – A voz de Blaire estava tão baixinha que eu quase não ouvi.

Alguém havia contado a ela. Porra. Quem sabia disso além de Grant? Eu não era de compartilhar a minha vida sexual com as pessoas. Quem poderia ter contado? Segurei o rosto dela nas mãos.

– E você é a minha última.

Os olhos dela suavizaram. Eu estava ficando bom nessa fala mansa. Nunca havia me preocupado muito em dizer as coisas certas para as mulheres. Com Blaire, era fácil. Eu só estava sendo sincero.

– Eu... – Ela parou e se remexeu nos meus braços. – Preciso ir ao banheiro.

Eu tinha certeza de que não era isso que ela ia dizer inicialmente, mas deixei que se levantasse.

Ela estava vestindo uma regata amarela e uma calcinha cor-de-rosa. Os quadris dela estavam mais cheios e a ideia de trazê-la de volta para a cama me deixou duro como uma pedra. Eu precisava me focar. Ela estava chateada com alguma coisa e não me dizia o que era. Eu precisava consertar aquilo. Não a queria chateada.

Meu celular tocou e eu me estiquei para pegá-lo na mesa de cabeceira. Era Nan. Não queria falar

com ela naquele momento. Ignorei a chamada. Depois de desligar o som do alerta, conferi o horário. Eram apenas 21h10.

Blaire saiu do banheiro e abriu um sorriso tímido.

– Estou com um pouco de fome.

– Então vamos alimentar você – falei, me levantando e vestindo a calça jeans.

– Preciso ir ao mercado. Pretendia ir mais cedo, mas estava com sono, então quis tirar um cochilo antes.

– Eu levo você para jantar fora. Faremos compras amanhã. Não há mercados abertos a esta hora aqui por perto.

Blaire pareceu confusa.

– Também não tem restaurantes abertos na cidade.

– O clube fica aberto até as onze.

Vesti a camisa e me aproximei dela. Blaire estava me examinando como se não compreendesse.

– O que foi? – perguntei, agarrando a cintura dela e puxando o seu corpo quase nu contra o meu.

– As pessoas vão ver você comigo no clube. Pessoas que não são os seus amigos – disse ela, como se estivesse me dando tempo para entender.

– E daí? – perguntei.

Ela levantou a cabeça para olhar para mim.

– Eu trabalho lá. Eles sabem que eu trabalho lá.

Eu ainda não entendia aonde ela queria chegar. Blaire soltou um suspiro irritado.

– Você não se importa que outros sócios do clube vejam você jantando com uma funcionária?

Congelei. O quê?

– Blaire – respondi devagar, para garantir que eu havia escutado direito. – Você acabou de me perguntar se eu me importo que alguém me veja jantando com você? Por favor, diga que não entendi direito.

Ela deu de ombros.

Soltei a cintura dela e caminhei até a porta. Ela só podia estar brincando comigo. Olhei para ela de novo. Estava de braços cruzados sobre o peito, me observando.

– Quando foi que fiz você pensar que não queria ser visto ao seu lado? Porque, se eu fiz isso, juro que vou consertar.

Ela deu de ombros de novo.

– Não sei. Mas nós dois nunca saímos juntos de verdade. Quero dizer, teve o bar de country aquela vez, mas aquilo não foi exatamente um encontro. Seus compromissos sociais normalmente não me incluem.

Senti um aperto no peito. Ela tinha razão. Eu nunca a havia levado a lugar algum além de uma saída para comprar móveis e uma carona de ida e volta para Summit. Puta que pariu. Eu era um idiota.

– Você tem razão. Eu não presto. Nunca a levei a nenhum lugar especial – sussurrei, balançando a cabeça.

Eu nunca tivera um relacionamento. Eu trepava com as garotas e depois as mandava para casa.

– Então esse tempo todo achou que eu tivesse vergonha de você? – perguntei, sabendo que não queria ouvir a resposta. Doeria para caralho.

– Não exatamente vergonha. Eu só... eu só achava que, bom, eu não me encaixo no seu mundo. Sei disso. Só porque estou grávida, não quer dizer que você precise me assumir de qualquer maneira. Você só está me dando apoio...

– Blaire, por favor... Eu não posso ouvir isso. – Diminuí a distância que havia aberto entre nós. – Você é o meu mundo. Quero que todo mundo saiba disso. Eu não sei namorar, então nunca pensei em levar você para sair como minha namorada. Mas posso lhe prometer agora mesmo: vou levá-la a tantos lugares que não vai haver uma única pessoa nesta cidade que não saiba que idolatro o chão em que você pisa. – Jurei antes de estender o braço e pegar a mão dela. – Desculpe por eu ter sido um idiota.

Blaire piscou, afastando as lágrimas. Eu me perguntei quantas vezes mais eu iria estragar as coisas antes de acertar tudo.

BLAIRE

O celular que Rush havia comprado para mim estava em cima do bar da cozinha quando saí do meu quarto. Era a terceira vez esta semana que ele o deixava em algum lugar para que eu encontrasse. Desta vez, tinha um bilhete preso a ele.

Peguei o papel.

Pense no bebê. Você precisa disto para emergências.

Foi um golpe baixo. Sorrindo, peguei o celular e o pus no bolso. Ele não ia desistir enquanto eu não aceitasse. Hoje era a minha segunda consulta com o médico. Eu tinha avisado a Rush sobre a consulta no nosso terceiro encontro, na segunda-feira à noite. Ele estava totalmente determinado a sair comigo a semana inteira. Na noite anterior, eu implorei que ficássemos em casa assistindo a um filme. O recado tinha sido dado. Todo mundo na cidade nos vira juntos. Tinha certeza de que todos estavam cansados de nos ver juntos a esta altura. Essa ideia me fez sorrir ainda mais.

Tirei o celular do bolso de novo. Eu me esquecera de lembrar a Rush sobre a consulta de hoje na noite anterior. Agora podia ligar para ele. O nome dele era o primeiro da minha lista de favoritos. Não fiquei surpresa. Depois de três toques, ele atendeu.

– Oi, ligo para você daqui a pouco. – A voz de Rush estava com um tom incomodado.

– Tudo bem, mas... – Comecei a dizer quando ele abafou o telefone para falar com outra pessoa.

O que estava acontecendo?

– Você está bem? – disparou ele.

– Estou, sim, mas...

– Então ligo daqui a pouco. – Ele me interrompeu antes que eu pudesse terminar e desligou.

Fiquei ali sentada olhando fixamente para o telefone. O que havia acabado de acontecer? Talvez eu devesse ter perguntado se ele estava bem. Como não me ligou nos dez minutos seguintes, decidi que era melhor me arrumar para a consulta. Ele certamente ligaria antes que fosse hora de sair.

♦ ♦ ♦

Uma hora depois, ele ainda não havia retornado a ligação. Fiquei me perguntando se devia ligar de novo ou não. Talvez ele tivesse esquecido que eu havia ligado. Eu sempre podia pegar o carro de Bethy emprestado para ir ao médico. Na segunda-feira, quando falei sobre a consulta, ele parecia empolgado com a ideia de ir junto. Eu não podia simplesmente excluí-lo.

Liguei mais uma vez. O telefone tocou quatro vezes.

– O que foi? – A voz de Nan me assustou.

Ele estava na casa da Nan?

– É, hum... – Eu não sabia o que dizer a ela. Não podia contar sobre a minha consulta. – Rush está aí? – perguntei, nervosa.

Nan deu uma risada seca.

– Inacreditável. Ele disse que ligaria de volta. Por que você não dá um espaço para ele? Rush não gosta de carência. Ele está visitando a família. Minha mãe e meu pai estão aqui e nós estamos nos aprontando para um almoço de família. Quando ele quiser conversar com você, ele liga – falou e desligou em seguida.

Afundi-me na cama. Ele ia ter um almoço de família com a irmã e a mãe dele e o meu pai. Tinha sido por isso que ele havia desligado o telefone na minha cara? Não queria que eu soubesse que estava com eles. O almoço de família deles vinha antes de mim e do bebê. Era o que eu esperava, mas ele vinha sendo tão doce e protetor. Eu estava sendo carente? Eu não era uma pessoa carente, mas havia me transformado em uma. Não havia?

Eu me levantei e deixei o telefone em cima da cama. Não o queria mais. A voz odiosa de Nan ao me dizer que eles estavam almoçando tinha me magoado. Peguei a bolsa. Podia muito bem ir caminhando até a administração para pegar o carro da Bethy emprestado.

Estava suando quando cheguei aos escritórios. Definitivamente não estaria com boa aparência na consulta. Mas isso não tinha importância. Era o menor dos meus problemas. Subi a escada da entrada e encontrei Darla saindo.

– Você não trabalha hoje – disse ela ao me ver.

– Eu sei. Preciso pegar o carro da Bethy emprestado. Tenho uma consulta médica em Destin que eu... havia esquecido.

Eu detestava mentir, mas não suportaria contar a verdade.

Darla me avaliou por um instante, enfiou a mão no bolso da calça e tirou a chave.

– Leve o meu. Vou ficar aqui o dia todo. Não preciso dele.

Quis abraçá-la, mas me contive. Não sabia ao certo se ela ficaria confortável com esse tipo de reação a uma simples consulta médica.

– Muito obrigada. Vou abastecê-lo – garanti.

Ela fez um aceno com a mão para que eu saísse. Desci a escada da entrada rapidamente e entrei no Cadillac dela para seguir até Destin.



O trânsito não estava ruim. Eu só precisei esperar quinze minutos até que me chamassem para a sala de exames. A enfermeira era toda sorrisos para mim.

– Como você só está com dez semanas, para ouvir o coração do bebê vamos precisar fazer um ultrassom. Você vai ouvir as batidas do coração e ver um pouco do bebê lá dentro.

Eu ia ver o meu bebê e ouvir o seu coração batendo. Aquilo era real. Nas poucas vezes em que havia imaginado esse dia, eu não estava sozinha. Sempre imaginei que alguém estaria comigo. E

se não encontrassem o coração batendo? E se houver alguma coisa errada? Eu não queria estar sozinha para isso.

O médico entrou com um sorriso reconfortante no rosto.

– Você parece apavorada. Este é um momento feliz. Todos os seus sinais vitais estão bons. Não precisa ficar tão nervosa. Agora, deite-se.

Fiz como ele me instruiu e a enfermeira apoiou as minhas pernas nos estribos da mesa.

– Você ainda não tem tempo de gravidez suficiente para fazermos o exame externamente e conseguirmos ver ou ouvir o bebê. Precisamos fazer um ultrassom transvaginal. Não dói. Você só vai sentir uma pequena pressão do aparelho, só isso – explicou a enfermeira.

Não olhei para eles. A ideia de ele enfiar um aparelho dentro de mim só piorou a situação. Fiquei focada na tela.

– Muito bem, lá vamos nós. Calma, fique parada – instruiu o médico.

Fiquei olhando para a tela em preto e branco, esperando pacientemente por alguma coisa que se parecesse com um bebê. Um pequeno som de batidas encheu o ambiente e tive a sensação de que o meu coração havia parado.

– Isso é...? – perguntei, subitamente sem conseguir dizer mais nada.

– É, sim. A batida está certinha também. Forte e ritmada – respondeu o médico.

Fiquei olhando fixamente para a tela, e a enfermeira apontou para o que se parecia com uma pequena ervilha.

– Ali está ele ou ela. Tamanho perfeito para dez semanas.

Eu não conseguia engolir com o nó que tinha na garganta. Lágrimas rolaram pelo meu rosto, mas eu não me importei. Simplesmente fiquei lá paralisada, olhando para o minúsculo milagre na tela enquanto a batida do seu coração preenchia a sala.

– Você e o bebê estão muito bem – disse o médico ao tirar lentamente o instrumento de dentro de mim.

A enfermeira me ajudou a me levantar.

– Um pouco de corrimento manchado de sangue é perfeitamente normal depois deste procedimento, então, não se assuste – avisou o médico, levantando-se e indo até a pia para lavar as mãos. – Continue tomando as vitaminas pré-natal e volte em quatro semanas.

Assenti. Ainda estava estupefata.

– Aqui está – disse a enfermeira, entregando fotinhos do meu ultrassom.

– São minhas? – perguntei, olhando para as imagens do meu bebê.

– Claro – respondeu ela em um tom divertido.

– Obrigada – falei, olhando em cada uma delas para a pequena ervilha que eu sabia que estava viva dentro de mim.

– De nada. – Ela deu um tapinha no meu joelho. – Você pode se vestir agora. Está tudo ótimo.

Assenti e sequei mais uma lágrima que rolava pelo meu rosto.

RUSH

– Onde ela está, Bethy? – perguntei, saindo do quarto de Blaire com o celular dela na mão. – Ela deixou o telefone aqui.

Bethy fez uma careta para mim e bateu a porta do armário da cozinha.

– O fato de você não saber onde ela está só me faz odiá-lo ainda mais.

Qual era o problema dela? Eu tivera um dia infernal. Ter dito para a minha mãe que ela precisava encontrar outra casa para morar e depois que ia pedir a Blaire em casamento fez todo mundo pirar. Bem, nem todo mundo. O pai da Blaire pareceu tranquilo em relação a tudo. Nan e a minha mãe enlouqueceram. Passamos várias horas gritando uns com os outros e fiz ameaças que pretendia manter. Nan deveria ir embora para a faculdade na segunda-feira. Ficaria fora até as férias de inverno e eu tinha certeza de que ela iria para Vail com os amigos. Era o que fazia todos os anos. Eu normalmente ia também, mas não desta vez.

– Passei as últimas quatro horas aturando a minha mãe e a minha irmã. Botar Georgianna para fora de casa e dizer a ela e a Nan que pretendia me casar com Blaire em casamento não foi uma briga fácil. Então, me perdoe se preciso de ajuda para me lembrar de onde a Blaire está!

Bethy bateu com a garrafa d'água no bar e sua expressão de raiva ficou mais parecida com um ar de desagrado. Pensei que fosse ficar feliz depois que soubesse que eu ia pedir Blaire em casamento. Pelo jeito, não.

– Espero que você não tenha comprado um anel. – Foi a única resposta dela.

Estava cansado daqueles joguinhos.

– Onde ela está? – rugi.

Bethy espalmou as duas mãos em cima do bar e se inclinou para a frente fazendo uma cara furiosa que eu não sabia que ela era capaz de fazer.

– Vá. Para. O. Inferno.

Porra. O que eu tinha feito?

A porta se abriu e Blaire entrou sorrindo, até o seu olhar cruzar com o meu.

Então o sorriso dela estremeceu. Ela estava com raiva de mim também. Isso não era nada bom.

– Blaire – falei, indo na direção dela.

– Não – disse ela, recuando e levantando as duas mãos para me impedir de me aproximar mais.

Ela segurava alguma coisa. Pareciam fotos. Por que ela estava segurando fotos? Era alguma coisa do meu passado? Ela estava furiosa por causa de alguma garota com quem eu havia ficado uma vez?

– Isso é o que eu estou pensando? – perguntou Bethy, me empurrando para fora do caminho e correndo para Blaire.

Blaire fez que sim e entregou as fotos a ela. Bethy tapou a boca.

– Ah, meu Deus. Você ouviu o coração batendo?

Ao escutar as palavras “coração batendo”, tive a sensação de que meu peito estava sendo rasgado ao meio.

Entendi tudo. Era quinta-feira. O dia da consulta de Blaire. Ela tinha me ligado para lembrar e eu desligara na cara dela.

– Blaire, que merda, gata, sinto muito. Eu estava com a minha...

– Sua família, eu sei. Nan me disse quando liguei de novo. Não quero ouvir as suas desculpas. Só quero que vá embora. – A voz dela estava indiferente, sem qualquer emoção.

Ela voltou a prestar atenção às imagens e apontou para alguma coisa.

– Bem ali. Acredita que está dentro de mim?

Bethy voltou a expressão furiosa para a imagem e o seu rosto foi tocado por um sorriso suave.

– Que incrível.

As duas estavam ali paradas olhando para as imagens do meu bebê. Blaire havia escutado as batidas do coração dele hoje. Sozinha. Sem mim.

– Posso ver? – perguntei, com medo de que ela me dissesse não ou, pior, me ignorasse.

Em vez disso, ela tirou as fotos da mão de Bethy e as passou para mim.

– Esta coisinha que parece uma ervilha. É... o nosso bebê.

Estava relutante em chamá-lo de *nosso* bebê. Eu não podia culpá-la.

– O coração dele estava bem? Quero dizer, batia direitinho e tudo? – perguntei, olhando para a imagem na minha mão.

– Sim. Disseram que está tudo bem – respondeu ela. – Se quiser, pode ficar com esta. Tenho três. Mas gostaria que você fosse embora agora.

Eu não iria embora. Nem Bethy montando guarda me impediria de ficar. Eu diria tudo na frente dela, se fosse preciso, mas me recusava a sair daquele apartamento.

– Minha mãe e o seu pai apareceram hoje sem avisar. Nan vai voltar para a faculdade na segunda-feira. Minha mãe achou que eu também iria embora e voltou para passar o resto do ano na casa. Eu lhe informei que não vou a lugar algum e que ela precisava encontrar outro lugar para morar. Também falei a eles que iria ficar até você decidir para onde gostaria que nos mudássemos. Que pretendia pedir você em casamento. – Fiz uma pausa e vi o rosto dela ficar pálido. Não era a reação que eu esperava. – As coisas não saíram muito bem. Houve gritaria. Horas de berros e ameaças. Quando você me ligou, eu tinha acabado de anunciar aos três que vou me casar com você. Estava tudo uma loucura. Eu ia ligar de volta assim que minha mãe e Abe estivessem no carro, saindo da cidade. Não queria que você tivesse que encarar nenhum deles. Mas a minha mãe não se entrega facilmente. Nan arrumou todas as coisas dela e foi para a faculdade hoje à noite. Está se recusando a falar comigo. – Parei e respirei fundo. – Nunca vou conseguir lhe dizer quanto eu sinto pelo que aconteceu. O fato de eu ter me esquecido da consulta de hoje é imperdoável. Continuo tendo que me desculpar com você. Queria conseguir parar de estragar tudo.

– Você não ia almoçar com a sua família? – perguntou ela.

– Minha família? O quê? Não!

A tensão no corpo dela cedeu um pouco.

– Ah... – disse ela em um suspiro.

– Por que você achou que eu estava almoçando com eles? Eu não desligaria o telefone na sua cara para ficar com eles.

– Nan – respondeu ela com um sorriso triste.

– Nan? Quando foi que você falou com ela? Passei a manhã toda com a Nan.

– Quando liguei de novo para você. Nan atendeu e disse que você não tinha tempo para mim porque ia almoçar com a sua família.

Era bom que minha irmã estivesse mesmo a caminho da Costa Leste, porque eu a enforcaria se pusesse as mãos nela.

– Você foi à consulta achando que eu havia trocado você e o nosso bebê por eles? Puta que pariu! – Passei por Bethy e puxei Blaire para os meus braços. – Você é a minha família, Blaire. Você e esse bebê. Está me entendendo? Jamais vou me perdoar pelo que perdi hoje. Eu queria estar lá para ouvir o coração batendo. Queria estar segurando a sua mão quando você o viu pela primeira vez.

Blaire jogou a cabeça para trás e sorriu para mim.

– Sabe, pode ser uma menina.

– É. Eu sei.

– Então pare de chamar o nosso bebê de “ele” – respondeu ela.

Eu estava chamando o bebê de ele. Sorrindo, beijei a testa de Blaire.

– Podemos ir para o seu quarto para você me contar da consulta? Eu quero saber de tudo.

Ela assentiu e olhou para Bethy.

– Você vai continuar fazendo cara feia para ele ou vai perdoá-lo?

Bethy deu de ombros.

– Ainda não sei.

BLAIRE

As aulas recomeçaram e os veranistas foram embora. O clube tinha muito menos movimento e, por conta disso, as gorjetas estavam em baixa. A coisa mais importante era que Rush não havia mais falado no pedido de casamento desde a noite em que me contara o que tinha dito à mãe e à irmã dele e ao meu pai. Ele nunca mais sequer falou neles. Às vezes, eu me perguntava se ele tinha mudado de ideia ou se eu havia imaginado tudo.

Se não fosse Bethy me perguntar todas as semanas se Rush havia tocado no assunto de novo, eu acharia que aquilo era fruto da minha imaginação. Toda vez que eu respondia que não, ela ficava mais e mais agitada. Sem falar que o meu coração doía um pouquinho mais. Temia que ele tivesse pensado melhor e decidido que era um erro. Antes de ele ter mencionado o assunto naquela noite, eu nem sequer me permitia acreditar que ele pudesse querer se casar comigo. Imaginava que criaríamos o bebê com duas casas diferentes. Não me permitia pensar no futuro com ele. Não era algo por que eu queria esperar.

Minhas horas estavam diminuindo por conta da queda do movimento e comecei a me perguntar se eu precisava arrumar um segundo emprego. Não havia muita coisa para escolher por aqui. Também era bem provável que Rush não fosse aceitar a ideia muito bem.

Quando entrei no meu quarto, duas coisas me chamaram a atenção. Havia pétalas de rosas em cima da cama e, no centro delas, um envelope com o meu nome escrito cuidadosamente na frente. Peguei o envelope e o abri. O papel tinha uma textura sofisticada e o sobrenome Finlay gravado em alto relevo na parte de cima.

Blair, me encontre na praia.

Com amor,

Rush

A caligrafia estranhamente perfeita dele me fez sorrir. Fui até o meu armário e peguei um vestido leve branco com duas listras pretas. Se ele tinha planejado alguma coisa romântica na praia, eu não ia aparecer usando as roupas de trabalho.

Depois de escovar os cabelos e retocar a maquiagem, saí pelas portas francesas que davam para o golfo e desci até a praia. Rush estava vestindo um short cáqui e uma camisa de botão. Fiquei feliz por ter trocado de roupa. Ele estava de costas para mim com as mãos nos bolsos, olhando para a água. Queria parar e admirar aquela cena, mas também estava ansiosa para vê-lo. Ele havia saído na hora em que eu acordei naquela manhã.

Desci da trilha e pus o pé na areia. Exceto por nós dois, o lugar estava absolutamente deserto. Embora não houvesse mais quase ninguém na cidade, ainda fazia sol e calor de 31 graus. Olhei para baixo e percebi alguma coisa na areia. Havia algo escrito, com um pedaço de madeira

atirado ao lado.

Parei e li em voz alta: “Blair Wynn, quer se casar comigo?” Enquanto eu refletia sobre as palavras, Rush passou por cima delas e se ajoelhou na minha frente.

Tinha na mão uma caixinha que abriu lentamente, deixando um anel de diamante cintilar à luz do sol poente. A pedra pareceu ganhar vida. Estava acontecendo. Eu queria aquilo? Sim. Eu confiava nele? Sim.

Ele estava pronto? Eu não tinha certeza. Não queria que ele estivesse fazendo aquilo por se sentir pressionado. Seria fácil estender a mão e pôr o anel no dedo. Mas era o que Rush realmente queria?

– Você não precisa fazer isso – obriguei-me a dizer olhando para ele.

Ele não falava com a irmã ou a mãe havia semanas. Por mais que não gostasse delas... não, por mais que as detestasse, não queria ser o que ficaria entre ele e a família dele.

– Não, eu não preciso fazer nada. Mas quero passar o resto da minha vida com você. E com ninguém mais.

Ele disse as palavras certas. Mas eu ainda tinha a impressão de que alguma coisa estava errada. Ele não podia querer aquilo de verdade. Era jovem, rico e maravilhoso. Eu não tinha nada a oferecer a ele. Eu o prenderia, mudaria o seu mundo.

– Não posso fazer isso com você. Não posso atrapalhar o seu futuro. Você pode fazer qualquer coisa. Prometi que deixaria você fazer parte da vida do nosso bebê. Isso não vai mudar quando achar que está pronto para ir embora. Sempre vou deixar você participar.

– Não diga mais nada. Eu juro, Blair, que falta muito pouco para eu atirar você no mar. – Ele se levantou e olhou fixamente para mim. – Nenhum homem jamais amou uma mulher tanto quanto amo você. Nada está antes de você. Eu não sei o que mais preciso fazer para provar que não vou decepcioná-la de novo. Não vou magoá-la. Você não tem mais que ficar sozinha. Eu preciso de você.

Talvez aquilo não fosse certo e eu estivesse cometendo um erro, mas o que ele disse tocou em pontos do meu coração que ele, de alguma maneira, ainda não havia conseguido tocar até aquele momento. Tirei a caixinha da mão dele e peguei o anel.

– É lindo – falei. Porque era. Não era exagerado ou grande demais. Era perfeitamente simples.

– Nada menos do que isso mereceria o seu dedo – respondeu ele, tirando o anel da minha mão.

Então ele voltou a se ajoelhar e olhou nos meus olhos.

– Por favor, Blair Wynn, você quer ser minha esposa?

Eu queria aquilo. Eu o queria.

– Sim – respondi.

Ele pôs o anel no meu dedo.

– Graças a Deus – sussurrou, então se levantou de novo e tomou minha boca num beijo faminto.

Aquilo era real, e talvez não fosse durar para sempre, mas, por ora, era meu. Eu encontraria uma forma de deixá-lo ir embora se ele quisesse. Mas eu o amava. Isso nunca iria mudar.

– Vá morar comigo – implorou.

– Não posso. Preciso pagar metade do aluguel – lembrei a ele.
– Eu paguei todo o aluguel por um ano. Cada centavo que você deu a Woods foi para uma poupança com o seu nome. A mesma coisa aconteceu com o dinheiro de Bethy. Agora, por favor, vá morar comigo.

Queria ficar brava com ele, mas não consegui. Dei outro beijo nos seus lábios e concordei com a cabeça.

– E, por favor, pare de trabalhar – acrescentou.
– Não – respondi. Eu não ia fazer isso.
– Você é minha noiva agora. Vai ser minha mulher. Por que quer trabalhar em um clube? Não quer fazer outra coisa? Que tal ir para a faculdade? Não quer estudar? Tem alguma coisa em que queira se formar? Não estou tentando tirar suas escolhas. Só quero lhe dar mais alternativas.

Eu ia ser a mulher dele. A ficha começou a cair quando o fitei. Eu não precisaria desistir da faculdade como havia feito com a escola. Eu poderia me formar e ter uma profissão.

– Eu quero isso. Só... só me deixe absorver tudo. Muita coisa acontecendo rápido demais – falei, passando os braços ao redor dele.

RUSH

Blaire estava determinada a trabalhar as duas semanas de aviso prévio para Woods. Eu não ia discutir. Ela tinha concordado com tudo o que eu havia pedido. Não ia forçar a minha sorte. Sentei à mesa com o meu notebook e uma xícara de café e fiquei esperando a hora de ela sair.

Woods parou para conversar comigo por alguns minutos, mas, fora isso, a noite estava tranquila. Quase todo mundo tinha deixado a cidade. Jace continuava por perto por causa de Bethy, mas eu não sabia se ele ia aguentar por muito mais tempo. Pude perceber a expressão ansiosa em seus olhos outro dia, enquanto jogávamos uma rodada de golfe. Ele não estava acostumado a ficar na cidade muito além do verão.

– Este lugar está ocupado?

Ergui o olhar e vi Meg sentando-se à minha frente. Eu não a encontrava desde o torneio de golfe. Olhei para trás e vi Blaire enchendo o copo d'água de alguém, mas com os olhos em mim.

– Está, sim – respondi, sem olhar para Meg.

– Eu sei que você está noivo da loura. Todo mundo sabe. Não estou aqui para dar em cima de você.

Blaire sorriu para mim e voltou para a cozinha. Merda. O que aquele sorriso queria dizer?

– Ela está com um lindo diamante no dedo. Não tem nada com que se preocupar e sabe disso. Acalme-se, você está pirando por nada.

Desviei a atenção para Meg.

– Ela sabe que você foi a minha primeira mulher. Isso a incomoda.

Meg riu.

– Posso garantir que as lembranças que tenho da nossa experiência e a realidade que ela está vivendo são completamente diferentes. Eu peguei o virgem cheio de tesão. Ela tem o profissional experiente.

Olhei de novo para ver se Blaire tinha voltado. Não queria que ela ouvisse aquela conversa.

– Sente-se em outro lugar. Ela anda muito emotiva. Não quero que se aborreça.

Ninguém sabia ainda que ela estava grávida. Eu estava deixando Blaire decidir quando contar às pessoas.

– Ela não é feita de vidro, Rush. Não vai quebrar. Ela sabe que você a trata feito uma boneca?

– Sim, eu sei. Estamos trabalhando nisso – respondeu Blaire, aproximando-se da mesa e servindo mais café na minha xícara. – Acho que não fomos apresentadas oficialmente. Sou Blaire Wynn.

Meg olhou assustada para mim e voltou-se para Blaire.

– Meg Carter.

– É um prazer conhecê-la, Meg. Quer beber alguma coisa?

Não era o que eu estava esperando. Não que não tivesse gostado, porque gostei. Significava que eu a estava fazendo se sentir mais segura em relação a mim.

– Se eu pedir uma Coca Diet, ele vai bater em mim? – perguntou Meg.

Blaire riu e balançou a cabeça.

– Não. Ele vai se comportar. Prometo. – Então olhou para mim. – Está com fome?

– Estou bem – garanti a ela.

Blaire assentiu e voltou para a cozinha.

– Nossa, ela é muito gostosa. Rush, acho que estou um pouquinho apaixonada por ela. Se alguém vai amarrá-lo para sempre, é melhor que seja um pacote completo.

Sorri e tomei um gole do meu café. Dei mais uma espiada para a porta, esperando que Blaire voltasse. Mal podia esperar para levar aquela bundinha sexy para casa.

♦♦♦

Blaire passou toda a viagem de volta para casa se inclinando por cima do banco, beijando o meu pescoço e mordiscando a minha orelha. Estava muito difícil manter a concentração ao volante.

– Estou a ponto de parar no acostamento para comer a minha noiva gostosa se ela não parar – avisei, dando uma mordiscadinha no seu lábio inferior quando ela me beijou perto demais da boca.

– Isso parece mais uma promessa do que uma ameaça – provocou, deslizando a mão para o meio das minhas pernas e segurando a minha ereção.

– Porra, gata, você está me deixando doido – resmunguei, apertando a sua mão.

– Se eu chupar o seu pau, você consegue manter a concentração e dirigir? – perguntou ela, enquanto desabotoava minha calça jeans.

– É muito provável que eu enfie o carro em uma palmeira, mas no momento não dou a mínima – respondi quando ela enfiou a mão na parte da frente da minha cueca.

Por sorte, não precisaríamos descobrir. Parei na entrada da casa e larguei o carro de qualquer jeito. Quando Blaire abriu minha calça, meu celular tocou pela terceira vez. Eu o tinha deixado apenas no modo vibratório, para que não nos perturbasse. Minha mãe havia me ligado mais cedo enquanto eu esperava Blaire e não estava a fim de atendê-la. No instante em que parou, recomeçou. Droga.

Ou desligava o celular ou teria que enfrentá-la. Como Blaire estava com o meu pau na mão, a ideia de desligar parecia muito melhor. Olhei para baixo e vi um número de fora na tela. O código de área era conhecido, mas não sabia quem estava me ligando.

– O que houve? – perguntou Blaire.

– Não sei, mas é alguém muito determinado.

Blaire parou de me tocar.

– Atenda. Vou me comportar por alguns minutos.

Atendi. Precisava me livrar de quem quer que fosse e levar minha garota para dentro de casa. Mas antes que eu pudesse dizer alô, minha mãe começou a falar e o meu mundo foi arrancado de

baixo dos meus pés.

BLAIRE

O rosto de Rush ficou pálido. Peguei sua mão, mas ele não reagia. Ficou ali sentado, escutando a pessoa do outro lado da linha, sem falar nada. Quanto mais a pessoa falava, mais branco ele ficava. Meu coração estava disparado. Alguma coisa terrível havia acontecido. Fiquei esperando que ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa.

– Estou a caminho – falou com uma voz indiferente antes de largar o telefone no colo e tirar a sua mão da minha para segurar o volante.

– O que houve, Rush? – perguntei, mais assustada do que nunca.

– Entre, Blaire. Eu tenho que ir. Nan sofreu um acidente. Um maldito veleiro. – Ele fechou os olhos e resmungou um palavrão. – Preciso que você saia do carro e entre. Ligo para você quando puder, mas agora tenho que ir.

– Ela se machucou? Posso ir com você?

– *Não!* – rugiu ele, o olhar ainda fixo à frente. – Você não pode ir comigo. Por que me perguntou isso? Minha irmã está na UTI, inconsciente. Tenho que ir até ela e preciso que você saia do carro.

Ele estava sofrendo e assustado. Compreendi isso, mas queria estar ao seu lado. Eu o amava e não queria que sofresse sozinho.

– Rush, por favor, me deixe ir com você...

– *Saia do carro!* – gritou ele, tão alto que os meus ouvidos doeram.

Tatei em busca da maçaneta e peguei minha bolsa.

Ele ligou o motor e continuou olhando para a frente. Segurava o volante com tanta força que os nós dos seus dedos estavam tão brancos quanto o seu rosto. Eu queria dizer mais alguma coisa, mas ele estava muito perturbado e fiquei com medo do que pudesse fazer. Ele não queria me ouvir ou olhar para mim.

Eu não queria chorar na frente dele. Ele não precisava disso naquele momento. Saí do carro o mais rápido que pude. Antes que eu tivesse fechado a porta, ele deu marcha à ré e saiu em disparada. Fiquei ali, imóvel, vendo-o ir embora. Eu não podia ajudá-lo. Não era bem-vinda.

As lágrimas corriam pelo meu rosto. Ele estava sofrendo. Eu estava sofrendo por ele. Assim que chegasse lá e a visse, ele me ligaria. Eu precisava acreditar nisso. Queria telefonar para ele e obrigá-lo a conversar, mas os meus ouvidos ainda estavam zumbindo e o meu coração ainda doía pelo que ele dissera.

Por fim, caminhei em direção à casa. Grande, extensa e sombria. Não havia nada de convidativo nela sem Rush. Não queria ficar ali sozinha, mas também não tinha um carro para ir ao apartamento de Bethy. Eu não deveria ter me mudado. Foi cedo demais. Tudo com Rush foi muito rápido e, agora, estava prestes a ser posto à prova. Eu não sabia ao certo se estava pronta

para o teste. Ainda não.

Eu não queria ligar para Bethy e dizer a ela que Rush tinha ido embora e que eu precisava de uma carona para o trabalho. Ela notaria alguma coisa errada e faria com que eu me sentisse ainda pior. Eu entendia o medo de Rush e a forma como ele havia reagido e saído, mas Bethy não entenderia. Pelo menos eu achava que não. Rush conseguira alguns pontos quando pusera o anel no meu dedo diante dos olhos dela e eu queria manter as coisas assim.

Abri a bolsa para pegar as chaves e me dei conta de que não estavam comigo. Rush tinha me levado para o trabalho. Não achei que fosse precisar delas. Olhando de novo para a casa escura, fiquei quase aliviada por não precisar passar a noite ali sozinha.

O clube ficava a menos de cinco quilômetros de distância. Eu poderia caminhar. Depois, o apartamento de Bethy ficava bem pertinho. A brisa noturna havia refrescado o clima e não estava tão quente. Pus a bolsa no ombro e comecei a percorrer a entrada da garagem a caminho da rua. Levei mais ou menos uma hora e quinze minutos para chegar à casa de Bethy. Seu carro, no entanto, não estava no estacionamento. Havia uma boa chance de ela estar na casa do Jace. Acho que eu deveria ter pensado nisso. Parei em frente à porta do apartamento. Não tinha mais pique para percorrer o caminho de volta. Minha teimosia em não pedir carona estava cobrando o seu preço.

Eu me abaixei e levantei o capacho. Encontrei a chave reserva na laje de cimento, de volta ao seu lugar. Ela só parou de escondê-la ali porque eu havia pedido, mas o hábito retornara. E se mostrara extremamente útil. Duvidava que ela fosse voltar para casa até o dia seguinte, de qualquer maneira. Não precisaria dizer nada a ela sobre essa noite.

Levei a chave para dentro do apartamento comigo e segui para o banheiro, a fim de tomar uma ducha. Rush havia insistido em que Bethy ficasse com a cama que ele tinha comprado em vez de levá-la na mudança.

Outra coisa pela qual podia agradecer naquela noite.



Consegui ir para o trabalho sem que Bethy descobrisse que eu precisara passar a noite na casa dela. Não que eu achasse que ela fosse se importar, mas não estava pronta para responder as suas perguntas ou ouvir suas opiniões.

Depois de pegar um uniforme limpo no almoxarifado, fui para a cozinha. Pouco antes de chegar à porta, Woods saiu e me parou.

– Eu estava procurando você – disse ele, fazendo em gesto com a cabeça na direção do corredor que levava à sala dele. – Precisamos conversar.

Ele devia saber sobre Nan. Tinha certeza de que todo mundo no círculo deles sabia àquela altura. Ele ia me perguntar a respeito dela? Sinceramente, esperava que não. Admitir que eu não sabia de nada faria parecer que eu não me importava. Rush achava que eu não me importava? Era responsabilidade minha ligar para ele? Era ele quem estava sofrendo. Sua reação na noite anterior me assustara, mas, se ele precisava de mim, eu tinha que superar aquilo.

– Você dormiu um pouco, pelo menos? – perguntou Woods, olhando para mim.

Respondi que sim. Eu não tinha dormido muito bem, mas conseguiria dormir um pouco. A caminhada de quase cinco quilômetros havia me exaurido a ponto de eu não conseguir manter os olhos abertos depois de me deitar.

Woods abriu a porta da sala dele e a segurou para que eu passasse. Entrei e fui até o lado das cadeiras que ficavam em frente à mesa. Ele ficou sentado na borda, com os braços cruzados.

Franziu a testa enquanto me analisava. Eu estava começando a me perguntar se aquilo seria a respeito de alguma outra coisa. Pensei que fosse sobre Nan, mas talvez não fosse. Será que eu tinha feito alguma coisa errada?

– Recebi uma ligação do Grant hoje de manhã. Ele está no hospital e preocupado com você. Disse que Rush apareceu lá no meio da noite, furioso. Considerando que, pela primeira vez na vida, Nan e Rush não estão se falando e agora ela está nessas condições, ele não está encarando a situação muito bem. Grant ficou preocupado sobre como ele havia deixado você e se estava tudo bem.

Senti uma dor no coração. Detestava saber que Rush estava sofrendo e eu não podia ajudá-lo. Ele não me ligou e isso só me levava a crer que não queria falar comigo. Eu era o motivo de seu afastamento de Nan. Eu era o motivo de ele não estar falando com a irmã havia semanas. Era por minha causa que ele estava passando por aquilo. Senti os meus olhos se encherem de lágrimas. Por mais que não quisesse admitir, eu era o motivo pelo qual tudo aquilo era ainda mais difícil para Rush. Se eu não tivesse provocado a briga deles, ele não estaria vivendo com a culpa que eu sabia que o dominava naquele momento.

Era por isso que Rush e eu jamais daríamos certo. Foi muito bom fingir que o conto de fadas era real, mas vínhamos mentindo um para o outro. Nós estávamos contando as horas até o inevitável momento em que descobriríamos que eu não me encaixava no seu mundo e tudo acabaria. Ele precisava da família agora. Eu não era a família dele. Não era sequer aceita pela família dele. Como eu me encaixava naquilo?

– Eu... eu não sei o que fazer – falei com a voz embargada, detestando o fato de que Woods me veria chorar. Não queria que ele me visse chorar. Não queria que ninguém visse.

– Ele ama você – disse Woods suavemente.

Eu nem sequer sabia se ele acreditava nessas palavras. Não agora. Talvez Rush pensasse que me amava, mas como poderia? Eu havia feito com que ele virasse as costas para Nan, e agora ele poderia perdê-la.

– Ama mesmo? – Era uma pergunta que eu precisava fazer a mim mesma, não a Woods.

– Sim. Nunca o vi tratar alguém como trata você. Agora... nos próximos dias ou semanas que isso durar, talvez não vá parecer. Mas ele ama você. Não estou dizendo isso para defendê-lo. Rush é um idiota e eu não devo nada a ele. Estou dizendo isso por você. É a verdade e sei que você precisa ouvi-la neste momento.

Eu não precisava ouvir aquilo. O que eu precisava era pensar com clareza e decidir o que era melhor para mim e para o meu bebê. Será que eu poderia trazer uma criança para uma família que talvez nunca fosse aceitá-la? Se eu nunca me encaixei, como meu filho se encaixaria?

– Eu não vou forçá-la a acreditar nisso. Mas, se precisar de alguma coisa, estou aqui. Sei que Rush tem uma garagem cheia de carros, mas fale comigo se precisar de uma carona para o médico ou o supermercado. Qualquer coisa, me ligue.

Minha próxima consulta seria em cinco dias. Como eu entraria em casa? Rush nunca me mostrou onde ficavam as chaves do carro nem me dera permissão para dirigi-los.

– Estou trancada ao lado de fora. Ele achou que eu estivesse com a minha chave quando me deixou.

– Onde você passou a noite? – perguntou ele, soltando as mãos da frente do peito e ficando de pé.

Parecia irritado. Não quis deixá-lo bravo. Só estava informando um problema. Todas as minhas roupas estavam na casa de Rush.

– Na Bethy.

– Como foi até lá?

– Andando.

– Merda! Blaire, são quase cinco quilômetros! Estava escuro ontem à noite quando Rush saiu. Você tem um telefone agora, use-o. – Ele estava berrando.

– Eu queria caminhar. Precisava caminhar. Não grite comigo! – Levantei a voz e olhei furiosa para ele.

A tensão nos ombros de Woods diminuiu e ele suspirou.

– Desculpe-me. Eu não deveria ter falado com você assim. Mas você tem uma determinação absurda de ser independente. Quero deixar isto bem claro: ligue para mim se precisar de uma carona. Gosto de pensar que somos amigos. Eu ajudo os meus amigos.

Eu precisava de amigos.

– Também gosto de pensar que somos amigos.

Ele assentiu.

– Ótimo. Mas, como seu chefe, não vou deixá-la trabalhar hoje. Você estará na casa de Rush em uma hora. Eu levo você.

Antes que eu pudesse perguntar como, ele estava com o telefone na orelha.

– Estou com ela aqui na minha sala. Ela está trancada fora de casa. – Woods fez uma pausa. – Nem me fale. Foi andando até a casa de Bethy ontem à noite. Eu a levo até lá se você pedir para a faxineira abrir a porta. – Fez mais uma pausa. – Sem problemas. Fico feliz em ajudar. Por favor, me mantenha informado, estou pensando em vocês todos. – Woods desligou e olhou para mim. – Grant vai dizer para a faxineira abrir. Pegue alguma coisa para comer na cozinha e nós podemos sair. Ele disse para esperarmos uns vinte minutos.

Eu não estava com fome, mas concordei.

– Está bem. – Comecei a caminhar na direção da porta, então parei e me virei para ele. – Obrigada.

Woods piscou para mim.

– É um prazer.

RUSH

Não consegui fechar os olhos. Fiquei sentado na poltrona de couro ao lado da cama de hospital olhando fixamente para a minha irmãzinha. Ela ainda estava de olhos fechados. Os monitores piscavam e apitavam, indicando que ela estava viva. Seu corpo parado na cama, a gaze enrolada na cabeça e as agulhas enfiadas nos braços me davam a sensação de que ela não estava mais ali. As últimas palavras que eu lhe dissera tinham sido duras. Pareciam cruéis agora. Eu só queria que ela crescesse. Talvez isso nunca fosse acontecer.

A raiva que eu sentia quando cheguei foi arrancada de mim assim que pus os olhos nela. Vê-la tão machucada e indefesa estava me matando. Eu não conseguia comer ou dormir. Precisava apenas que ela abrisse os olhos. Precisava dizer a ela que a amava e que sentia muito. Havia prometido que ela sempre teria a mim. Não importava o que acontecesse. Então tirei isso dela. Porque ela não aceitara Blaire.

Meu estômago embrulhou ao pensar em como eu havia deixado Blaire. Ela estava com os olhos arregalados, apavorada. Eu conseguia lidar com o fato de tê-la deixado de um jeito todo errado, mas também teria ficado apavorado. Não podia ligar para ela ainda. Não enquanto Nan estivesse assim. Pus Blaire antes de Nan e foi isso que aconteceu. Desta vez, Nan precisava estar em primeiro lugar. Se ela soubesse que eu estava ali esperando por ela, abriria os olhos. Eu tinha certeza disso.

A porta se abriu e Grant entrou no quarto. Seus olhos se voltaram imediatamente para Nan. A dor refletida neles não me surpreendeu. Embora agisse como se não gostasse dela, eu sabia que Grant tinha algum afeto por Nan. Ela era a garotinha carente que era impossível não amar quando éramos crianças. Esse tipo de laço é impossível de romper.

– Acabei de falar com Woods. Blaire está bem. Ficou trancada do lado de fora da casa ontem, mas passou a noite na Bethy. Liguei para a Henrietta, que vai abrir a casa para ela – disse Grant, baixinho, como se fosse acordar Nan ou perturbá-la falando sobre Blaire.

Eu a havia deixado sozinha na porta de casa tarde da noite. Graças a Deus ela tinha um telefone. A ideia dela presa no escuro era mais do que eu poderia suportar agora.

– Ela está chateada?

O que eu realmente queria perguntar era se ela estava chateada comigo. Como poderia não estar chateada comigo? Eu saí correndo, gritei para ela sair do meu carro e a deixei sozinha. Quando minha mãe me contou o que havia acontecido com Nan, alguma coisa aconteceu dentro de mim e eu pirei.

– Woods disse que vai cuidar dela – Grant diminuiu o tom de voz.

Eu sabia o que ele estava pensando. Que deixar Woods cuidando de Blaire era perigoso. Ele era rico, bem-sucedido e a família dele não a odiava. E se ela se desse conta de que eu era uma perda

de tempo?

– Ela está grávida – contei a ele. Precisava contar a alguém.

– Ah, merda – resmungou ele, jogando-se na cadeira dura de plástico que ficava no canto do quarto. – Quando você descobriu?

– Ela me contou pouco depois de voltar.

Grant tapou a boca. Não era algo que ele esperaria escutar. Mas ele também não sabia que estávamos noivos. Já estava longe de Rosemary quando eu pedi a mão dela. Não tinha contado para ele ainda.

– Foi por isso que você a pediu em casamento.

Não foi exatamente uma pergunta, mas uma afirmação.

– Como soube disso?

Ele voltou os olhos para Nan.

– Nan me contou.

Ela precisava desabafar. O fato de ter escolhido Grant para fazer isso foi interessante. Normalmente, os dois estavam querendo comer o fígado um do outro. Quase nunca passavam bons momentos juntos.

– Ela não ficou nada feliz com isso.

– Não, não ficou mesmo – concordou ele.

Olhei para minha irmã e pedi a Deus que pudesse trocar de lugar com ela. Eu tinha resolvido as coisas para ela a vida inteira. E, agora, quando Nan mais precisava de mim, tudo o que eu podia fazer era ficar ali sentado olhando para ela inutilmente.

– Ela acha que você enlouqueceu. Se soubesse, acharia que você pediu Blaire em casamento só por causa do bebê.

– Eu não a pedi em casamento por causa do bebê, mas porque não consigo viver sem ela. Eu só queria que Nan entendesse isso. Passei toda a minha vida fazendo Nan feliz. Fazendo o possível para resolver os problemas dela. Eu fui mãe e pai dela. E agora que encontrei o que me faz feliz, ela não consegue aceitar. – Senti um nó na garganta. Eu não iria chorar. – Só quero que ela aceite que Blaire me faz feliz.

Grant soltou um suspiro profundo.

– Acho que com o tempo ela vai aceitar. Nan também quer que você seja feliz. Ela só acha que sabe o que é melhor para você. Exatamente como você acha que sabe o que é melhor para ela.

O tom da voz dele ao falar essa última parte foi estranho. Ele queria dizer alguma coisa com aquilo. Ou eu estava apenas exausto e precisava dormir um pouco.

– Espero que sim – respondi, então apoiei a cabeça de novo na poltrona e fechei os olhos. – Só preciso de um cochilo. Não posso continuar assim. Está tudo tão confuso...

As pernas da cadeira em que Grant estava sentado raspavam no chão quando ele se levantou. Fiquei ouvindo enquanto ele atravessava o quarto a caminho da porta.

– Veja como está a Blaire por mim. Por favor – pedi, abrindo os olhos para ter certeza de que ele ainda estava lá e havia me escutado.

– Pode deixar – garantiu-me antes de sair.



Dois dias depois, ainda não havia qualquer sinal de melhora. Nan não acordava. Eu só me levantava para comer, tomar banho e trocar de roupa, isso porque minha mãe insistia. Não conseguia lidar com ela e me preocupar com Nan. Fazia o que ela pedia para que calasse a boca.

Grant passava a maior parte do dia comigo. Não conversávamos muito, mas ter alguém por perto ajudava. Minha mãe dizia que não podia suportar a situação e ficava no hotel quase o tempo todo. De vez em quando, Abe aparecia para ver como ela estava, mas eu não esperava muito dele. Ele também não se importava em saber como estava a filha que havia criado. Faltava-lhe um órgão vital: um coração.

– Falei com Blaire hoje – disse Grant, interrompendo o silêncio.

Simplesmente ouvir o nome dela me fez sofrer. Sentia falta dela. Eu a queria ali, mas isso incomodaria todo mundo. Precisava que Nan melhorasse. E, quando ela acordasse, não queria que Blaire estivesse ali. Isso apenas a perturbaria.

– Como ela estava? Com ódio de mim?

– Bem. Eu acho. Talvez triste. Ela está preocupada com você e com Nan. Pergunta sobre Nan antes de perguntar sobre você. Ela também... também perguntou se o pai dela estava bem. Não sei por que ela se importa, mas perguntou.

Porque Blaire se importa mais do que deveria com todo mundo. Comigo inclusive. Ela era boa demais para mim e eu continuava a magoando. Minha família não iria aceitá-la. O pai que a havia abandonado estava casado com minha mãe. Eu dei início a tudo isso com aquela maldita foto. Tudo o que fiz foi machucá-la.

– Ela tem uma consulta hoje. Woods disse que vai levá-la. Ela não sabe que eu sei sobre o bebê.

Mais uma consulta que eu iria perder. Por quanto tempo mais ela suportaria isso? Eu afirmei que ela e o bebê vinham em primeiro lugar, mas era a segunda vez que minha família se tornava prioridade durante uma consulta. E por que Woods iria levá-la?

– Por que Woods tem que levá-la? Há três carros na minha garagem.

Grant me deu um olhar irritado.

– É, tem mesmo. Mas como nunca lhe deu permissão de dirigir nenhum deles e nunca lhe disse onde encontrar as chaves, ela não toca neles. Woods tem sido o motorista dela a semana toda.

Caralho.

– Eu sei que você está sofrendo por causa da Nan. Ela é como se fosse sua filha. Você foi o único pai de verdade que ela teve. Mas se você não sair dessa e entrar em contato com a Blaire, não sei se ela e o seu bebê estarão por perto quando decidir voltar para casa. E eu certamente não quero a minha sobrinha ou sobrinho carregando o sobrenome Kerrington – disparou e saiu do quarto.

BLAIRE

Sentei-me na sala de espera e me esforcei para não olhar para as outras grávidas que também esperavam. A mulher na minha frente estava aconchegada ao marido. Não parava de sussurrar no ouvido dele, fazendo-o sorrir. A mão dele não saía da barriga dela. Aquele não era um sinal de posse, mas de proteção. Era como se ele estivesse protegendo a mulher e o filho com aquele simples gesto.

A outra estava com a gravidez muito mais avançada do que nós duas e o bebê se mexia. O marido estava com as duas mãos na barriga dela enquanto a olhava com espanto. Havia uma doce expressão de adoração em seu rosto. Eles estavam compartilhando um momento e simplesmente olhar na direção deles fez com que eu sentisse como se estivesse me intrometendo.

E havia eu. Com Woods. Eu disse que não precisava de companhia, mas ele fizera questão. Ele não iria entrar na sala de exames porque eu não permitiria que me visse quase nua em uma camisola de algodão fino.

Ele se serviu de um copo de café, mas, pelo jeito como tomou o primeiro gole, deduzi que fosse horrível. Eu sentia falta de café. Provavelmente acharia aquele café delicioso. Precisava comprar café descafeinado.

– Blaire Wynn. – A enfermeira chamou da porta que dava para as salas de exames.

Eu me levantei e sorri para Woods.

– Não devo demorar muito.

Ele deu de ombros.

– Não estou com pressa.

– Seu marido pode vir junto – falou a enfermeira, alegre.

Meu rosto ficou imediatamente quente. Sabia, sem precisar olhar, que estava com as bochechas vermelhas.

– Ele é só um amigo – corrigi.

Dessa vez, foi ela que ficou cor-de-rosa. Ela sem dúvida não havia lido a minha ficha para ver que eu era solteira.

– Sinto muito. Hum, ele pode vir também se quiser ouvir as batidas do coração.

Falei que não. Era pessoal demais. Woods era um amigo, mas eu não estava pronta para compartilhar algo tão importante com ele. Rush ainda não havia escutado as batidas do coração do bebê.

– Não, tudo bem.

Não olhei para Woods porque estava constrangida por nós dois. Ele estava apenas me ajudando. Ser rotulado como o pai do bebê não estava no pacote.

O exame não demorou muito. Dessa vez consegui ouvir o coração do bebê sem precisar de um objeto dentro de mim. O som foi tão alto e fofo como da última vez. A gravidez estava progredindo bem e fui liberada com uma nova consulta marcada para dali a quatro semanas.

Voltando para a sala de estar, encontrei Woods lendo uma revista sobre criação de filhos. Ele olhou para mim e riu timidamente.

– Não tem muita coisa para ler aqui.

Segurei o riso.

Ele se levantou e saímos da clínica. Quando entramos no carro, ele olhou para mim.

– Está com fome?

Na verdade, estava, mas quanto mais tempo eu passava ao lado de Woods, mais desconfortável me sentia. Não conseguia ignorar a sensação de que Rush não gostaria daquilo. Ele nunca gostava de me ver muito tempo perto de Woods. Embora eu precisasse da carona, estava começando a achar que era uma má ideia. Era melhor que ele simplesmente me levasse de volta para a casa de Rush.

– Estou mais cansada do que qualquer outra coisa. Você pode só me levar para casa? – perguntei.

– É claro – respondeu ele com um sorriso.

Era muito fácil lidar com Woods. Eu gostava disso. Não estava com ânimo para dificuldades.

– Você já conversou com Rush? – perguntou ele.

Não era algo que eu quisesse responder. Apenas neguei com a cabeça. Ele não precisava de uma explicação e, se precisasse, azar o dele, porque eu não tinha uma. Eu havia caído no choro e ligado para Rush duas noites antes, mas a ligação caíra direto na caixa postal. Deixei uma mensagem, mas ele não me ligou de volta. Comecei a me perguntar se ele não estava esperando que eu simplesmente tivesse sumido quando ele voltasse. Quanto tempo eu deveria ficar na casa dele?

– Ele não está conseguindo lidar bem com a situação, imagino. Em breve vai ligar para você – disse Woods.

Pelo tom de sua voz, percebi que nem ele acreditava no que estava dizendo. Era apenas para fazer com que eu me sentisse melhor. Fechei os olhos e fingi que estava dormindo, para que ele parasse de falar. Não queria conversar sobre aquilo. Não queria conversar sobre nada.

Woods ligou o rádio e percorremos em silêncio o caminho até Rosemary. Quando o carro parou, abri os olhos e vi a casa de Rush diante de mim. Eu estava de volta.

– Obrigada – falei, olhando para Woods.

Ele estava com uma expressão séria. Sabia que estava pensando em alguma coisa que não queria dividir comigo. Eu não precisava perguntar o que era. Ele também achava que eu deveria ir embora. Rush não ia me ligar e havia uma chance de ele nem voltar. Eu não podia simplesmente morar ali.

– Ligue para mim se precisar de alguma coisa – pediu, olhando nos meus olhos.

Concordei, mas já havia decidido que não ligaria mais para ele. Mesmo que Rush não se importasse com o que eu fizesse, simplesmente não parecia certo. Abri a porta do carro e saí.

Dando um aceno final, caminhei até a porta da frente e entrei na casa vazia.

RUSH

Sete dias e Nan ainda não tinha aberto os olhos. Minha mãe vinha cada vez menos ao hospital. Grant estava começando a ser o único visitante que aparecia regularmente e ficava mais tempo. Abe passava pelo quarto apenas uma vez por dia e ficava poucos minutos. Mais uma vez, éramos Nan e eu contra o mundo.

– Você precisa ligar para ela – disse Grant, quebrando o silêncio.

Eu sabia a quem ele se referia. Blaire estava o tempo todo na minha mente. Eu me sentia culpado por estar aqui parado, olhando fixamente para a minha irmã, mas pensando apenas em Blaire.

– Não posso – respondi, sem olhar para Grant.

Se olhasse, ele veria que eu havia perdido as esperanças.

– Isso não é justo com ela. Woods disse que Blaire não está mais trabalhando e há três dias que não liga para ele. Pergunta sobre ela para Bethy, mas nem ela sabe dizer se Blaire vai ficar muito mais tempo. Você *precisa* ligar para ela.

A melhor coisa que ela faria na vida seria me deixar. Como eu poderia ser o que ela merecia se estava o tempo todo dividido entre ela e minha irmã? Eu não conseguia manter Nan a salvo. Como ela confiaria em mim para manter o nosso bebê e ela em segurança?

– Ela merece mais. – Consegui dizer em voz alta em vez de apenas pensar.

– É, provavelmente merece mesmo. Mas quer você.

Meu Deus, aquilo doeu. Eu também a queria. Queria o nosso bebê. Queria aquela vida que eu imaginei que poderíamos ter. Como eu poderia dar isso a ela se a minha irmã nunca acordasse? Eu estaria tomado de culpa e dor. Não seria o homem que ela merecia. Isso acabaria me destruindo, até eu não servir para mais ninguém.

– Não posso. – Foi tudo o que consegui dizer.

Grant soltou um palavrão e se levantou, jogando o casaco no chão antes de sair do quarto, batendo a porta atrás de si. Ele não entendia. Ninguém entendia. Fiquei apenas olhando fixamente para a parede à minha frente. Estava começando a ficar anestesiado. Estava perdendo tudo que já amara.

A porta se abriu. Esperava que fosse Grant, mas era Abe. Não estava com ânimo de vê-lo. Ele havia abandonado as duas pessoas que eu mais amava no mundo.

– Por que você vem aqui, afinal? Você não se importa...

Abe não respondeu. Foi até a cadeira que Grant havia acabado de deixar vaga e se sentou. Ele nunca se sentava. O fato de fazer isso agora não me bateu bem. Eu precisava ficar sozinho.

– Eu me importo, sim. Sua mãe não sabe que estou aqui. Ela não aprovaria o que eu estou prestes a lhe contar, mas acho que você merece saber.

Não havia nada que aquele homem tivesse para dizer que eu quisesse ouvir, mas permaneci em silêncio e esperei. Quanto mais rápido terminasse, melhor.

– Nanette não é minha filha. Sua mãe sempre soube disso. Ela queria que Nan fosse minha, mas nós dois sabíamos que isso era impossível. Estávamos separados havia oito meses quando ela me ligou. Tinha acabado de descobrir a gravidez e estava assustada. Ainda era apaixonada pelo seu pai, que foi o motivo de termos terminado tudo, para começo de conversa. Eu não poderia superar a lenda que era Dean Finlay. Queria ser suficiente para alguém. Jamais seria suficiente para Georgianna. Mas eu a amava e ela estava preocupada com o que iria fazer com outro filho. Como eu era jovem e burro, voltei para ela e falamos em casamento. Eu disse a ela que precisaria pensar. – Ele parou e olhou para mim. Eu ainda estava processando o fato de que ele não era o pai de Nan. – Quando cheguei, Georgie estava deixando você com Dean sempre que podia e continuava saindo com amigos, como se não estivesse grávida. Não quis me contar quem era o pai. Cheguei ao meu limite quando Rebecca veio visitá-la. – Os olhos dele suavizaram e ele os fechou brevemente.

Eu nunca vira aquele homem demonstrando tamanha emoção.

– Ela era maravilhosa. Cabelos louros compridos que pareciam ter sido penteados por anjos. Os maiores e mais doces olhos verdes que já vi. Ela amava você. Não suportava o fato de sua mãe deixá-lo com Dean. Ficava preocupada que você não estaria seguro com um bando de astros do rock. Cuidava de você quando Georgie saía. Fazia panquecas com orelhas de Mickey Mouse, que você amava. Eu me sentia atraído por ela e não conseguia ir embora. Sua mãe nos usou por um tempo. Rebecca não ia embora porque se preocupava com você. Eu não ia embora porque estava apaixonado por Rebecca.

Não era essa a história que minha mãe tinha me contado. Não era essa a história em que eu havia sido levado a acreditar todos aqueles anos, mas depois que conheci Blaire... isso fazia muito mais sentido.

– Sua mãe chegou em casa bêbada uma noite. Estava bem no começo da gravidez e anunciou que Dean era o pai daquele bebê também. Fiquei furioso por ela ter bebido e mais ainda por seu pai ter feito aquilo de novo sem intenções de acertar as coisas com Georgie. Então liguei para ele e disse que queria conversar. A conversa não terminou bem. Ele disse que o bebê não era dele. Se fosse, assumiria tranquilamente, mas não era. Ela estava dormindo com o vocalista do Slacker Demon havia mais de um mês. O bebê era do Kiro e... Bem, você cresceu perto do Kiro. Você o conhece o suficiente para saber que ele não nasceu para ser pai.

Kiro era o pai de Nan? Enterrei o rosto nas mãos enquanto diferentes lembranças me vinham à mente. Kiro chegando em casa um dia, tarde da noite, berrando e xingando minha mãe por ter roubado a filha dele. Kiro chamando minha mãe de vadia ordinária e esperando que a “sua menina” não terminasse da mesma maneira. Eu havia me esquecido dessas coisas. Ou simplesmente as bloqueara.

– Com isso, Becca e eu nos aproximamos mais. Dean pegou você e jurou que cuidaria do que era dele. Sua mãe xingou e empurrou Becca um lance de escada abaixo dizendo palavrões que não vou repetir e mandou nós dois embora depois de me flagrar beijando Becca uma noite. Becca

chorou muito, preocupada com você. Ela sempre se preocupava com você.

Quando ele falava sobre Becca, tudo o que eu via era o rosto de Blaire. Seu rosto doce e inocente. Tinha a impressão de que o meu peito ia explodir.

– Pedi Becca em casamento. Ela aceitou. Semanas depois da lua de mel, descobrimos que ela estava grávida de gêmeos. Aquelas meninas eram o meu mundo. Eu adorava o chão em que elas pisavam tanto quanto adorava a mãe delas. Não se passou um único dia sem que eu agradecesse pela vida que tinha. – Ele parou e engasgou em um soluço. – Então, um dia, Val e eu estávamos voltando do shopping. Tínhamos ido comprar um par de tênis. Os pés dela tinham crescido naquele verão, mas os de Blaire não. As duas eram praticamente idênticas, mas estava começando a parecer que Blaire se tornaria a mais baixa. Nós estávamos rindo do jeito como eu cantava junto com uma banda adolescente no rádio. Eu não vi... não vi o sinal vermelho. Fomos atingidos do lado em que Val estava por um caminhão a 130 quilômetros por hora.

Ele parou de falar, passou a mão no rosto para secar as lágrimas e soltou mais um soluço.

– Eu perdi a minha menininha. Eu não estava prestando atenção. Com ela, perdi minha mulher, que não conseguia olhar para mim, e minha outra filha, que se transformou na sombra do que um dia havia sido. Então você apareceu com aquela foto de Nanette e, em vez de ficar e ser o homem que minhas garotas precisavam que eu fosse, fugi. Disse a mim mesmo que elas mereciam mais do que eu podia lhes dar. Eu nunca seria capaz de me perdoar. Jamais seria capaz de seguir em frente e achava que me ver todos os dias apenas as faria sofrer ainda mais. Então eu as deixei. Eu me odiava naquela época e me odeio hoje. Sou um homem fraco. Eu deveria ter ficado. Quando descobri que Becca estava doente, desatei a beber. Era impossível aceitar a ideia de um mundo sem Becca. Mas não consegui visitar minha bela mulher, a quem eu amava e sempre irei amar, e vê-la morrendo. Havia enterrado minha filha. Não poderia enterrar minha mulher. Por ser fraco, deixei essa função para a minha bebê. Nunca vou me perdoar por isso.

Ele finalmente olhou na minha direção.

– Tudo o que você vê é um homem egoísta que só pensa em si mesmo. Você tem razão. Eu não mereço o amor ou o perdão de ninguém. E não peço isso. Sua mãe e Nan me quiseram. As duas agiam como se precisassem de mim. Eu podia fingir ao lado delas. A verdade é que sua mãe é tão perdida e ferida quanto eu. Talvez por motivos diferentes, mas ambos somos vazios por dentro. Eu ia abrir o jogo sobre tudo isso com Nan três meses atrás. Não podia continuar com essa farsa. Eu só queria sentar ao lado do túmulo da minha mulher e chorar. Mas então Blaire me ligou. Ela precisava de mim, mas eu não tinha nada para dar a ela. Então menti. Não sabia muito sobre o homem que você havia se tornado, mas sabia de uma coisa: você amava ferozmente. Faria qualquer coisa pela sua irmã. Eu não tinha dúvidas de que, no instante em que pusesse os olhos em Blaire, ela o afetaria. Blaire tem o espírito doce e gentil da mãe. Val era como eu. Mas Blaire... ela é a minha Becca. É tão parecida com ela. Nenhum homem consegue estar por perto e não amá-la. Eu queria alguém forte e capaz de cuidar dela. Então a mandei para você.

Ele secou o resto das lágrimas e se levantou. Eu estava mudo.

– Não se torne como eu. Não a decepcione como eu fiz. Nós só merecemos aquilo que fazemos por merecer. Faça o que eu não consegui fazer. Seja um homem.

Abe se virou e saiu do quarto sem dizer mais nada.

BLAIRE

Não fazia muito tempo que eu estava dormindo quando o telefone tocou. Era tarde da noite e apenas algumas pessoas tinham o meu número. Senti o estômago embrulhar ao pegar o aparelho. Era Rush.

– Alô? – Quase tive medo do que ele iria me dizer.

– Oi, sou eu. – Pela voz, parecia que ele andara chorando. Ah, meu Deus... por favor, não permita que Nan tenha morrido.

– Ela... está bem? – perguntei, esperando que, dessa vez, Deus realmente tivesse ouvido a minha oração.

– Ela acordou. Está um pouco desorientada, mas me reconheceu quando abriu os olhos. Sua memória está boa.

– Ah, graças a Deus.

Sentei-me na cama e decidi que devia experimentar essa coisa de rezar com mais frequência.

– Sinto muito, Blaire. Sinto muito mesmo.

Ele estava com a voz rouca. Podia ouvir a dor em meio às suas palavras e não precisei perguntar o que ele estava querendo dizer. Era isso. Ele só não conseguia dizer.

– Está tudo bem. Apenas cuide da Nan. Eu realmente estou feliz que ela esteja melhor, Rush. Você pode não acreditar, mas rezei muito. Por ela.

Precisava que ele acreditasse em mim. Mesmo que não houvesse amor algum entre mim e Nan, ela era importante para ele.

– Obrigado. Estou indo para casa. Devo chegar no máximo amanhã à noite.

Não sabia ao certo se isso queria dizer que ele me queria fora da casa até lá ou se nos despediríamos pessoalmente. Ir embora seria muito mais fácil. Sem precisar encará-lo. Já era duro demais pelo telefone. Ver o seu rosto seria muito difícil, mas eu não podia deixar aquilo me destruir. Tinha que pensar no nosso bebê. Não dizia mais respeito apenas a mim.

– Até lá, então – respondi.

– Eu amo você.

Ouvir aquilo doeu mais do que qualquer outra coisa. Eu queria acreditar que ele me amava, mas não era o bastante. O amor que ele podia sentir por mim não era suficiente.

– Também amo você – respondi e desliguei o telefone antes de me enroscar em cima da cama e chorar até dormir.

♦ ♦ ♦

A campainha tocou quando eu estava saindo do banheiro. Peguei as roupas que havia separado

e me arrumei rapidamente antes de enrolar os cabelos em uma toalha e descer a escada correndo.

Quando abri a porta e vi meu pai ali parado, não soube o que pensar. Rush o mandara para se livrar de mim? Não, Rush não faria isso. Mas por que ele estava ali?

– Oi, Blaire. Eu, hum, vim conversar com você.

Ele parecia não dormir havia dias e estava com as roupas amarrotadas. Ver a filha que ele amava no hospital deve ter sido duro para ele. Afastei essa amargura da minha mente. Não ia pensar nisso. Ele era o pai de Nan também. Pelo menos, estava ali para ela agora, mesmo que tivesse estragado a primeira parte da sua vida.

– Sobre o quê? – perguntei, sem fazer menção de deixá-lo entrar. Não sabia se havia alguma coisa que ele tivesse para dizer que eu quisesse escutar.

– É sobre Nan... e você.

Balancei a cabeça.

– Não quero saber. Não estou a fim de ouvir nada que você tenha a me dizer. A sua filha acordou. Estou feliz que ela não tenha morrido. – Comecei a fechar a porta.

– Nan não é minha filha – disse ele.

Aquelas eram as únicas palavras capazes de evitar que eu batesse a porta na cara dele. Fiquei absorvendo o que ele falou enquanto abria lentamente a porta mais uma vez. O que ele queria dizer com isso?

Apenas o encarei. Isso não fazia sentido.

– Eu preciso lhe contar a verdade. Rush vai contar a Nan quando ela estiver pronta, mas queria contar a você pessoalmente.

O que Rush sabia? Ele estava mentindo para mim? Eu tinha a impressão de que não conseguia respirar.

– Rush? – perguntei, recuando para o caso de não conseguir respirar fundo e desmaiar. Precisava me sentar.

– Conte tudo a ele ontem. Ele ouviu a mesma mentira que você, mas agora conhece a verdade.

A verdade... qual era a verdade? Havia uma verdade ou toda a minha existência era uma mentira? Sentei nos degraus da escada e olhei para o homem que eu achava que fosse o meu pai enquanto ele entrava e fechava a porta atrás de si.

– Eu sempre soube que Nan não era minha filha. Mais importante do que isso: sua mãe sabia que Nan não era minha filha. Você tem razão, sua mãe jamais teria me deixado abandonar minha noiva grávida para fugir com ela. Por nada neste mundo. Ela quase não permitiu que eu deixasse minha ex-namorada grávida de outro integrante do Slacker Demon porque ficou preocupada com o que iria acontecer ao Rush. O coração dela era enorme e você sabe disso. Nada do que você conheceu foi mentira, Blaire. Nada. O mundo que você conhecia não era uma mentira.

– Não estou entendendo. Eu sei que a minha mãe não estava envolvida em nada disso. Isso nunca passou pela minha cabeça. Mas não entendo. Se você não é o pai da Nan, por que nos deixou para ficar com elas?

– Conheci sua mãe enquanto tentava ajudar minha ex-namorada a lidar com o seu mais recente problema. Sua mãe também estava lá para ajudar. Nós dois nos preocupávamos com Georgianna.

Ela precisava de nós e, por isso, tentamos ajudar. Mas enquanto ela saía para a farra e agia como se não tivesse um menininho em casa para cuidar, além da gravidez que estava ignorando, eu me apaixonei pela sua mãe. Ela era tudo o que Georgianna não era. Eu a adorava e, por qualquer que tenha sido o motivo, ela se apaixonou por mim. Dean levou Rush, e Kiro, o vocalista do Slacker Demon e verdadeiro pai de Nan, ofereceu ajuda. Quando Georgianna descobriu sobre mim e Becca, nos expulsou e fomos embora felizes. Sua mãe ficou preocupada com Rush e pediu a Dean que cuidasse dele por um tempo.

– A mamãe conhecia Rush?

Imaginar a minha mãe cuidando de Rush quando pequeno entre dois pais malucos fez os meus olhos se encherem de lágrimas. Ele sabia quanto a minha mãe era maravilhosa, mesmo que não se lembrasse.

– Sim. Ele a chamava de Beck Beck. Preferia ela a Georgianna. Georgie não aceitava isso também, é lógico. Depois que o consegui de volta, se recusou a deixar a sua mãe visitá-lo. Sua mãe chorou durante semanas, preocupada com o menininho que ela aprendera a amar. Mas Becca era assim. Sempre se importava demais. O coração dela era maior do que o de qualquer pessoa que já conheci... até você nascer. Você é exatamente como ela, querida.

Levantei a mão para fazê-lo parar. Nós não íamos nos conectar com aquilo. Eu não estava chorando porque minha mãe era inocente das mentiras que eu havia escutado. Estava chorando porque ela também amara Rush um dia, ele não havia sido solitário a infância inteira.

– Estou quase acabando. Deixe-me terminar, então irei embora e você nunca mais vai me ver novamente, eu juro.

Ele também sabia que eu ia embora. Que essa coisa entre Rush e mim estava terminada. A dor que senti no peito era quase insuportável.

– Sou culpado pela morte de Val. Eu passei por aquele sinal vermelho. Não estava prestando atenção e perdi uma das minhas meninas naquele dia. Mas perdi você e a sua mãe também. Vocês duas estavam sofrendo muito e foi tudo minha culpa. Eu não fui homem o suficiente para ficar e suportar ver vocês duas sofrendo tanto. Então fui fraco demais e fugi. Deixei você cuidando de Becca quando deveria ter sido eu. Não podia suportar a ideia de vê-la doente. Isso acabaria comigo. Passei a beber sem parar. Era a única maneira de me manter anestesiado. Então você ligou e disse que ela tinha morrido. Minha Becca não estava mais neste planeta. Eu precisaria contar a Nan a verdade sobre o pai dela e ir embora. Não sabia para onde, mas não me importava de viver ou morrer. Então você telefonou e disse que precisava de mim. Eu nem era mais um homem. Era um imprestável. Mas não podia decepcioná-la. Já a havia feito sofrer demais sozinha. Mandeí você para o Rush. Ele não era exatamente o tipo de cara que um pai quer para a filha, mas eu sabia que ele veria em você o que eu vira em Becca. Uma linha de vida. Um motivo para viver. Um motivo para lutar. Ele era forte. Poderia proteger você e eu sabia que ele faria isso.

Aquilo tudo era demais. Eu não conseguia entender nada. Ele me mandou para o Rush? O cara que adorava a irmã e me odiava e me culpava por tudo de errado na vida dela?

– Ele me odiava – falei. – Ele odiava quem eu era.

Meu pai deu um sorriso triste.

– Sim, ele odiava quem achava que você era, mas então a conheceu. Ficou por perto e isso bastou. Você é rara, Blaire. Exatamente como a sua mãe foi. Não há muita gente no mundo tão forte quanto você. Tão cheia de amor e disposta a perdoar. Você sempre invejou a forma como Val podia encantar um ambiente. Achava que ela era a melhor de vocês duas. Mas Val e eu sabíamos que nós tínhamos sorte por ter pessoas como você e sua mãe nas nossas vidas. Val adorava você. Ela via que você era a que tinha o espírito da sua mãe. Ambos admirávamos muito vocês duas. Eu ainda admiro. E embora tudo o que fiz tenha sido magoar você desde o dia em que perdemos a sua irmã, eu a amei. Sempre vou amar. Você é a minha garotinha. Você merece o melhor deste mundo e eu não sou o melhor. Estou indo embora e nunca mais vou incomodá-la. Preciso viver o resto da vida sozinho. Lembrando-me do que um dia tive.

A dor nos olhos dele arrebataram a minha alma. Ele tinha razão. Havia abandonado a mim e a minha mãe quando mais precisávamos dele. Mas talvez nós também o tivéssemos abandonado. Não fomos atrás dele. Apenas o deixamos partir. O dia em que perdemos Valerie marcou todas as nossas vidas. Mamãe e Val partiram e nunca mais as teríamos de volta. Mas nós dois estávamos aqui. Eu não queria viver o resto da minha vida sabendo que meu pai estava sozinho em algum lugar. Minha mãe não iria querer isso. Ela nunca quis que ele ficasse sozinho. Ela o amou até o último momento. Val não iria querer isso. Ela também era a menininha do papai.

Eu me levantei e dei um passo na direção dele. Lentamente, lágrimas começaram a escorrer dos seus olhos. Ele não era mais o homem que um dia tinha sido, mas era meu pai. Um soluço irrompeu do meu peito e eu me atirei nos seus braços. Quando ele me abraçou e me segurou, liberei toda a dor. Chorei pela vida que havíamos perdido. Chorei por ele, porque ele não era forte o suficiente. E chorei por mim, porque estava na hora.

RUSH

A casa estava escura e silenciosa quando abri a porta. Será que Blaire apagara todas as luzes? Eu estava tão empolgado em voltar para ficar com ela que não pensei naquela possibilidade: ela tinha me deixado. Será?

Subi a escada de dois em dois degraus. Quando cheguei no último, comecei a correr. Meu coração estava disparado no peito. Ela não podia ter ido embora. Eu a amava. Disse que estava voltando para casa. Ela tinha que estar lá. Eu precisava dizer tudo a ela. Dizer que as coisas seriam diferentes. Contar que eu havia me lembrado da mãe dela e das panquecas do Mickey Mouse. Tinha que dizer a ela que eu seria o homem de quem ela precisava. Que seria o melhor pai do mundo.

Abri com força a porta que dava para o meu quarto e subi a escada correndo, desesperado por vê-la. Por favor, Deus, permita que ela esteja lá. A cama estava vazia. Não. *Não!* Procurei as coisas dela no quarto. Algo que me dissesse que ela não havia me deixado. Ela não podia ter me deixado. Eu iria atrás dela. Eu me ajoelharia diante dela e imploraria. Eu seria a sombra dela até que ela cedesse e me perdoasse.

– Rush? – A voz dela interrompeu o silêncio do quarto e as batidas na minha cabeça.

Eu me virei para vê-la sentada no sofá. Seus cabelos estavam uma bagunça e seu rosto de sono, perfeito.

– Você está aqui.

Caí de joelhos diante dela e deitei a cabeça no seu colo. Ela estava ali.

Suas mãos tocaram a minha cabeça enquanto ela passava os dedos pelo meu cabelo.

– Sim, estou aqui – respondeu ela com a voz insegura.

Eu a estava assustando, mas precisava de apenas um minuto para me assegurar de que ela não havia me deixado. Eu não tinha estragado tudo. Não queria ser como o pai dela. O homem perdido e vazio que vi no dia anterior não era alguém que eu gostaria de me tornar. E sabia que, sem Blaire, era quem eu me tornaria.

– Você está bem? – perguntou ela.

Respondi que sim, mas mantive a cabeça em seu colo. Blaire tentava me tranquilizar, acariciando suavemente meu cabelo. Quando tive certeza de que conseguiria falar sem desmoronar, levantei o rosto.

– Eu amo você – disse com tamanha ferocidade que quase pareceu um xingamento.

Ela deu um sorriso triste.

– Eu sei e está tudo bem. Eu entendo. Não vou fazer você escolher. Só quero que seja feliz. Você merece ser feliz. Eu tive muito tempo para pensar em tudo e vou ficar bem. Você não precisa se preocupar comigo. Sou forte. Vou conseguir fazer tudo sozinha.

Eu não estava entendendo o que ela estava dizendo. O que ela iria fazer sozinha?

– O quê? – perguntei, repassando mentalmente o que ela dissera.

– Conversei com meu pai hoje. Eu sei de tudo. É difícil compreender, mas tudo faz mais sentido agora.

Abe a visitara? Contara tudo a ela? Ela sabia... mas o que estava dizendo ainda não fazia sentido.

– Gata, talvez seja porque não dormi muito bem nos últimos oito dias, ou porque eu esteja tão aliviado por você estar aqui, mas eu não estou entendendo o que você está querendo me dizer.

Uma lágrima brilhava no seu olho, o que me fez puxá-la para o meu colo. Eu não queria vê-la chorar. Achei que fosse algo feliz. Ela sabia da verdade. Sua mãe era tão pura e honesta quanto ela acreditava que fosse. Eu estava em casa, pronto para ser tudo o que ela merecia na vida. Eu ia morrer fazendo-a feliz.

– Eu amo você. E, por isso, vou deixá-lo partir. Quero que você tire da vida o que deseja. Não quero ser uma corrente presa à sua perna.

– O que você acabou de dizer? – perguntei quando me dei conta das palavras “deixá-lo partir”. O cacete que ela ia me deixar ir.

– Você me ouviu, Rush. Não torne as coisas mais difíceis – sussurrou ela.

Fiquei olhando para Blaire, sem acreditar. Ela realmente estava falando sério. Eu a deixara ali pensando em todos os tipos de coisas enquanto eu estava no hospital com Nan. Eu deveria ter ligado, mas não liguei. Era claro que ela estava confusa.

– Escute aqui, Blaire. Se você tentar ir a qualquer lugar, eu vou atrás de você. Vou me transformar na sua sombra. Não vou deixá-la sair de perto de mim, porque não consigo viver sem você. Cometi muitos erros e nem vou tentar contá-los, mas vou começar a fazer as coisas certas daqui para a frente. Eu juro que isso não vai voltar a acontecer. Agora sei que é aqui que eu devo estar. Não haverá mais mentiras. Apenas nós dois.

Ela fungou e enterrou a cabeça no meu ombro. Eu a apertei com força contra o meu corpo.

– Estou falando sério. Preciso de você. Você não pode me deixar.

– Mas eu não me encaixo. A sua família me odeia. Eu dificulto a sua vida.

Aí que ela estava enganada.

– Não. Você é a minha família. Minha mãe nunca foi minha família. Nunca sequer tentou ser. Minha irmã talvez não consiga superar completamente, mas ela me disse para perguntar a você se vai poder fazer parte da vida da sobrinha ou do sobrinho. Então, vai se esforçar. E quanto a dificultar a minha vida, você, Blaire Wynn, completa a minha vida.

A boca de Blaire cobriu a minha e as suas mãos agarraram a minha camisa. Ela enfiou a língua na minha boca e eu a saboreei. Sentira tanta falta dela. Como eu pude ter pensando por um minuto que sobreviveria sem isso... sem ela, não sei.

BLAIRE

– Preciso entrar em você – sussurrou Rush no meu ouvido enquanto beijava o meu queixo e deslizava as mãos para dentro da minha regata.

– Ótimo – respondi, tirando a camisa dele.

Ele riu e levantou as mãos para me ajudar a tirar a regata também.

– Caramba, eles crescerem enquanto estive fora – murmurou, segurando os meus seios. – Tipo... já tem leite? – perguntou Rush.

– Não – respondi e dei uma gargalhada.

– Estou fazendo um esforço tremendo para não ser um ogro em relação a isso, mas não consigo evitar. Eles me deixam realmente excitado – admitiu antes de olhar para mim através daqueles cílios imensos e abocanhar um dos mamilos.

– Ah – gemi, agarrando a cabeça dele para mantê-lo ali.

De alguma maneira, eles tinham ficado ainda mais sensíveis. A cada chupada, meu clitóris latejava. Era como se houvesse uma ligação direta entre os dois.

– Tire isto – pediu Rush com a boca cheia enquanto puxava a minha calcinha.

Eu me levantei um pouco e a tirei. Ele apenas trocou um mamilo pelo outro.

– Caralho – gemeu, deslizando um dedo para dentro de mim. – Está molhada. Sempre tão molhada e pronta.

Agarrei a fivela do cinto dele e comecei a tirar sua calça jeans. Eu o queria nu também.

– Ainda não – disse ele, me tirando do colo e me pondo de volta no sofá. – Preciso sentir o seu gosto.

Fiquei observando enquanto ele abria as minhas pernas e abaixava a cabeça para me chupar.

– Ai, meu Deus! Rush! – gritei, levantando os quadris para me aproximar mais da sua boca.

Senti a pressão do piercing sobre o clitóris enquanto ele brincava sem parar comigo lá embaixo. Estava me levando à loucura.

– Adoro quando você se contorce – falou com um sorriso travesso.

Eu adorava quando ele fazia eu me contorcer.

Ele deslizou o dedo para dentro de mim enquanto continuava me torturando com o piercing da língua. Aquele homem sexy e selvagem era meu. Era difícil compreender às vezes, mas eu estava muito feliz por ter aparecido na porta dele quatro meses antes. Ele se levantou e abaixou os jeans e a cueca, ficando nu. Olhei para ele. Era lindo. Deixei os meus olhos percorrerem o seu corpo. Nada poderia deixá-lo ainda mais perfeito. Exceto...

– Rush?

– O que foi?

– Pode pôr piercings nos mamilos? – perguntei, surpreendendo a mim mesma com o pedido.

Rush riu ao voltar para cima de mim.

– Agora você quer os meus mamilos com piercings, é?

– Fiz que sim com a cabeça e deslizei as mãos pelo seu peito, passando os polegares sobre seus mamilos. – Gosto dos seus outros piercings.

Ele beijou o meu pescoço e passou a mão pela minha perna até levantá-la com um braço embaixo do joelho.

– Você vai beijá-los para melhorar? Porque acho que deve doer para caralho.

– Prometo que vou cuidar direitinho deles.

Sorri para ele.

– Tudo o que você quiser, gata. Só não me peça para fazer piercing em nada abaixo da cintura.

Arqueei as sobrancelhas. Eu não havia pensado nisso. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Rush estava metendo em mim e todos os outros pensamentos me abandonaram. Ele estava me preenchendo, me esticando, e o mundo estava ficando perfeito de novo.

– Caralho! Como você ficou ainda mais apertada? – Rush arfou acima de mim, com os braços tremendo por me segurar.

Atirei a cabeça para trás e levantei os quadris. Estava ainda melhor. Não imaginava que aquilo pudesse melhorar.

– Está mais sensível... – Consegui dizer com um grito estrangulado.

– Está doendo? – perguntou, saindo um pouco. Agarrei a bunda dele e o segurei dentro de mim.

– *Não!* Está bom. Está muito bom. Com mais força, Rush. Por favor. Está incrível.

Rush gemeu e enfiou fundo dentro de mim.

– Não vou aguentar por muito tempo. Está muito apertado... vou gozar.

Ele parou de se mexer e diminuiu o ritmo lentamente. Eu estava muito perto do orgasmo. Não queria que ele diminuísse o ritmo. A sensação que tinha a cada estocada era impressionante. Eu precisava sentir mais daquilo. Eu o empurrei para trás com toda a força que tinha. Ele ficou sentado para trás me olhando enquanto eu montava nele depressa e o cavalgava rápido e com força.

– Puta *merda!* – gritou, agarrando os meus cabelos.

Fiquei subindo e descendo em cima dele enquanto o meu corpo chegava mais perto daquele êxtase que estava me prometendo.

– Gata, eu vou gozar, *ahhhh!* – gritou Rush, agarrando o meu rosto e me beijando com uma ferocidade que me fez enlouquecer junto com ele.

Gritando dentro da boca dele, eu estremeci de prazer enquanto ele me segurava apertado, me beijando e chupando a minha língua para dentro da boca.

Caí em cima dele e nos abraçamos. Ficamos ali arfando em silêncio. Minha vagina continuava se contraindo, como se o meu corpo estivesse tendo abalos secundários. Cada vez que isso acontecia, Rush gemia.

Quando tive certeza de que conseguiria falar de novo, levantei a cabeça e olhei para ele.

– O que acabou de acontecer? – perguntei.

Ele riu e balançou a cabeça.

– Não sei. Você acabou de trepar comigo feito louca. Eu juro que esta vai para o livro dos recordes, gata. Eu achava que não podia melhorar e você acabou de mostrar que eu estava errado. Caralho, como você estava louca.

Afundi o rosto no seu peito e dei uma risada. Eu tinha ficado meio fora de controle.

– É melhor que isso não seja uma coisa de grávida, porque senão você vai passar os próximos trinta anos esperando bebês.

RUSH

Segurei a mão de Blaire e olhei por cima do seu ombro enquanto ela folheava uma revista sobre bebês. Todas as fotos de fraldas e coisas de crianças eram assustadoras demais. Eu não queria admitir, mas a realidade de ter um bebê estava começando a me apavorar. Os seios grandes, o sexo no meio da noite e o aumento suave do tamanho dos quadris de Blaire eram acréscimos incríveis. Era fácil esquecer exatamente por que tudo aquilo estava acontecendo.

– Blaire Wynn.

A enfermeira chamou o nome dela e eu olhei para o diamante no seu dedo. Em duas semanas, esse sobrenome mudaria. Eu estava pronto para isso. Não gostava que ela fosse chamada de Wynn. Para mim, já era Blaire Finlay.

– Somos nós – disse ela, sorrindo para mim antes de se levantar.

A barriga começava a aparecer. Esperava ver uma ervilha um pouco maior, mas a enfermeira me prometeu que conseguiríamos realmente ver o bebê. Ele tinha braços e pernas, por mais louco que isso pudesse parecer.

Não soltei sua mão enquanto ela me guiava até a sala de exames. A enfermeira olhou para mim várias vezes. Era melhor que ela não me barrasse, porque eu iria junto. Estava na hora de ver o meu bebê.

– Aqui – disse a enfermeira, dando um passo para trás e nos fazendo entrar em uma sala. – Tire toda a roupa e vista uma camisola. O doutor Nelson vai querer fazer um exame vaginal hoje também. Mas vamos fazer o ultrassom primeiro.

Blaire não pareceu dar muita importância ao fato de estar prestes a ficar nua.

A enfermeira olhou para mim.

– Este pode ficar aqui?

Este? Que merda isso queria dizer?

Blaire sorriu e olhou para mim.

– Sim, este é o pai.

A enfermeira se endireitou e me deu um sorriso aliviado.

– Que maravilha. Eu detestava a ideia de alguém tão jovem como você passar por tudo isso sozinha.

Blaire corou e entrou em uma saleta com uma cortina na frente. Depois que a enfermeira saiu, fui até ela e entrei no que parecia um pequeno vestiário.

– O que ela quis dizer com “este”? – perguntei.

Blaire mordeu o lábio inferior e fechou os olhos.

– Eu preciso responder?

– Hum, sim. Principalmente depois desse comentário.

Eu estava me preparando para não gostar da resposta.

– Woods me trouxe na última consulta. Disseram que ele poderia vir junto e eu falei que não, que era apenas um amigo.

Eu quase havia me esquecido disso. Compreendia por que ela pegara uma carona com ele. Eu não estava aqui. Mas saber que outro homem estivera ali com ela quando Blaire precisou de mim era difícil de engolir. Percebi que ela havia empalidecido e então me abaixei para dar um beijo nos seus lábios.

– Tudo bem. Eu deveria ter estado aqui. Não estava.

Ela concordou com a cabeça.

– Sinto muito.

– Não sinta. Eu é que sinto.

A porta da sala de exames se abriu de novo e enfiei a cabeça para fora da cortina.

A enfermeira estava sorrindo para mim e trazendo uma máquina com uma telinha.

– Ela está pronta?

Achei divertido o sorriso animado no rosto da mulher.

– Quase – respondi, então olhei para Blaire que estava completamente vermelha. Não pude deixar de rir. – Se arrume, gostosa. Vou voltar lá para fora.

Blaire assentiu e eu saí de trás da cortina. Fui até a mesa e olhei para a máquina.

– Então é assim que vemos o bebê? – perguntei, imaginando como exatamente aquilo era feito.

– É. Como a Blaire é atendida pelo Medicaid, precisamos usar este aqui. É tudo o que o Medicaid cobre. Temos um mais novo em 3D que a maioria das mães usa, e eu gostaria que o Medicaid cobrisse também, porque dá para ver o bebê muito melhor. Mas não cobre.

Fiz uma pausa e olhei para a máquina e depois para a enfermeira. Blaire estava sendo atendida pelo Medicaid? Que merda era aquela? Eu nem havia pensado no fato de que ela precisava de seguro-saúde. Sempre tive o melhor que o dinheiro podia comprar. Não era algo em que eu costumasse pensar.

– Eu quero a máquina de 3D. Pago quanto for agora, mas quero o melhor que vocês têm a oferecer.

A enfermeira olhou para os meus brincos e para a minha camiseta, que já vira dias melhores. Era a camiseta que o meu pai me dera depois de uma das suas turnês havia mais ou menos cinco anos. Eu gostava porque ficava justa e Blaire parecia gostar de camisetas justas em mim.

– Eu... hum... acho que você não entende exatamente quanto custa um ultrassom desses. Embora seja muito gentil que você queira dar essa experiência a Blaire, é muito...

– Eu posso bancar qualquer procedimento disponível. Falei que vou pagar. Quero o melhor ultrassom para Blaire e o meu bebê.

A enfermeira começou a abrir a boca quando Blaire saiu do vestiário usando uma camisola de algodão fino.

– Por favor, não discuta com ele. Ele vai causar problemas se você discutir. Traga o ultrassom 3D.

A enfermeira deu de ombros.

– Tudo bem. Se vocês têm certeza. Mas ele vai precisar fazer um adiantamento.

Abri a carteira e dei a ela o meu American Express Black Centurion. Ela arregalou os olhos, concordou com a cabeça e saiu correndo da sala.

– Eu poderia dizer que estava perfeitamente satisfeita com o ultrassom normal, mas seria mentira. Vi fotos de ultrassons 3D naquelas revistas e queria muito fazer um.

Blaire estava sorrindo feito uma criança prestes a ir para a Disney pela primeira vez! Caramba, para fazê-la sorrir daquele jeito, eu compraria a porra da máquina 3D.

– Minha garota e o meu bebê sempre terão o melhor. Sempre.

A porta se abriu de novo e a enfermeira entrou olhando para mim como se estivesse tentando entender alguma coisa. Devolveu o meu cartão, que peguei e guardei na carteira.

– Você é filho do Dean Finlay? – perguntou a mulher por fim.

– Sou. Agora vamos ver o meu bebê – respondi.

A mulher assentiu ansiosamente e olhou para Blaire.

– A máquina de 3D fica em uma sala especial. Você vai se sentir bem em atravessar o corredor usando isso?

– Alguém vai vê-la? – perguntei, ficando na frente de Blaire, porque eu certamente não me sentiria bem com isso.

A enfermeira abriu um armário, de onde tirou um cobertor.

– Aqui, enrole isso nela.

Enrolei Blaire até ela estar totalmente coberta. Blaire estava apertando os lábios, tentando segurar o riso. Pisquei para ela e dei um beijo no seu nariz. Percorremos um corredor comprido, onde passamos por duas enfermeiras, outro casal e pelo médico de Blaire, que perguntou por que estávamos nos mudando. A enfermeira informou rapidamente a ele que eu pagara pelo 3D e o médico pareceu muito satisfeito ao nos acompanhar para dentro da sala.

Blaire deitou em cima de uma mesa e eles começaram a prepará-la enquanto eu esperava pacientemente. Quando ela estava com a barriga nua, a enfermeira passou um pouco de gel transparente e olhou para mim.

– Vocês vão querer saber o sexo?

– Pergunte à mamãe – respondi, incomodado por ela ter perguntado a mim e não a Blaire.

– Eu quero saber – disse Blaire, olhando para mim em busca de confirmação.

– Eu também – concordei.

Então o médico começou a passar uma coisa por cima da barriga de Blaire e um barulhinho tomou conta do ambiente. Era mais rápido do que o normal.

– É o coração do meu bebê? – perguntei me levantando, porque não conseguia mais ficar sentado.

Meu coração estava batendo na mesma velocidade que o coração que eu estava vendo na tela.

– É, sim – respondeu o médico. – E ali... ali está ele.

Fiquei olhando para a tela enquanto uma vidinha começava a ganhar forma.

– Ele? – perguntou Blaire.

– Sim, definitivamente é um menino – respondeu o médico.

Estendi o braço e segurei a mão de Blaire, sem conseguir desviar os olhos da tela.
Era o nosso bebê. Eu ia ter um filho. Caralho... eu também ia chorar.

FIM

SOBRE A AUTORA

Keith Glines



Abbi Glines nasceu em Birmingham, no Alabama. Cresceu na pequena cidade de Sumiton, de onde saiu no verão em que completou 18 anos. Não foi muito longe... viajou com o namorado da escola até a costa, onde vive desde então.

Abbi agora mora na curiosa cidade sulista de Fairhope, também no Alabama, com os três filhos e o marido Keith (o namorado da escola). Sua vida nunca é chata e Keith sempre garante que eles tenham uma nova “experiência” para explorar.

Entre os livros publicados por Abbi estão *The Vincent Boys*, *The Vincent Brothers*, *Breathe, Because of Low*, *While It Lasts* e *Just For Now* e *The Existence Trilogy*, *Ceaseless*, o best-seller do *USA Today*, e *Paixão sem limites*, o best-seller do *The New York Times* e do *Wall Street Journal*, publicado no Brasil pela Editora Arqueiro.

Quando não está trancada em seu escritório escrevendo, está buscando os filhos das diversas atividades sociais. Dá para dizer que o segundo emprego dela é de motorista particular da criancada Glines. Um emprego bastante reconhecido.

www.abbiglines.com

LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO LIVRO DA AUTORA

Twisted Perfection

(Título original)

TRÊS ANOS ATRÁS

Della

*You are my sunshine, my only sunshine. You make me happy when skies are gray.*¹

Não pare de cantar agora, mamãe. Não agora. Desculpe por eu ter ido embora. Eu só queria viver um pouco. Não tenho medo como você. Preciso que você cante. Por favor, cante para mim. Não faça isso. Não vá para ele. Ele não era real. Não está vendo? Ele nunca foi real. Ele morreu há dezesseis anos.

Eu devia ter falado a alguém sobre você. A culpa é toda minha. Você precisava de ajuda, e eu não procurei ajuda para você. Talvez eu sentisse medo, afinal... medo de que eles a levassem embora.

♦ ♦ ♦

– Della, querida, me dê as suas mãos. Preciso limpá-las. Olhe para mim, Della. Volte para mim. Ela partiu, mas você vai ficar bem. Precisamos limpar você. Levaram o corpo dela, e está na hora de deixar esta casa para sempre. Sem voltar. Por favor, Della, olhe para mim. Diga alguma coisa.

Pisquei os olhos para afastar as lembranças e olhei para Braden, minha melhor amiga. Ela estava limpando o sangue das minhas mãos com uma toalha úmida. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Eu devia ter me levantado e limpado aquilo tudo eu mesma, mas não consegui. Precisei que ela fizesse isso por mim.

♦ ♦ ♦

Eu sempre soube que isso iria acontecer algum dia. Talvez não exatamente daquela maneira. Eu nunca havia imaginado minha mãe morta. Na maior parte dos dias, quando me pegava sonhando acordada com este momento, eu me sentia culpada. Mas isso não me impedia de pensar nele. A culpa não era suficiente para me impedir de imaginar a minha liberdade.

♦ ♦ ♦

Sempre achei que alguém se daria conta de que minha mãe não estava bem. Alguém perceberia

que eu não era uma garota esquisita que queria ficar em casa o dia todo e se recusava a sair para o mundo real. Eu queria que as pessoas se dessem conta disso... mas, por outro lado, não queria. Porque conquistar a minha liberdade significaria perder a minha mãe. Por mais que eu soubesse que ela era louca, ela precisava de mim. Eu não podia deixar que a levassem embora. Ela só tinha muito medo... de tudo.

QUATRO MESES ATRÁS

Della

Quando Braden me deu seu carro velho e me disse para sair para ver o mundo, nenhuma de nós pensou no fato de que eu não sabia abastecê-lo. Havia tirado minha carteira de motorista fazia apenas três meses. E só tinha dirigido mesmo durante cinco horas. Abastecer não fora uma necessidade até agora.

Peguei o celular na bolsa. Ligaria para Braden e veria se ela conseguiria me explicar pelo telefone. Mas ela estava em lua de mel, e eu detestava incomodá-la. Quando ela me entregou as chaves mais cedo e disse “Vá explorar o mundo. Vá se encontrar, Della”, eu havia ficado tão vidrada com esse seu gesto incrível que não pensei em perguntar nada. Simplesmente lhe dei um abraço e a vi sair correndo com o marido, Kent Fredrick, para entrar na traseira de uma limusine.

O fato de que eu não sabia abastecer nunca havia me passado pela cabeça. Até agora. O tanque do carro estava tão vazio que eu havia parado num pequeno posto de gasolina numa cidadezinha praiana no meio do nada. Rindo de mim mesma, ouvi a voz de Braden dizendo: “Não estou disponível. Se quiser falar comigo, sugiro que desligue e me mande uma mensagem de texto.” Caixa postal. Ela provavelmente estava no avião. Eu teria que descobrir como fazer aquilo sozinha.

Saí do pequeno e desbotado Honda Civic vermelho. Por sorte, eu havia parado ao lado da bomba de gasolina do lado certo. Havia a portinha em que eu sabia que se devia enfiar a mangueira. Tinha visto Braden fazer isso antes. Eu podia fazer também. Talvez.

Meu primeiro problema era que eu não conseguia entender como abrir aquela portinha mágica. Ela estava ali. Eu podia vê-la, mas não havia uma maçaneta. Fiquei olhando fixamente para ela por um instante, então olhei ao redor para ver se havia alguém por perto que não parecesse assustador. Eu precisava de ajuda. Foram dois longos anos de terapia até eu conseguir falar com estranhos. Agora, eu fazia isso com frequência. Na realidade, Braden tinha mais mérito nisso do que o psicólogo que eu fora obrigada a frequentar semanalmente. Braden havia me empurrado para o mundo e me ensinado a viver.

Eu tinha a citação “A única coisa que devemos temer é o próprio medo”, de Franklin D. Roosevelt, colada no espelho do banheiro. Eu a lia todos os dias ao longo dos últimos três anos. Repeti a frase mentalmente, e meu corpo relaxou. Eu não estava com medo. Eu não era a minha mãe. Eu era Della Sloane, e estava fazendo uma viagem de carro para me encontrar.

– Você está bem? Precisa de ajuda? – uma voz arrastada, profunda e suave me assustou, e virei a

cabeça de repente para ver um cara sorrindo para mim do outro lado da bomba de gasolina.

Seus olhos castanhos pareciam brilhar de divertimento enquanto me encarava. Eu não tinha muita experiência com rapazes, mas tinha tarimba suficiente para saber que, mesmo quando são maravilhosos, como esse, não necessariamente são boas pessoas. Havia perdido a virgindade com um cara sulista de fala mansa e um sorriso que fazia qualquer garota tirar a calcinha. Fora a pior experiência da minha vida. Mas esse sujeito poderia ser útil. Ele não estava oferecendo sexo. Estava se oferecendo para me ajudar. Pelo menos eu achava isso.

– Eu não sei... eu, hum... Sabe, eu nunca...

Meu Deus, eu não conseguia nem dizer aquilo. Como uma garota de 19 anos poderia explicar que não sabia abastecer um carro? Uma risada começou a borbulhar lentamente em meu peito, e tapei a boca. Ele ia achar que eu era louca. Engoli o riso o máximo que pude e sorri para ele.

– Eu não sei abastecer o carro.

As sobrancelhas escuras elegantes do cara se ergueram de repente, e ele me observou por um instante. Acho que estava tentando avaliar se eu estava falando a verdade ou não. Se ele soubesse... Havia tanta coisa de que eu não fazia ideia. Braden vinha tentando me educar a respeito das coisas do mundo, mas ela estava casada agora, e era hora de eu descobrir as coisas sem usá-la como muleta.

– Quantos anos você tem? – perguntou ele, e percebi seus olhos percorrendo meu corpo lentamente.

Eu não parecia uma adolescente. Meu corpo já estava completamente formado aos 16 anos. Percebi que ele estava tentando descobrir isso. Juventude seria a única explicação que ele poderia encontrar para o fato de eu não saber abastecer um carro.

– Tenho 19, mas faz pouco tempo que aprendi a dirigir, e esta é a primeira vez que preciso abastecer. – Suspirei e dei uma risadinha. A explicação parecia ridícula, até mesmo para mim. – Sei que é difícil de acreditar, mas, sinceramente, preciso de ajuda. Se você pudesse pelo menos me ajudar a começar, eu posso fazer isso.

Olhei para a enorme e sofisticada caminhonete dele. Era preta e reluzente. Combinava com ele e com seu corpo alto e musculoso, a pele bronzeada e os cabelos escuros. Ele era daquele tipo sexy, bonito e perigoso. Percebi isso pelo sorriso em seu rosto.

Quando ele deu a volta na bomba de gasolina, notei que ele era muito mais alto do que eu imaginara de início. Mas, também, eu tinha só 1,60 metro. O corte ajustado dos jeans e as botas de trabalho de couro marrom-escuro deixavam suas pernas interessantes. Percebi um pouco tarde demais que estava encarando e desviei o olhar para encontrar a expressão divertida em seus olhos. Ele tinha um sorriso muito bonito – branco, com dentes perfeitos emoldurados por um rosto que parecia não ver uma lâmina de barbear havia alguns dias. A aparência desarrumada não combinava com a caminhonete cara dele.

– Você precisa abrir esta portinha primeiro – disse ele, dando um tapinha na porta.

A forma como os lábios dele se curvaram de maneira sedutora ao pronunciar as palavras me fascinou a tal ponto que tive medo de não entender as instruções seguintes. Eu estava prestes a fazer uma pergunta quando ele deu a volta ao meu redor e abriu a porta do motorista. Ele se

abaixou, deixando-me com uma visão desimpedida da calça jeans ficando mais justa em sua bunda firme e deliciosa. Gostei muito do que vi.

A porta mágica que estava me intrigando se abriu e me assustou. Dei um gritinho e girei, vendo-a aberta.

– Ah! – exclamei, empolgada. – Como você fez isso?

O corpo grande e quente dele se aproximou de mim por trás, e senti cheiro de grama e de algo mais forte... talvez couro. Os aromas sedutores tomaram conta de mim. Como eu não era de perder oportunidades (já havia perdido muitas na vida), fui um pouco para trás, apenas o suficiente para tocar no peito dele com as costas.

Ele não se afastou quando invadi seu espaço pessoal. Em vez disso, abaixou a cabeça para falar em meu ouvido em voz baixa e deliciosamente grave:

– Apertei o botão da porta da gasolina. Está no seu carro, logo abaixo do painel.

– Ah – foi tudo o que consegui dizer como resposta.

Um riso baixo fez o peito dele vibrar em contato com meus ombros.

– Agora quer que eu mostre como pôr o combustível?

Sim, isso seria legal, mas eu estava gostando muito de ficar parada daquele jeito também. Consegui assentir com a cabeça, agradecida pelo corpo dele não sair do lugar. Talvez ele estivesse gostando tanto do contato físico quanto eu. Era uma péssima ideia. Eu devia me mexer. Caras como ele não tratam bem as mulheres. Por que eles precisam ser tão bonitos e ter um cheiro tão bom?

– Você vai ter que me deixar passar, querida.

– O hálito quente dele aqueceu os pelinhos da minha orelha sensível. Tentei não estremecer ao assentir e me afastar para me encostar no carro e deixá-lo passar.

Nossos peitos roçaram levemente enquanto ele passava por mim, e eu continuei encarando seu olhar penetrante. O castanho achocolatado com reflexos dourados não parecia mais tão divertido.

Engoli em seco e olhei para baixo. Com ele afastado do meu corpo, decidi que estava na hora de observar como ele abastecia o tanque. Precisava lembrar que era uma aula. Uma aula de que eu estava precisando desesperadamente.

– Você tem que pagar primeiro. Tem um cartão ou vai pagar em dinheiro?

A voz dele havia voltado ao normal. Acabaram-se os sussurros sexy no meu ouvido.

Dinheiro. Eu havia esquecido o dinheiro. Assenti com a cabeça, me abaixei para dentro do carro para pegar a bolsa e tirei a carteira. Peguei o cartão de débito e me levantei para entregá-lo a ele. Desta vez, era ele que estava olhando para a minha bunda. A ideia dele conferindo meu bumbum me fez sorrir. Um pouco alegre demais.

– Aqui – falei, entregando o cartão a ele, que percorria meu corpo com o olhar.

Ele pegou o cartão e piscou para mim. Sabia que eu o havia flagrado me olhando e estava gostando daquilo. Era um conquistador. Do tipo que uma garota inteligente devia evitar. Mas eu não era tão inteligente assim. Havia perdido a virgindade com um cara exatamente desse jeito no apartamento do melhor amigo dele. Mal sabia eu que o apartamento era, na verdade, de uma

“melhor amiga” loucamente apaixonada por ele. A história não acabou bem.

Ele estava examinando meu cartão de débito.

– Della. Gostei do nome. Combina com você. É sexy e misterioso.

Naquele instante, percebi que não sabia o nome dele.

– Obrigada, mas agora você está em vantagem. Eu não sei o seu nome.

Ele sorriu.

– Woods.

Woods. Que diferente. Eu nunca tinha ouvido esse nome antes.

– Gostei. Combina com você – respondi.

Pareceu que ele ia dizer outra coisa, mas então seu sorriso ficou sério, e ele levantou o cartão.

– A lição número um é sobre como pagar.

Fiquei vendo e ouvindo atentamente enquanto ele explicava cada passo do processo de abastecer o carro. Foi difícil não me distrair pela forma imponente como ele se portava. Fui tomada pela tristeza quando ele devolveu a mangueira à bomba de gasolina e arrancou meu recibo da máquina. Não queria que aquele momento terminasse, mas precisava seguir viagem. Depois de todo esse tempo, tinha que me concentrar em encontrar a mim mesma. Não podia parar agora, só porque um cara me havia chamado atenção num posto de gasolina. Seria uma tolice.

– Muito obrigada. A próxima parada não vai ser tão difícil – falei, pegando o cartão e o recibo e tentando desajeitadamente enfiá-los no bolso do meu short.

– Às ordens. Está passando férias aqui? – perguntou ele.

– Não. Só estou de passagem. Estou fazendo uma viagem de carro para nenhum lugar em particular.

Woods arqueou as sobrancelhas enquanto me observava por um instante.

– É mesmo? Que interessante. Já sabe o seu destino final?

Eu não fazia a menor ideia. Dei de ombros.

– Não. Acho que vou saber quando encontrar.

Ficamos ali parados em silêncio por um instante. Comecei a me mexer, quando Woods estendeu a mão e tocou meu braço.

– Jante comigo antes de voltar para a estrada. Vai escurecer em uma hora. Você não vai parar logo de qualquer maneira para passar a noite em algum lugar?

Ele tinha razão. Era uma cidadezinha agradável – costeira e sofisticada. Parecia uma opção segura. Mas eu não estava me preocupando muito com segurança, na verdade. Finalmente estava vivendo. Estava atirando a cautela ao vento. Encarei o estranho diante de mim. Não parecia seguro. Nem um pouco.

– Jantar parece uma boa. Depois talvez você possa me mostrar o melhor lugar para conseguir um quarto para passar a noite.

[1.](#) Você é meu raio de sol, meu único raio de sol. Você me faz feliz quando o céu está cinzento. (N. da T.)

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

de Julia Quinn



O DUQUE E EU

(Os BRIDGERTONS 1) Simon Basset, o duque de Hastings, acaba de retornar a Londres. Rico, bonito e solteiro, ele é um prato cheio para as mães da alta sociedade, que só pensam em arrumar um bom partido para suas filhas. Porém, ele tem o firme propósito de nunca se casar. Para se livrar das garras dessas mulheres, finge cortejar Daphne Bridgerton, a irmã mais nova de seu melhor amigo. Apesar de espirituosa e dona de uma personalidade marcante, todos os homens que se interessam por Daphne são velhos demais, pouco inteligentes ou destituídos de qualquer tipo de charme.

O sorriso malicioso e os olhos cheios de desejo de Simon tornam cada vez mais difícil para Daphne lembrar que tudo não passa de fingimento. Agora ela precisa fazer o impossível para não se apaixonar por esse conquistador que tem aversão a tudo o que ela mais quer na vida.



O VISCONDE QUE ME AMAVA

(Os BRIDGERTONS 2) A temporada de bailes e festas de 1814 acaba de começar em Londres. Ao que tudo indica, o solteiro mais cobiçado do ano será Anthony Bridgerton, um visconde charmoso, elegante e muito rico que resolve dar um basta na vida de libertino e arranjar uma noiva.

Logo ele decide que Edwina Sheffield, a debutante mais linda da estação, é a candidata ideal. Mas, para levá-la ao altar, primeiro terá que convencer Kate, a irmã mais velha da jovem, de que merece se casar com ela. Não será uma tarefa fácil.

Enquanto faz de tudo para afastá-lo da irmã, Kate descobre que o visconde devasso é também um homem honesto e gentil. Ao mesmo tempo, Anthony começa a sonhar com ela, apesar de achá-la a criatura mais intrometida e irritante que já pisou nos salões de Londres. Aos poucos, os dois percebem que essa centelha de desejo pode ser mais do que uma simples atração.

de Lisa Kleypas



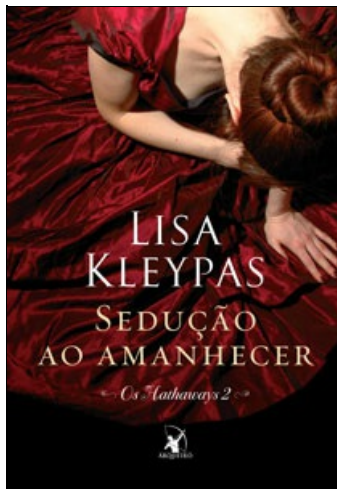
DEJO À MEIA-NOITE

(Os HATHAWAYS 1) Amelia Hathaway já perdeu as esperanças de se casar e se dedica a cuidar dos irmãos.

Certa noite, quando sai em busca de seu irmão Leo, Amelia conhece Cam Rohan. Meio cigano, meio irlandês, ele é um homem difícil de se definir e, apesar de muito rico, nunca se acostumou com a vida na sociedade londrina.

Eles não conseguem esconder a imediata atração que sentem e ficam aliviados com a perspectiva de nunca mais se verem. Mas parece que o destino já traçou outros planos.

Ao se mudar com a família para a propriedade recém-herdada em Hampshire, Amelia não faz ideia de quantas dificuldades estão à sua espera. E a maior delas é o reencontro com o sedutor Rohan, que parece determinado a ajudá-la a resolver seus problemas. Agora Amelia se verá dividida entre o orgulho e seus sentimentos. E será que Rohan estará disposto a abrir mão de suas raízes e se curvar à maior instituição de todos os tempos: o casamento?



SEDUÇÃO AO AMANHECER
(Os HATHAWAYS 2)

O cigano Kev Merripen é apaixonado pela bela Win Hathaway desde que a família dela o salvou da morte e o acolheu, ainda menino. Mais ele se recusa a assumir seus sentimentos.

Win tem a saúde fragilizada desde que contraiu escarlatina, num surto que varreu a cidade. Sua única chance de recuperação é ir à França, para um tratamento com o famoso Dr. Harrow.

Anos depois, ela retorna, restabelecida, mais bonita do que nunca... e acompanhada por seu médico, que demonstra um óbvio interesse por ela e desperta o ciúme arrebatado de Kev.

Será que Win conseguirá enxergar por baixo da couraça de Kev o homem que um dia conheceu e tanto admirou? E será que o cigano terá coragem de confrontar um perigoso segredo do passado para não perdê-la?

de Madeline Hunter



LIÇÕES DO DESEJO

(Os ROTHWELLS 1) Lorde Elliot Rothwell é um homem acostumado a fazer sucesso entre as mulheres e a conseguir tudo o que deseja delas.

Mas isso não se aplica a Phaedra Blair. A editora não parece disposta a ceder a seu pedido e cancelar uma publicação que pode manchar o nome da nobre família Rothwell.

Elliot vai a Nápoles para negociar com Phaedra. Porém, Elliot descobre que ela está presa por causa de uma acusação injusta. Graças ao prestígio da família, o nobre consegue libertá-la, mas também se torna responsável por ela até voltarem à Inglaterra.

Percorrendo juntos uma das regiões mais belas e românticas da Europa, eles vão descobrir que discordam sobre quase tudo – exceto o que fazem juntos na cama. E, nessa aula de prazer, será cada vez mais difícil saber qual dos dois tem mais a ensinar.



AS REGRAS DA SEDUÇÃO
(OS ROTHWELLS 2)

Lorde Hayden Rothwell chega à casa de Alexia Welbourne sem aviso e sem ser convidado. Sua visita anuncia a ruína financeira da família de Alexia e o fim das esperanças da jovem de um dia conseguir um bom casamento.

Para se sustentar, ela se torna dama de companhia de Lady Henrietta Wallingford e preceptora de sua filha. O problema é que é tia de ninguém menos que lorde Hayden.

Alexia descobre que a proximidade com o homem que destruiu sua família pode ser perigosamente irresistível. Num gesto impensado, ela se entrega a ele, e ambos são obrigados a se casar. O que Alexia não sabe é que seu marido esconde uma dívida de honra que pode levá-lo a sacrificar tudo.

Com tantas mágoas e segredos entre eles, o casal tem tudo para se manter afastado. Mas Hayden é um homem apaixonante e Alexia, a tentação que o faz perder a cabeça.

de Sylvain Reynard



O INFERNO DE GABRIEL

Enigmático e sedutor, Gabriel Emerson é um renomado especialista em Dante. Durante o dia assume a fachada de um rigoroso professor universitário, mas à noite se entrega a uma desinibida vida de prazeres sem limites.

Quando a doce e inocente Julia Mitchell vai fazer mestrado na Universidade de Toronto, sabe que reencontrará alguém importante – um homem que viu apenas uma vez, mas que nunca conseguiu esquecer.

Assim que põe os olhos em Julia, Gabriel é tomado por uma estranha sensação de familiaridade, embora não saiba dizer por quê. A inexplicável e profunda conexão que existe entre eles deixa o professor numa situação delicada, que colocará sua carreira em risco e o obrigará a enfrentar os fantasmas dos quais sempre tentou fugir.



O JULGAMENTO DE GABRIEL

Gabriel Emerson e Julia Mitchell se conheceram há muito tempo e anos depois eles se reencontraram na Universidade de Toronto. Gabriel era um professor enigmático, sedutor e arrogante. No entanto, o que mais fazia Julia sofrer era ele não se lembrar dela.

Mas nem mesmo o insensível Gabriel é capaz de resistir à profunda conexão que existe entre eles e logo os dois embarcam numa tórrida paixão proibida.

Após uma viagem romântica para a Itália, os dois veem seus sonhos ameaçados.

Duas denúncias junto ao Comitê Disciplinar da Universidade põem em risco o emprego de Gabriel e a carreira brilhante e promissora de Julia. Será que o professor vai ceder às ameaças ou irá lutar até o fim por sua amada? Será que essa paixão conseguirá resistir a um julgamento implacável?

Na apaixonante sequência de O inferno de Gabriel, Sylvain Reynard constrói uma bela história de amor, da qual os leitores jamais se esquecerão.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Tentação sem limites](#)

[Sobre a autora](#)

[Leia um trecho do próximo livro da autora](#)

[Conheça mais títulos da Editora Arqueiro](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)